



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2013

JORGE MANUEL LOURENÇO DE JESUS **IGNORANDO DEUS
OU
UMA VISÃO ATEÍSTA
NA LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA**





JORGE MANUEL
LOURENÇO DE JESUS

IGNORANDO DEUS
ou
UMA VISÃO ATEÍSTA
na LITERATURA de FICÇÃO CIENTÍFICA

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas Inglesas, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Aline Salgueiro de Seabra Ferreira, Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedicatória

Este trabalho é fruto de um sonho que nunca se desvaneceu, apesar das contrariedades desta coisa efémera a que chamamos Vida...

“Laborando Vincens”, de facto. Dedico-o às minhas filhotas, Eunice e Sara, para que interiorizem o significado da palavra “acreditar”.

O Júri

Presidente

Prof. Doutor Anthony David Barker

Professor Associado da Universidade de Aveiro

Vogais

Prof. Doutor Jorge Miguel Pereira Bastos da Silva

Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Arguente)

Prof^a. Doutora Maria Aline Salgueiro de Seabra Ferreira

Professora Associada da Universidade de Aveiro (Orientadora)

Agradecimentos

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria Aline Ferreira, pela sua disponibilidade, dicas literárias e espírito motivador que sempre incutiu nos comentários tecidos a cada nova investida de dúvidas da minha parte (afirma Umberto Eco, em "Como se faz uma Tese em Ciências Humanas", que não é de bom tom agradecer à Orientadora, pois essa é função dela. Evitaremos, pois, afrontas ao Sr. Eco, mas "when there is a will, there is a way");

Ao meu caro Professor de Literatura Inglesa I dos meus tempos de Faculdade em Coimbra, Doutor José Manuel Mota, por ter permitido que a minha já então paixão pela Ficção Científica voasse mais alto e ter aberto o meu espírito a uma melhor compreensão da ânsia da Humanidade em se re-pensar a si própria, através de tantas utopias e distopias. Este agradecimento é póstumo e cheio de pesar pelo seu falecimento recente e inesperado. Lamentavelmente, não testemunhou a importância que teve o seu contributo para a conclusão deste trabalho;

Aos meus Pais, pela renovada ajuda e compreensão, recordando tempos idos; ao meu mano “novo” e cunhada;

Aos meus Amigos (as) pelo apoio moral e ânimo transmitidos, e aos/às colegas da Escola Secundária de Afonso de Albuquerque na Guarda, pelas elucidativas e intensas sessões de Latim e de Biologia/Genética recebidas durante esta minha caminhada académica; um abraço especial aos meus amigos de longa data, Doutor José Carlos Fonseca e Paula Rebelo, sua esposa;

À Luísa, a minha companheira neste percurso de mestrado e de vida sentimental, pela sua dedicação e presença de espírito, pela sua entrega incondicional e cumplicidade, neste deserto chamado mundo que não pára de crescer. Como afirmava Vergílio Ferreira, “Só para ter existido, valeu a pena existir”.

Palavras-Chave

Ateísmo, Literatura, Ficção Científica, Religião, Deus, Genética, Ciência, Utopia, Distopia, Futuro, Cristianismo.

Resumo

Na Ficção Científica, as sociedades ou civilizações que evoluíram utopicamente para estados ou estilos de vida perfeitos, perfilam duas categorias maiores, diametralmente opostas: 1) ou se afastam consciente e voluntariamente de um paradigma religioso 2) ou tendem a criar uma matriz deísta que se constitui como a base de sustentação de toda a sua existência, sem a qual (apenas em teoria, como é sabido) nada sobreviveria.

Por outro lado, é nossa convicção que, na vida real, o espaço reservado a uma vertente mais metafísica ou espiritual se rarefaz, porquanto a Ciência vai (lenta, gradual e inexoravelmente) dando resposta a enigmas que os nossos antepassados, durante anos, séculos ou milénios consideravam insolúveis. A perspectiva conivente e intencionalmente redutora transmitida desde sempre pela Religião cria, ainda hoje, uma inércia mental no que diz respeito à demanda de respostas fora de um domínio dogmático, porque determinada pela fé e pelas normas de um qualquer “establishment” religioso...

Num enquadramento teórico que contempla um compromisso quase impossível de assumir actualmente entre a Ciência e a Religião, o presente trabalho propõe-se estudar e reflectir sobre concepções de futuro científico-teológicas em várias obras de Ficção Científica, à luz de uma visão assumidamente Ateísta. Procurámos, consequentemente, fundamentar a pouca credibilidade (em termos filosóficos ou de narrativa) que assumem as representações de entidades divinas e argumentar em defesa da ausência de um Deus Criador, tal como ele é concebido pelo Cristianismo.

Mostramos, enfim, o paradoxo (latente ou declarado) na co-existência de argumentos científicos e religiosos para a concepção e existência de vida no Mundo, confrontando esse mesmo paradoxo com a visão paralela apresentada pelos autores de Ficção Científica, na criação de mundos fantásticos futuros.

Keywords

Atheism, Literature, Science Fiction, Religion, God, Genetics, Science, Utopia, Dystopia, Future, Christianity.

Abstract

In Science Fiction, the societies and civilizations which have evolved into utopian, perfect states and lifestyles feature two major categories, standing in completely opposite fields: 1) either they have set themselves apart – deliberately and aware of it - from a religious paradigm 2) or they have fully embraced a theist matrix which ends up being the only anchor the society relies upon to survive (though we know this is only true in theory).

On the other hand, it is our belief real life is keeping less and less space for a metaphysical and spiritual standpoint; Science has been accounting for a slow, but gradual and inexorable set of answers to questions our ancestors – years, centuries or even millennia ago – believed to be unanswerable. The incomplete and feeble accounts conveyed to us (nowadays still) by Religion nurture a state of permanent mental inertia. An installed, living dogma prevents us from moving beyond established faiths and religious establishments, in a quest for truths...

From within a theoretical framework which hardly concedes any compromise between Science and Religion these days, the work at hand aims to study and reflect upon future visions - based on scientific as well as theological principles - depicted in several Science Fiction works. For that purpose, we take up an assumed Atheist perspective seeking to prove the lack of credibility (both philosophically and in terms of narrative) of divine entities as well as the absence of a god, in the manner that it is conceived by the Judea-Christian tradition.

Last but not the least, we show how paradoxal – and unlikely - it may be to simultaneously come up with scientific and religious arguments to conceive life in the universe, as it is also portrayed by Science Fiction writers, whenever fantastic and parallel future worlds are designed.

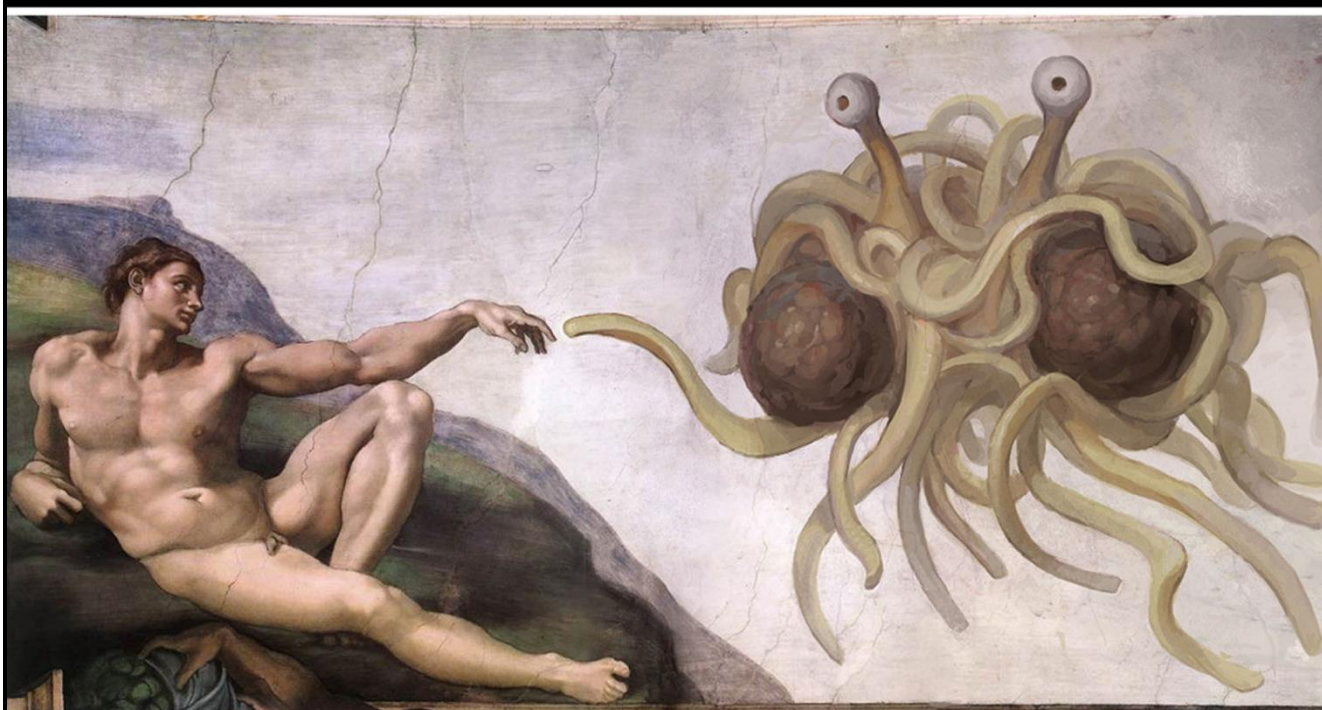
ÍNDICE DE CONTEÚDOS

PARTE 1: PREÂMBULO	1
1.1 ÂMBITO (Pertinência, Hipóteses e Limitações do Estudo)	5
1.2 METODOLOGIA (Abordagens, Procedimentos e Técnicas de Pesquisa)	7
1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	8
PARTE 2: DIVINDADES?	11
2.1 LOUVADA SEJAS, ESTULTÍCIA	16
2.2 “IGNOSENDO DEO!”	19
2.3 DEUSES COMO HOMENS	23
2.4 CASOS DE ESTUDO	26
2.4.1. LUMEN, de Camille Flammarion (1887)	27
2.4.2. BRAVE NEW WORLD, de Aldous Huxley (1932)	30
2.4.3. THE MAN, de Ray Bradbury (1948)	34
2.4.4. ANSWER, de Fredric Brown (1954)	36
2.4.5. BEHOLD THE MAN, de Michael Moorcock (1969)	38
2.4.6. VALIS, de Philip K. Dick (1981)	41
PARTE 3: MITOS DA CRIAÇÃO	47
3.1 A TEORIA DE GAIA	52
3.2 UTOPIAS RELIGIOSAS	55
3.3 ESTRELAS, A MINHA ORIGEM	59
3.4 CASOS DE ESTUDO	62
3.4.1. FRANKENSTEIN, de Mary Shelley (1818)	62
3.4.2. REASON, de Isaac Asimov (1941)	69
3.4.3. FOR I AM A JEALOUS PEOPLE!, de Lester Del Rey (1954)	73
3.4.4. SOLIPSI, de Fredric Brown (1954)	78
3.4.5. ASSUMPTION, de Desmond Warzel (2010)	81
3.4.6. ACORDAR O PROFETA, de João Leal (2012)	84
PARTE 4: ESCATOLOGIA	87
4.1 “APOKALYPSIS”	90
4.2 “BEN – ‘ADAM’”	93
4.3 ENTROPIA	95
4.4 CASOS DE ESTUDO	98
4.4.1. THE MACHINE STOPS, de E. M. Forster (1909)	99
4.4.2. THE NINE BILLION NAMES OF GOD, de Arthur C. Clarke (1953)	103
4.4.3. THE PLAYERS OF NULL-A, de A. E. Van Vogt (1956)	107
4.4.4. THE HEAT DEATH OF THE UNIVERSE, de Pamela Zoline (1967)	111

4.4.5. SHALL THE DUST PRAISE THEE?, de Damon Knight (1967)	115
4.4.6. THE ABDICATION OF POPE MARY III, de Robert J. Sawyer (2000)	117
PARTE 5: EPÍLOGO	121
5.1 “IF COWS HAD GODS...”	123
5.2 “TO BOLDLY GO”	124
5.3 “THOU SHALL KEEP THY RELIGION TO THYSELF!”	127
PARTE 6: BIBLIOGRAFIA	131
6.1 ‘CORPUS’ LITERÁRIO ESTUDADO	132
6.2 BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA	134
6.2.1. Edições em Carbono	134
6.2.2. Páginas Web	141
6.2.3. Ensaaios, Palestras, Teses, Dissertações	145
PARTE 7: APÊNDICES E ANEXOS	147
APÊNDICE A	149
APÊNDICE B	151
ANEXO A	159

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<i>Ilustração 1 - Logótipo gentilmente cedido pela organização Atheists International.....</i>	<i>i</i>
<i>Ilustração 2 - Desenho representando o Monstro da Esparguete Voadora e simbolizando o mito religioso da criação da espécie humana. Os créditos vão para a "Church of the Flying Spaghetti Monster" que gentilmente autorizou a sua utilização (http://www.venganza.org).....</i>	<i>xviii</i>
<i>Ilustração 3 - "Resurrection of Gaia", de Billy Bogiatzoglou (c) 2012.....</i>	<i>53</i>
<i>Ilustração 4 - Imagem conceptual da nave espacial DAWN na sua missão de estudar os corpos celestes Vesta e Ceres. Cortesia da NASA/JPL-Caltech.</i>	<i>59</i>
<i>Ilustração 5 - O Físico Teórico Michio Kaku e a "sua" re-escrita do Mito da Criação.</i>	<i>60</i>
<i>Ilustração 6 - Criando "a spark of life" com o Galvanismo e os rudimentos da Bio-Electricidade. "A creature made of dead meat bound together with wire." (Ridley Scott).</i>	<i>96</i>
<i>Ilustração 7 - Imagem conceptual do fim do Universo por Entropia. Cortesia de Evan Ackerman, em http://www.dvice.com/archives/2012/07/time_crystal_co.php.</i>	<i>96</i>
<i>Ilustração 8 - Retrospectiva histórica da Ficção Científica - Quadro Conceptual manuscrito (2ª Versão).</i>	<i>146</i>



WE WANT TO BELIEVE

PARTE 1: PREÂMBULO

*"When one person suffers from a delusion,
it is called Insanity.
When many people suffer from a delusion,
it is called Religion."*

*ROBERT MAYNARD PIRSIG,
"Zen and the Art of Motorcycle Maintenance",
(1974)*

Alguns acreditam que a Ficção Científica, enquanto gênero literário, representa uma esfera de significados indubitavelmente marginal, ainda que esteja solidamente associada à vida quotidiana. Outros¹, crêem que aquela, enquanto forma de arte, dedicada por excelência ao estudo das implicações humanas causadas pelas mudanças na Ciência e na Tecnologia, se constitui como o mais importante e moderno gênero

¹ Eric S. Rabkin, Professor de Língua e Literatura Inglesas na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, apresenta, desta forma e em traços muito gerais, um curso livre por si leccionado sobre literatura de Ficção Científica.

literário de massas. Incontornável, todavia, parece ser a constatação de que a marcha de ambas, seguindo trilhos individuais e distintos, “construiu” a humanidade desde a Idade da Pedra, fazendo uso da linguagem.

Ao analisarmos o conteúdo da Ficção Científica, apercebemo-nos igualmente de relações singulares e intensas entre ela e a religião. Essas relações dizem respeito não só a elementos formais muito próprios do pensamento utópico, mas também a estruturas materiais do mundo, nas suas dimensões temporais, espaciais e sociais. Os temas da Ficção Científica e da Religião têm, de facto, raízes comuns: os limites do mundo vivo. No entanto, ao se permitir ultrapassar as fronteiras do quotidiano, das suas origens e do seu destino, a Ficção Científica opera uma espécie de desencanto da esfera do religioso, ao efectuar a substituição de uma afirmação divina tradicional e das “certezas” que ela encerra por uma especulação sem limites (por muito radical que pareça esta afirmação, recordemo-nos que Ludwig Wittgenstein afirmava que os limites do nosso mundo coincidiam com os limites da nossa linguagem. Na nossa afirmação, “apenas” nos propomos dilatar essa margem para os limites da nossa imaginação...).

Uma história é habitualmente contada, ainda que se constitua como um verdadeiro anátema, sobre o piloto e astronauta soviético Yuri Gagarine quando em certa altura afirmou - alegadamente - que Deus não existia, pois não o conseguia ver da janela do seu módulo lunar, em pleno vôo espacial. Hoje em dia, tal argumento parecerá um pouco trivial aos nossos olhos. Todavia, antes da era moderna, os céus eram assunto exclusivo da religião e as histórias de seres humanos a viajar eram apresentadas por visionários com uma visão apocalíptica, não por astronautas. Curiosamente, não será preciso indagar muito antes de encontrarmos uma ficção científica a incorporar temas religiosos nas suas narrativas, nem uma certa religião a pretender aflorar aspectos que mais parecerão de pura ficção...!

Muito sucintamente, um exemplo a ilustrar a primeira situação é encontrado na série ficcional de temática religiosa LEFT BEHIND, que narra os últimos dias na Terra após a Segunda Vinda de Cristo e que nos familiariza com investigadores de fenómenos

paranormais (a fazer lembrar Fox Mulder e Dana Scully, dos incontornáveis Ficheiros Secretos) e onde, em dado momento, uma conspiração secreta a nível mundial - latente, mas inevitável e apocalíptica - parece instalar-se.

Da segunda, referir apenas o ETHIOPIC BOOK OF ENOCH², exemplo perfeito de literatura antiga, igualmente apocalíptica, e que explora a temática do cruzamento entre humanos e espécies alienígenas, mas com o anúncio profético de catástrofe irremissível em tal colaboração e procriação inter-racial, apesar das vantagens pseudo-óbvias em termos de tecnologia revelada!

Uma outra questão igualmente estimulante e pertinente seria reflectirmos sobre uma inteligência artificial plenamente amadurecida. Compreendemos tão pouco, enquanto raça humana, sobre o funcionamento da nossa mente que qualquer tentativa para determinar se uma máquina conseguiria possuir uma experiência subjectiva semelhante de auto-consciência estaria, à partida, condenada a um fracasso contundente. Seja como for, não conseguiremos impedir que tais questões se coloquem legitimamente... ainda que, *a priori*, tenhamos resolvido adequadamente uns quantos mistérios filosóficos. Talvez a própria relação futura com criações nossas esteja menos dependente de capacidades de programação e mais dependente de capacidades parentais...

Em suma, ambas - Religião e Ficção Científica - contam histórias que parecem querer encontrar o lugar do ser humano no mundo, a verdadeira natureza do Bem e do Mal, o futuro da humanidade e, por vezes mesmo, a origem da nossa existência. Mas o paralelo é mais do que uma mera coincidência: os cenários de ficção científica imaginam frequentemente o futuro da tecnologia, facultando assim um óptimo ponto de partida para uma discussão de natureza ética, entre outras coisas, sobre o maniqueísmo inconsequente entre o Bem e o Mal. Bastaria que nos recordássemos da

² O "Primeiro Livro de Henoc", conhecido pela sua versão em Etíope (e, mais tarde, pelas traduções gregas de alguns capítulos importantes e de algumas citações feitas por Jorge Sincelo, autor bizantino) teria sido escrito por Henoc, um antepassado de Noé, contendo profecias e revelações (de um total de três livros). No sítio arqueológico de Khirbet Qumram, em Israel, foram encontradas sete cópias que foram atestadas pela versão Etíope como fazendo parte da herança deixada pela comunidade Nazarita do Mar Morto, em Engedi (sul de Jerusalém).

saga STAR WARS, para que após uma análise mais superficial (porque linear) do argumento de um rapaz com sede de aventuras espaciais que se apaixona por uma princesa, nos víssemos confrontados com uma linha narrativa mais complexa de uma relação Pai-Filho, em que o Mal não será vencido matando apenas os "maus", mas que a redenção de heróis caídos em desgraça, moralmente falando, abrangem uma temática existencial(ista).

A Ficção Científica (doravante, também indicada por SF – “Science Fiction”) possibilita, estamos convictos, a identificação de marcas culturais. Embora aconteçam num futuro mais ou menos longínquo, as histórias de SF reflectem e permitem que se teçam comentários sobre a época em que são escritas. Se levarmos em linha de conta a série para televisão STAR TREK (mais especificamente, as suas sequelas), as séries-temporadas “Next Generation” e “Deep Space Nine” adquirem traços típicos de uma escrita pós-modernista: cada raça tem a sua própria cultura e traços que a demarcam das restantes, inclusivamente em termos religiosos.

No entanto, como demonstramos ao longo desta dissertação, raramente é feito um esforço no sentido de fornecer uma explicação de carácter científico para os eventos sobrenaturais que vão sendo narrados, levando os leitores a concluir que a ciência não terá todas as respostas. Na nossa singela opinião, esta visão religiosa das obras (contos, novelas ou mesmo romances) de Ficção Científica está longe de ser convincente e credível, porquanto, a Religião será – até que alguém se digne provar o contrário! - fruto da Fé em entidades atemporais e a-espaciais que justificam a existência de tudo o que nos rodeia neste planeta, pois a visão teocêntrica descarta confortável e liminarmente a existência de vida noutro ponto deste cosmos imenso e infinito.

Ousamos, mesmo, afirmar que a Ciência é corrosiva para a multiplicidade de religiões, pois quando nos socorremos de conceitos de Biologia e da Genética para compreendermos o percurso e evolução dos seres vivos no Planeta (nomeadamente, a Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, em pleno século XIX), aqueles abrem um fosso ainda maior na frágil e inconsequente posição religiosa judaico-cristã

da criação do Homem à imagem da Divindade. Não partilhamos da opinião de Blake³ que

Man must and will have some Religion; if he has not the Religion of Jesus, he will have the Religion of Satan and will erect the synagogue of Satan, calling the Prince of this world God, and destroying all who do not worship Satan under the name of God.

Ainda que concordemos com Maria Irene Ramalho⁴ que...

Ser Homem é sentir, um dia, o mistério do Universo à nossa volta, sentir o nosso próprio mistério no mais íntimo do nosso ser, levantar a eterna interrogação humana sobre a Natureza e sobre o Homem e exigir avidamente uma resposta. Interrogar-se é procurar ansiosamente a Verdade. É recusar seguir, cega e instintivamente, uma vida caprichosamente boa ou má, é exigir para o Mundo um sentido e, para si, uma razão de Ser”,

fazêmo-lo convictos de que a nossa existência efémera, complexa mas fruto de um qualquer acaso astronómico, deve ser assumida racionalmente e sem recurso a manifestações sobrenaturais de divindades, misticismos, comportamentos tribalistas ou ritos bárbaros outrora incentivados.

Daí, a abordagem eminentemente ateísta que se adoptará ao longo deste trabalho. É que...

It has been said before: we are all atheists about most of the gods that humanity has ever believed in. Some of us just go one god further.

RICHARD DAWKINS

1.1 ÂMBITO (PERTINÊNCIA, HIPÓTESES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO)

Vários são os problemas levantados ou as hipóteses elaboradas no domínio deste estudo: que manifestações do Divino surgem na literatura de Ficção Científica? Qual o lugar do misticismo e da espiritualidade nestas sociedades do futuro? Serão as

³ Citação de William Blake (1757-1827) apresentada na Tese “Blake e a Religião” – Ver nota seguinte.

⁴ Excertos retirados da Tese “Blake e a Religião” (1964), da autoria da Doutora Maria Irene Ramalho, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Vide Bibliografia, Secção 6.2.3).

divindades antropomórficas as únicas que poderão co-habitar com as exibições de capacidades tecnológicas? Estas questões são localizadas no Espaço, mas também no Tempo.

Ao longo desta dissertação, envidamos esforços para apresentar em cada capítulo uma vertente diferente, tratada à luz da Ficção Científica e do Ateísmo. A relevância dos mitos na Criação, por exemplo, não foi descurada, uma vez que dos primeiros "Scientific Romances" consta a germinal obra "Frankenstein" de Mary Shelley, que estabelece de forma absolutamente magistral a base para temas fulcrais como a importância do Mito, a existência de um Deus, e o livre-arbítrio humano.

Na realidade, a perpetuação de um Prometeu moderno (entenda-se aqui a referência ao sub-título da obra atrás referida) que poderá salvar ou aniquilar a raça humana (ou a sua própria raça, pela mão do Dr. Moreau como em *The Island of Doctor Moreau* de H. G. Wells) daria o mote para um sub-género da SF em que se ponderam os desastres que provêm de cientistas reclamarem para si o papel de “deuses”. Perguntamo-nos se a prática fará a perfeição...

Em suma, o nosso objectivo neste trabalho é desvelar uma visão ateísta sobre a literatura de Ficção Científica – um estudo atento com recurso a áreas como a Religião, a Ciência, a Genética e a Filosofia - enquanto género por excelência para uma reflexão sobre o propósito da humanidade à face do planeta Terra.

Estamos, todavia, cientes das inúmeras limitações do presente Estudo desde o primeiro momento da sua concepção: o corpus literário escolhido é ínfimo, relativamente à vastidão da produção literária de Ficção Científica alguma vez publicada. Se a isso acrescentarmos o facto de nos referirmos quase exclusivamente a obras em língua inglesa, este projecto de estudo parecerá ainda mais redutor e insignificante... Já para não referir a possibilidade que afastámos logo (quase) desde o início, de recorrermos à produção cinematográfica que, em termos de imagem, poderia constituir uma mais-valia para o tratamento do presente tema. Talvez num futuro projecto de estudo...

1.2 METODOLOGIA (ABORDAGENS, PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DE PESQUISA)

O Método é o caminho trilhado pelo investigador, desde o início da sua pesquisa (com a formulação de um qualquer problema) até ao fim do seu projecto (com a comprovação da hipótese formulada).

Para este Estudo, o método de abordagem escolhido implicou um raciocínio hipotético-dedutivo (tal como foi desenvolvido originalmente por Karl Popper), no qual se elegem proposições hipotéticas potencialmente viáveis para responder a um determinado problema. Após a eleição dessas hipóteses, procura-se o seu falseamento, de modo a comprovar a sua sustentabilidade. Para que o investigador chegue a refutar uma hipótese, ele deverá actuar de forma crítica, embora o próprio Popper tenha, ainda em vida, chegado a afirmar que é impossível atingirmos a verdade, pelo que nos ficamos por fortes probabilidades.

Utilizar o método dialéctico (para o qual Hegel contribuiu de forma determinante, já no século XIX) como raciocínio, implicou a construção de conceitos para diferenciar alvos de pesquisa; o investigador é, assim, colocado perante uma verdade que deverá ser contradita e confrontado com outras realidades e teorias, com o intuito de se obter uma conclusão, i.e., uma nova teoria.

Ambos os métodos nortearam a busca de elementos que pudessem permitir apurar qual o grau de credibilidade e verosimilhança da presença de um deus ou deuses nas narrativas analisadas, bem como das eventuais alternativas à antropomorfização dessas mesmas divindades.

Os procedimentos constituem etapas mais concretas da pesquisa, envolvendo conceitos menos abstractos. Por conseguinte, relacionam-se mais com as fases da pesquisa e menos com o seu plano geral. O procedimento histórico (evolutivo) contempla o acompanhamento da evolução do objecto de estudo ao longo da História – o que no nosso caso concreto, implicou a forma como as entidades divinas são representadas em diferentes obras literárias de diferentes épocas.

O procedimento comparativo consiste no confronto entre elementos, levando em consideração os seus atributos. Deste modo, os dados são recolhidos a fim de obter diferenças ou semelhanças que possam ser constatadas e, eventualmente, categorizadas.

As técnicas de pesquisa empregues no desenvolvimento do nosso Estudo foram as que nos permitiram um contacto directo quer com o *corpus* literário (a bibliografia foi seleccionada atendendo a critérios temáticos, não ao estatuto ou carisma dos seus autores) quer com as fontes que melhor contextualizavam e categorizavam as respectivas narrativas (enciclopédias da especialidade, resenhas bio-bibliográficas, compêndios de filosofia, bíblias, tratados de astronomia, apontamentos de genética e explicações de física quântica, entre outras).

1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O âmago do presente trabalho segue a estrutura clássica de 5 partes:

- Uma Introdução (intitulada de Preâmbulo) onde se clarificam o âmbito, a pertinência, as hipóteses levantadas por este Estudo e as inevitáveis limitações que acompanharam e pressupõem a realização do mesmo;
- Três capítulos onde se procura desenvolver e fundamentar a temática que serve de título a esta dissertação, articulando os elementos-chave que considerámos pertinentes tratar (Ateísmo, Literatura, Ciência, Religião), à luz do género conhecido como Ficção Científica. Vagamente inspirados na estrutura do Novo Testamento da Bíblia Cristã, os capítulos percorrem as temáticas da hipotética existência de uma entidade divina, a génese da raça humana e o seu fim(?), temáticas que são, também elas, abordadas nas obras seleccionadas - contos, novelas e romances;
- Uma conclusão (denominada Epílogo) onde se procura sistematizar um conjunto de ideias, bem como estabelecer o que poderão ser pontos de partida para pesquisas vindouras.

No fim, criaram-se duas secções adicionais:

- uma secção de Bibliografia (dois índices bibliográficos – o primeiro, de obras estudadas; o outro, de obras lidas e consultadas);
- uma secção de Apêndices e Anexos, com os fins óbvios de consulta e arquivo, contendo material suplementar passível, na nossa modesta opinião, de ser interessante, mas que não foi relevante incluir no Estudo propriamente dito.

PARTE 2: DIVINDADES?

- *"We're not gods, Simon!"*

- *"20 million deaths on our shoulders, isn't that what you said?
If that doesn't qualify us for Godhood, tell me, what does?"*

*Série de TV "FLASHFORWARD", Episódio 8,
Baseada na obra homónima de ROBERT J. SAWYER*

A Ficção Científica de carácter religioso existe entre nós há tanto tempo quanto homens e mulheres têm contado histórias fantásticas por puro entretenimento. De facto, os registos de narrativas de ficção compreendidos entre o período do Iluminismo até meados do Século XIX pareciam querer ir além das questões empíricas (com as quais os cientistas se ocupavam demoradamente) para lhe fazerem associar um imaginário religioso credível e que providenciasse plenitude. Ora, de relance e em termos objectivos, esta ficção religiosa pouco ou nada teria a acrescentar a

um debate sério sobre ilusão e realidade. Contudo, o antagonismo instalado em finais do Século XIX e inícios do Século XX, entre as dimensões científica e religiosa seria agudizado pelas controvérsias alimentadas pela Evolução Darwiniana... Quer a narrativa se inclinasse para a reconciliação, quer se inclinasse para o conflito.

Autores como James F. McGrath (*Religion and Science Fiction*, 2011) relatam como a ligação entre a religião e a ficção científica se tornou já matéria de discussão entre académicos. Uma e outra, defende McGrath, constituem-se ambas como matérias de estudo nas áreas da Literatura, estudos cinematográficos, História, Filosofia, Ontologia, Teologia, Estudos Culturais e muitas outras.

Contudo, as “novas” religiões³ (tal como as milenares, argumentamos nós) transportam consigo a marca indelével da Ficção Científica. Será que o traço característico da Ficção Científica de questionar tudo de forma paradoxal acabou por ter algum mérito, sendo aplicado a questões de Fé...?

Se nos esquivarmos um pouco à necessidade de recuperar retrospectivamente o âmbito e as várias versões que a designação final “Science Fiction” conheceu, precisaremos ainda assim de mencionar expressões como “Scientific Romance” ou “Scientifiction”⁴ e a importância que assumiram em dado momento da História. Considerada já como literatura especializada nos anos 50 do Século XX, a Ficção Científica começará a desenvolver uma forma própria de responder a certas questões sociais e criará uma visão mais abrangente do alcance da ciência. Escritores e editores importantes como o americano John Campbell Jr., preferirão explorar os efeitos dos novos mundos tecnológicos nas pessoas - o que se constituía como uma novidade - já que o foco das atenções do visionário e carismático autor luxemburguês Hugo Gernsback era até então a tecnologia em si, as suas possibilidades e os seus limites.

A distinção elementar que se impõe fazer neste momento é a de “Hard Science Fiction” e “Soft Science Fiction”. A primeira encontra a sua razão de ser na

³ Não podemos avançar com números exactos ou uma estimativa minimamente fiável de novas religiões, mas apenas em Portugal, um estudo (“As Novas Religiões em Portugal”, Lorine Ribau Amarante, Coimbra, 2010) mencionava, entre outras, a “Nova Presença Islâmica”, a “Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” e a “Igreja Adventista do 7º Dia”.

⁴ Em 1926, o editor da primeira e recém-lançada revista *Amazing Stories*, Hugo Gernsback, cunha o termo para tentar dar conta de dois conceitos que eram vistos, então, como campos epistemologicamente opostos. Seguindo a sua formação técnica como engenheiro, o tipo de ciência à qual Gernsback se remetia era fruto da tradição criada com a Revolução Industrial, surgida em meados do século XIX.

contemplação de uma absoluta vastidão cósmica, recorrendo para isso a instrumentos da Ciência que serão o mais reais ou verosímeis possível, por forma a legitimar todas as extrapolações subsequentes. Por seu turno, esta “Hard SF” acabaria por se definir a si própria por oposição a uma ‘Soft SF’: histórias de super-poderes competem com narrativas de seres pós-humanos, que por sua vez envolverão alienígenas, inteligência artificial, transcendência corpórea e Percepção Extra-Sensorial, bem como ciências como a Psicologia ou a Sociologia. Este é o terreno fértil que permeabiliza a possibilidade da literatura se expandir em variáveis quase infinitas na projecção dos nossos sonhos e pesadelos em utopias e distopias, respectivamente. Todas as culturas existentes exibem o sonho de um lugar a partir do qual toda a Existência teria origem. A ser assim, as utopias ou distopias passariam a ser descritas como “utopias ambíguas” ou “distopias críticas”; por outras palavras, ficções de mundos que podem ser “lidos” como bons ou maus, dependem da interpretação feita por quem as lê. Regressaremos a esta temática para a desenvolver, quando abordarmos os mitos da criação e nos apercebermos como a Religião contamina tudo à sua volta.

Concentremo-nos, por instantes, na citação da obra de Sawyer que abriu o presente capítulo: a usurpação do estatuto de Deus adivinha-se na fala de uma das personagens, um cientista que, em nome da Ciência, parece não conhecer quaisquer limites morais. Mas a fala da personagem está impregnada de algo ainda mais terrível e, malogradamente, real: a ideia de que em nome de Deus ou pela Sua mão, se cometem os crimes mais hediondos (de que a História possui vergonhosamente registo!). Essa imitação de Deus a que Gabriel McKee chama de “pretenders to divinity” está latente por ser uma ambição extemporânea da raça humana: os imperadores romanos eram postumamente elevados ao estatuto de deuses; nas mitologias Grega e Hindu, era crença declaradamente assumida que só a pessoa humana poderia ser Deus e os exemplos sucedem-se ao longo da História, numa multiplicidade de culturas e povos, pois o culto da perfeição é-lhes inerente.

Facilmente se compreende, portanto, que em termos religiosos, a adoração de uma entidade divina seja condição prioritária para a salvação da Humanidade. “Deus disse

a Moisés: 'EU SOU AQUELE QUE SOU'. Assim dirás aos filhos de Israel: 'Eu sou' enviou-me a vós!'", podemos ler no Antigo Testamento da Bíblia Cristã (Êxodo, 3:14). Todavia, a leitura que fazemos difere da instituída pelo *status quo* religioso: nenhum ser é tão perfeito que não possa ser questionado. Em consciência, as imagens dos deuses são meras versões aumentadas da existência humana. Não foi o Deus Cristão que criou o homem à sua imagem e semelhança; foi a Humanidade que desde cedo teve necessidade de o antropomorfizar com o intuito de encontrar aos fiéis um objecto de culto e de vício, ou não fosse uma qualquer religião, o ópio do povo! Se partirmos desta suposta realidade para um género literário que, por excelência, questiona o papel do desconhecido na formação da raça humana, toda e qualquer representação de uma entidade criadora/destruidora (na qual, imagine-se, o deus católico também se inclui!) irá subjugar e castigar os humanos pelas suas más acções, ao destruírem o planeta. Inclusive o monstro anfíbio, semi-réptil, semi-baleia mais conhecido como *Godzilla* (sem qualquer gralha tipográfica) uma força protectora da natureza surgida do imaginário japonês, teve a sua palavra a dizer (ou antes, um rugido...) num completa epifania, ao se revelar vindo das profundezas dos oceanos.

A propósito do Cristianismo, o acutilante e infelizmente falecido jornalista-escritor Christopher Hitchens questionava: "O que poderemos enfim pensar de uma religião que descreve os seus seguidores como 'rebanho'?". Provavelmente, aquilo que muitos já saberão... que a Religião é um produto do Homem e que, como tal, é perversa e incongruente e inacabada e conflituosa como Ele:

There is no need for us to gather every day, or every seven days, or on any high and auspicious day, to proclaim our rectitude or to grovel and wallow in our unworthiness. We atheists do not require any priests, or any hierarchy above them, to police our doctrine. (...) to the ostentatious absurdity of the pilgrimage or the plain horror of killing civilians in the name of some sacred wall or cave or shrine or rock, (...) ⁵.

E que oportunidade fantástica essa, a de poder frequentar as eucaristias diárias ou dominicais, para nos deliciarmos com os testemunhos dos apóstolos que, sem saber, conseguiram uma entrada triunfal no círculo restrito dos Evangelhos Sinópticos. Pior sorte teriam os que se aventuraram a relatar a vida de Jesus enquanto criança ou os

⁵ Christopher Hitchens, *god Is Not Great*, Hachette Book Group, 2009 (página 6).

destinos de Maria ou da Meretriz Magdalena. Esses evangelhos, os Apócrifos, os escondidos, permanecê-lo-ão nas trevas até uma qualquer eternidade, por decisão... bem, de outros homens mais iluminados⁶, talvez pela Luz Divina.

Dos quatro Evangelhos Canónicos – segundo Lucas, João, Mateus e Marcos – defendem os estudiosos ser este último o menos sofisticado, literariamente falando. Mas embora deixasse de lado relatos importantes como o Sermão da Montanha e várias das suas parábolas, os estudiosos da Bíblia descobriram ser o evangelho que havia sido escrito em primeiro lugar, logo, servindo como fonte fidedigna de informação para os escritos de Mateus e Lucas.

O presumível autor do Evangelho de São Marcos, João Marcos, conhecia Pedro, o discípulo mais próximo de Jesus. De facto, Marcos foi o historiador do Novo Testamento que mais de perto testemunhou a vida de Jesus, a sua palavra e a sua crucificação. E nem a má qualidade da sua prosa, assumida pelos seus estudiosos, o impediu de ser considerado historicamente um dos mais importantes livros do Novo Testamento.

A história de São Marcos apresenta-nos Jesus já como adulto, com as palavras “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”⁷ (Mateus 1:1). Fala-nos depois de João Baptista que o purifica com água, após o qual o Espírito Santo o reconhece como Seu Filho (1:11). Depois de partir para parte incerta, onde Satanás o desafia durante 40 dias, Jesus regressa triunfante.

Estas passagens bíblicas e os dados fornecidos nos sub-capítulos seguintes fornecerão o enquadramento de que necessitamos para abordarmos as histórias de Ficção Científica que seleccionámos como casos de estudo.

⁶ Como Santo Atanásio de Alexandria, que elaborou a lista dos 27 livros do Novo Testamento em 367 d.C., lista essa que ainda hoje vigora.

⁷ O Prefácio de 1996 à *King James Version* (1611) da Bíblia Sagrada alerta os seus leitores para o facto de que cada bíblia é o produto de diferentes grupos de interesse e a sua tradução disso é reflexo. A *New Living Translation* datada de 2007, redige a passagem acima indicada da seguinte forma: “This is the Good News about Jesus the Messiah, the Son of God”.

2.1 LOUVADA SEJAS, ESTULTÍCIA

Para compreender o elemento transcendente da realidade externa, a actividade racional do ser humano é composta por dois elementos distintos: o primeiro, o Raciocínio (ou Razão) que depende da profundidade do inconsciente do sujeito pensante e de etapas sucessivas de conhecimento para chegar ao conceito pretendido; e o segundo, a Intuição, responsável por uma percepção global e instantânea da realidade percebida e que não necessita de provas para reconhecer o que os dados dos sentidos lhe facultam.

Todavia, acreditamos que esta experiência do transcendente é, de alguma forma, deturpada e viciada pela autoridade das instituições sociais ou de auto-proclamados líderes espirituais. Tomemos o Cristianismo como exemplo: como a maior parte das religiões, esta apresenta uma concepção idealista da vida. O Universo é a Ideia – Criação de Deus – e os diversos aspectos da existência são manifestações infinitas do Pensamento Divino. Ao ser humano compete orientar a sua vida no sentido de, através do Pensamento, se aproximar cada vez mais do Pensador, cuja contemplação depois da morte constitui a Suprema Felicidade. A Religião seria, pois, uma resposta às interrogações humanas.

William Blake (1757-1827), o poeta místico e pintor do período Romântico inglês, encontrou na sua Imaginação o sentido de transcendência da sua Religião, que ele considerou a resposta única e absoluta a todas as perguntas da Humanidade.

Este precisava de uma explicação de Si e do Mundo, interrogando o Universo à sua volta e interrogando-se a si próprio, como Santo Agostinho⁸: "Tu Quis Es?" [*Confissões*, Livro X, Capítulo 6, 25]. Neste misto de questão ainda meramente ontológica ou já metafísica, a racionalidade imporá tão-só dois caminhos: ou o Homem encontra a resposta única e absoluta na Religião de Jesus e na concepção de

⁸ **Agostinho de Hippo**, (354-430 d. C.) também conhecido como **Santo Agostinho**, foi bispo de Hippo Regius (actualmente, Argélia). Filósofo e teólogo da província africana do Império Romano, é considerado um dos maiores pensadores Cristãos de todos os tempos. Os seus escritos foram determinantes no desenvolvimento do Cristianismo a Ocidente. Santo Agostinho defendia que os deuses pagãos existiam de facto, mas apenas como diabos, e que a Terra tinha menos de 6000 anos de idade. Ainda hoje, os criacionistas teimam em afirmar o mesmo...

uma vida pré-ordenada à Eternidade (orientando nesse sentido toda a sua vida terrena), ou elabora uma resposta à medida da sua Razão (a que Blake chama, de forma redutoramente maniqueísta, “Religião de Satanás”).

Esta postura e concepção religiosa muito antigas, recuperadas por Blake mas de contornos analépticos, identificamo-las com o GNOSTICISMO, de origens pré-cristãs e oriundo de uma estranha mescla desenvolvida a partir da cultura helenística⁹, com elementos de religiões e mitos do Egipto, Pérsia e Filosofia Grega. No Gnosticismo, acreditava-se existirem como que dois deuses, um deus bom e um deus mau, sendo que o mundo teria sido criado pelo deus mau (um deus menor) designado de demiurgo; este seria o Deus da Bíblia, responsável por todas as tragédias aí narradas. As almas já existiriam num universo de luz e paz (apelidado de “Pleroma”), mas algo teria feito com que esses espíritos fossem castigados e aprisionados em corpos humanos, impedindo-os de voltar ao estado inicial. A salvação dessas almas só seria possível mediante a libertação dessa prisão corpórea; ora tal só seria possível através de um conhecimento (*gnosis* ou gnose) secreto, acompanhado de rituais mágicos e práticas esotéricas sobre Deus e a Vida. Por esse motivo, os gnósticos não acreditavam na salvação por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo, tal como não acreditavam no pecado original, em anjos ou em demónios. Esta concepção de carácter intuitivo e transcendental, simultaneamente muito elevada de Deus (influência de um monoteísmo judaico), transcendente, inacessível e incognoscível, e muito baixa da Matéria, concebida como princípio e origem do Mal implicaria uma cisão, porquanto a majestosa transcendência de Deus degradar-se-ia com a criação da criatura-homem ou do mundo sensível.

A terrível heresia infiltrara-se assim no seio da Igreja, mas viria a ser energeticamente combatida pelos Apóstolos São Paulo, São Pedro e São João, mas também por Santo Ireneu (130-200 d.C.), pai da Teologia Católica, que viria a desmascarar o carácter

⁹ Designa-se por período helenístico (helenismo greco-romano, para sermos mais exactos) o período da história da Grécia e de parte do Oriente Médio compreendido entre o Século II a.C. (com a morte de Alexandre Magno, a grande figura da história da civilização universal, em 323 a.C.) e o Século V d.C. [Fonte: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 1981].

pseudo-cristão do gnosticismo, acelerando deste modo a eliminação dos seus adeptos e expondo-os na sua obra "Contra os Hereges".

Este breve apontamento histórico encontra a sua pertinência no facto de ser possível afirmarmos que, durante toda a Idade Média¹⁰, a Filosofia (tal como as outras áreas do Saber) era usada apenas como base de fundamentação da religião/teologia. Daí, a Filosofia ser considerada como a origem de todas as heresias e uma sabedoria a que haveriam de chamar “Estultícia”:

Estai de sobreaviso para que ninguém vos engane pela filosofia e vã subtileza, (...) contra a sabedoria do Espírito Santo.¹¹

APÓSTOLO PAULO [Saulo de Tarso], Carta aos Colossenses (II, 8)

A sabedoria profana pretendia temerariamente sondar a natureza da divindade e dos seus decretos. As heresias eram, conseqüentemente, preparadas pela Filosofia:

...mas as pessoas acumularão mestres que lhes encham os ouvidos, (...) Desviarão os ouvidos da verdade e divagarão ao sabor de fábulas.

SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO, IV (3-4)

Em Eclesiastes, um outro livro do Antigo Testamento (erradamente atribuído, durante muito tempo, ao Rei Salomão), surge uma afirmação que poderá, inadvertidamente, surpreender-nos: “Apliquei o coração a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia; e vim a saber que também isto é correr atrás do vento” (Ec 1.17-18). De facto, a pretensão humana de se aproximar da figura divina pela sabedoria e muito conhecimento, irá tão-só aumentar o sofrimento da vil criatura. “Como se não tivesse bastado Adão ser o causador de todos os males da Humanidade!”, afirmariam certamente os Cristãos...

De resto, é com Santo Agostinho, primeiro, e bastante mais tarde com São Tomás de Aquino (1225-1274) que se opera a “cristianização” de filósofos como Arístocles de

¹⁰ Neste vasto período de tempo, ocorre um intenso sincretismo entre o conhecimento clássico e as crenças religiosas. De facto, uma das principais preocupações dos filósofos era a de fornecer argumentações racionais, espelhadas nas contribuições dos gregos, para justificar as chamadas verdades reveladas (Verdades da Fé e Verdades Racionais) da Igreja Cristã e da Religião Islâmica, tais como a da existência de Deus, a imortalidade da Alma, etc. Conceitos como a reencarnação das almas ou o Purgatório são decalcados dos pensamentos e obras de Platão.

¹¹ As traduções desta passagem variam de edição para edição de Bíblia/Novo Testamento, sendo que, numa delas, a filosofia é inclusivamente adjectivada como sendo algo de “vazio e enganador”, fundada “nos elementos do mundo e não em Cristo”.

Atenas¹², Aristóteles (384-322 a.C.) e Plotino¹³ (204-270 d.C). A Filosofia (re)começaria onde terminava a Religião, assim como a Química começaria onde terminava a Alquimia e a Astronomia começaria onde terminava a Astrologia. Destes dois últimos binómios, daremos contas ao longo do próximo capítulo.

2.2 “IGNOSCENDO DEOI”

Ignorando Deus ou relativizando a importância do Cristianismo na compreensão do mundo que nos rodeia, é-nos permitido elaborar outras teorias muito menos dogmaticamente assentes na Fé e mais assentes naquilo que a própria Ciência já explica actualmente.

Há relatos de que o filósofo grego Sócrates costumava salientar a ideia de que Zeus podia fazer chover, mesmo que nos céus não existissem nuvens; dado que esta condição nunca se observou, seria sensato deduzir que as nuvens eram a causa da queda de chuva. Já Demócrito, seu contemporâneo, afirmava que o tempo atmosférico se explicava por si próprio e que a Natureza, “liberta de todos os deuses”, fazia o trabalho que gente tola e egocêntrica imaginava ser divinamente inspirado. Na realidade, algo a fazer lembrar episódios bíblicos que outrora eram lidos como verdades incontestáveis (leia-se “dogmas”), para explicar, por exemplo, o aparecimento de um Adão-homem e de uma Eva-mulher à face da Terra ou um conveniente dilúvio de 40 dias e 40 noites. Porém, estas histórias de encantar¹⁴ são presentemente justificadas como episódios metafóricos, míticos e, portanto, não-históricos. Uma proposição de entre várias que o Padre Anselmo Borges “revela” (a

¹² Mais conhecido pelo seu apelido “Platão”, porventura devido às suas características físicas, ou à sua ampla capacidade intelectual de tratar diferentes temas.

¹³ Plotino procura, na sua obra, dar explicações a fenómenos espirituais tais como a saída da alma do corpo.

¹⁴ Não foi nossa pretensão questionar os inequívocos fenómenos geológicos ocorridos ao longo dos tempos, mas antes colocar a tónica no hilariante grau de improbabilidade factual com que se descreve o Dilúvio e a Arca (<http://news.nationalgeographic.com/news/2009/02/090206-smaller-noah-flood.html>), a personagem Noé (e a sua idade fantástica!) e as razões para tamanho castigo infligido pela divindade.

escolha do verbo é propositada), num artigo¹⁵ assaz interessante, esclarecedor das vicissitudes do infausto Cristianismo em pleno Século XXI!

Ora tamanha confissão não poderá deixar-nos indiferentes... Inclusivamente, permitir-nos-á encarar algumas outras “verdades universais” como pequenas pérolas de um absurdo sofismável. Os dois exemplos seguintes falam por si:

Não tem princípio (Deus) porque é incriado; é imutável porque é imortal; Chama-se-lhe Deus (...) e é Senhor porque domina; Pai, porque é anterior a tudo (...).

TEÓFILO DE ANTIOQUIA¹⁶, *Três Livros a Autólico* (I, 4-5)

Não foi já profetizado pelo Senhor que as heresias seriam semeadas no meio da Verdade como a cizânia¹⁷ no meio do trigo?

CLEMENTE DE ALEXANDRIA¹⁸, *Stromata* (VII, 15)

Tal como Galileu Galilei (1564-1642) e Isaac Newton (1642-1727) elaboram as premissas de Demócrito e Epicuro (sobre este último, ver citação de abertura do Capítulo 5), assim Baruch Spinoza (1632-1677), filósofo racionalista judaico e holandês do Século XVII se projecta no espírito de Albert Einstein (1879-1955), quando este declarou convictamente (respondendo a uma pergunta de um rabino), que acreditava num Deus Natural e, decididamente, não num que "se preocupa com os destinos e acções dos seres humanos". Acusado, mas tendo sempre negado a fé numa divindade, Albert Einstein dedicou grande parte da sua vida a uma veemente recusa na crença de um profeta punitivo, preferindo antes espalhar a mensagem da clarividência (a fazer lembrar o “Enlightenment” setecentista) e do Humanismo.

A 12 de Abril de 1961, Yuri Gagarine tornou-se o primeiro homem a viajar no espaço, a bordo da Vostok 3KA-3. Foi afirmado por alguns que Gagarine teria feito o comentário "Não vejo Deus nenhum aqui em cima", durante a sua viagem espacial.

¹⁵ “Nem Eva, nem Adão, nem pecado original”, in Diário de Notícias, (2011).

¹⁶ Padre Sírio, de cuja produção escrita muito pouco chegou até aos nossos dias, terá vivido entre cerca de 120 e 186 d.C.

¹⁷ Gramínea nociva aos trigais, joio.

¹⁸ Teólogo e mitógrafo grego (150-215 d.C).

No entanto, outros asseguram que nos registos das comunicações de bordo, tais palavras nunca foram proferidas em conversação com o comando terrestre. Numa entrevista em 2006, um coronel e amigo chegado de Gagarine, Valentin Petrov, confirmava que Gagarine nunca havia proferido tais palavras e que aquela expressão era pertença do próprio presidente soviético, Nikita Krushev, que havia dito: "Gagarine voou no Espaço, mas não viu qualquer Deus por lá". Um outro registo indica que Yuri Gagarine (ao contrário do que aquele comentário deixaria pressupor) fora educado pelos princípios da Igreja Ortodoxa Russa. Não possuímos quaisquer citações de Gagarine; no entanto, Nikita Krushev advogava abertamente o seu ateísmo e o seu regime comunista denunciava publicamente qualquer forma de religião, perseguindo quem professasse a sua fé em Deus, defendendo o que ficou apelidado na História de "Ateísmo Estatal".

Numa apresentação pública do seu livro *The God Delusion*, o biólogo-etólogo e escritor ateu Richard Dawkins foi interpelado por alguém da audiência e acusado de aplicar as leis naturais e da Ciência vigentes ao deus cristão, enquanto que Deus reclamava existir fora dessas mesmas leis. A conclusão lógica era a de que Deus não precisa de um princípio, de um começo, ao invés do que acontece com a matéria, necessitando de facto, essa, de um início.

A resposta pausada e incisiva de Richard Dawkins ao seu interlocutor foi:

Well, isn't that just too easy? I mean... you talk your way out of having to provide a rational argument by just decreeing by fiat that God simply declares himself outside matter and so, doesn't need the same kind of argument of anything else. If you're convinced by that kind of argument, then you're welcome! There is no point in arguing about a non-existent male or a non-existent female, though it might well have an improving effect on society.

Refira-se que Dawkins vai mais longe, relativizando mas simultaneamente explicando como o facto de crescermos e vivermos numa certa cultura e num tempo específico determinarão drasticamente as nossas convicções religiosas: "There is no particular reason to pick on the Judea-Christian God in which by the sheerest accident you happened to be brought up".

As “nossas” referências religiosas passariam, assim, por uma crença em Zeus (se tivéssemos vivido na Grécia Antiga), em Wotan ou Thor (na Dinamarca, no tempo dos Vikings), num Unicórnio Cor-de-Rosa Invisível, no Grande Juju no topo da montanha ou do fundo dos mares (na África Central), num Bule-de-Chá Celestial ou num Monstro de Esparguete Voadora! Tal como afirmávamos no Preâmbulo desta dissertação, é provável que todos nós já tenhamos experimentado esta atitude de ateístas em relação a uma ou várias destas (ou de outras) religiões, mas sermos a-teístas ou a-bulistas ou a-fada dos dentinhos requer apenas mais um deus a acrescentar ao lote daqueles em que não acreditamos.

Da realidade quotidiana às realidades narradas nas obras de Ficção Científica, a distância é imperceptível, porquanto essas vivências ficcionadas bebem/partem do mundano. A principal diferença reside na forma como perspectivamos esse impacto dos indivíduos e da sociedade com uma ciência real ou imaginada¹⁹, ou com uma entidade pseudo-divina, pós-humana, alienígena, mecanizada...

Parafraseamos Hitchens para sustentarmos (mais uma vez) que o Cristianismo, enquanto religião monoteísta, é o plágio de um plágio, de um diz-que-disse, a ilusão de uma ilusão, recuando até aos confins/limites do fabrico de uma série de não-eventos.

Esta religião que, por ser vazia, nos oferece apenas os extremos: ou aniquilação em nome de Deus, ou a falsa promessa de que se rezarmos na pose (ou direcção...?) certa ou ingerirmos pedaços de bolacha, as pessoas serão salvas. As mesmas que, absurdamente, estão mais dispostas a acreditar em Satanás e na sagrada concepção do que na Teoria da Evolução de Charles Darwin!

¹⁹ Eis a definição de Ficção Científica do Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, dicionário americano de referência, na sua 11ª edição (2003): “Fiction dealing principally with the impact of actual or imagined science upon society or individuals”.

2.3 DEUSES COMO HOMENS

É, provavelmente, chegado o momento de confessarmos a nossa profunda admiração pelo escritor de Ficção Científica e visionário Herbert George Wells. Pese embora toda a repulsa que autores como Christopher Caudwell compilaram em tratados como o voraz “A Study in Utopianism”²⁰ contra o próprio Wells, o autor da obra que inspirou o título deste sub-capítulo tece em *Men Like Gods* (1923) considerações que farão depositar na humanidade, a vontade de criar um mundo melhor (como se de deuses se tratasse) e utópico (leia-se “perfeito” e não “impossível de alcançar”, como a palavra é frequentemente interpretada hoje). Tal mundo - semelhante ao nosso, apenas com mais 3000 anos de idade - será alcançado recorrendo à Ciência e a um progresso material incontornável. A sociedade atingiu o estado definitivo da perfeição. Politicamente, esta utopia é anárquica, pois não há governo nem parlamento, polícia, prisões, e propriedade privada; sob o ponto de vista físico, não se encontram deformidades. Os utopianos aprenderam a controlar-se a si próprios e à natureza, tornando-se semelhantes a deuses, física e mentalmente.

Este entusiasmo pelo “fantasma” da Utopia acompanhará H. G. Wells até ao fim da sua vida e da sua produção literária mais tardia, ainda que esse conceito de Utopia seja, de alguma forma e na nossa perspectiva, um sinónimo de conformidade, de abdicação do sujeito individual ao bem-estar de uma colectividade no seu todo ou a uma entidade divina. Congratulamo-nos, porém, dada a temática abordada nesta dissertação de mestrado, que Wells nunca tenha dado a relevância que outros autores de SF deram à existência/presença de uma divindade para a consecução da felicidade humana. “In la sua voluntate e nostra pace”, como escreveu Dante.

O grande nível de ansiedade e pessimismo que viria a perpassar todo o século XX (sobretudo a partir do final da 2ª Guerra Mundial), respirar-se-ia em obras como *Brave New World* (1932) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell ou mesmo

¹⁶ *Studies in a Dying Culture*, 1938 (obra referida na Bibliografia, Secção 6.2.1).

We (1921), do russo Yevgeny Zamyatin. Sobre elas, escreveu Mark Hillegas²¹:

Appaling in their similarity, they describe nightmare states where men are conditioned to obedience, freedom is eliminated and individuality crushed; (...) Although sometimes given such names as dystopias or cacotopias, they have most often been called anti-utopias because they seem a sad, last farewell to man's age-old dream of a planned, ideal, and perfected society, a dream which appeared so noble in Plato's Republic or More's Utopia (...).

Sobre as utopias e mitos da criação, debruçamo-nos mais exaustivamente no próximo capítulo, mas reflectamos, ainda que por breves momentos, na forma como estes homens moldam o mundo como deuses, re-criando uma sociedade perfeita mas impossível de alcançar... Impossível, até na ideia que Thomas More exprimia do “local onde se alcançaria a felicidade” (do Grego “útopos”).

Estes deuses, de origem cristã ou outra, jamais criarão um paraíso na Terra porque ele não existe em parte alguma: é a eterna ambição de felicidade jamais alcançada. Acreditamos que será a Humanidade o motor e o travão de si própria, tal como Y. Zamyatin alegoricamente descreve no seu romance: existem duas forças no mundo, a entropia e a energia, uma que leva a um sossego “abençoado”, a outra que conduz à destruição do equilíbrio.

Com os deuses fora de jogo, será a Humanidade a decidir do seu destino e a assumir, por conseguinte, o seu papel divino de criadora: disso nos dá conta Karel Capek, escritor checo de SF, que na sua obra *RUR* (1920) exhibe a criação de algo tão artificial como um ‘robot’ (a palavra foi inventada pelo próprio Capek) para – na sua perspectiva - fornecer a prova que faltava: a de que Deus é desnecessário ao acto da Criação!

A imperiosa necessidade de imiscuir um Deus nas vidas humanas alcança, por vezes, um patamar surreal, na transição da ficção para a realidade: é periódica e recorrentemente discutida a posição de alguns intelectuais já desaparecidos face à sua religiosidade - nomeadamente Sócrates, Einstein, Voltaire, Spinoza, Paine, Darwin e Newton – como que para legitimar a aceitação da religião cristã. C. Hitchens (que já citámos anteriormente) afirma que muitos destes estudiosos eram ateus, agnósticos ou panteístas, excepto Sócrates e Newton, mas que esta querela será sempre infrutífera.

²¹ *The Future as Nightmare*, páginas 3 e 4 (obra referida na Bibliografia, Secção 6.2.1).

Por seu turno, vale a pena recuarmos no tempo, traçarmos um percurso até à origem na etimologia da própria palavra “deus” e surpreendermo-nos com um achado linguístico: as quatro consoantes do alfabeto cananeu-hebraico correspondentes ao conceito de “deus” foram a seu tempo correctamente transliteradas para Latim com as iniciais YHWH (Yodh-Heh-Waw-Heh), mas num outro momento incorrectamente transliteradas como JHVH (o hebraico arcaico não possuía vogais na escrita).

Das letras iniciais, viriam a surgir as palavras YAHWEH e JEHOVAH, respectivamente, cujo significado viria a ser “Deus” na TANAKH, a bíblia hebraica (e não “Senhor”, como se lê ocasionalmente na bíblia cristã).

Outros nomes igualmente oriundos do hebraico surgiriam da evolução natural da tradição oral e dos registos escritos: YESHUA, YEHOSHUA, JOSHUA, JOSUÉ e JAVÉ. Os judeus usavam o termo ADONAI (“o que não tem nome” ou “o que não é nomeado”), para se referirem ao Deus da Bíblia. Do Grego, surge o estranhamente familiar IESOUS.

Quando foram chamados a espalhar a Boa Nova e o Evangelho por Jesus Cristo, os doze apóstolos²² ou discípulos dedicaram-se a ser testemunhas Daquele que os chamara. Os seus nomes, tal como foram escolhidos há mais de dois milénios e como constam do Evangelho Segundo São Mateus (Mt 10:2-4) são os que se indicam a seguir, embora a lista fosse sendo “politicamente” reformulada:

Simão chamado Pedro, o príncipe dos apóstolos (Simon, Peter); André, o primeiro Pescador de Homens, irmão de Pedro (Andrew); Tiago, o Maior, irmão de João (James, filho de Zebedee); João, o bem-amado, irmão de Tiago (John, filho de Zebedee); Filipe, o místico helenista (Philip); Bartolomeu, o viajante (Bartholomew); Tomé, o ascético (Thomas); Mateus, o cobrador de impostos (Matthew); Tiago, o Menor, filho de Alfeu (James); Judas Tadeu, o corajoso, primo de Jesus (Thaddaeus); Simão, o Zelota ou o Cananeu – Simon) e Judas Iscariotes, o traidor (Judas Iscariot).

²² A palavra Apóstolo deriva do grego e significa “enviado”. O Dicionário de Símbolos (Vide Bibliografia, Secção 6.2.1) informa-nos que o número 12 é um número recorrente e pleno de simbolismo ao longo de todo o Novo Testamento, apontando para uma ideia de perfeição e de completamento. Após a traição de Iscariotes, Matias viria a ser escolhido pelos demais para ocupar o lugar daquele (em rigor, o 12º apóstolo, versão 2.0). Outro apóstolo célebre, Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, não foi testemunha ocular de Jesus Cristo mas, convertido através de visões de Jesus ressuscitado, acabaria por se tornar um dos mais ardentes apóstolos do Cristianismo.

Sugerimos, por fim, que as probabilidades parecem favorecer a inteligência e a curiosidade dos ateus. O senso comum permite-lhes deduzir da improbabilidade de Deus, do mal perpetrado em Seu nome, da possibilidade de Aquele ter sido criado pela raça humana e da disponibilidade de explicações alternativas muito menos danosas.

2.4 CASOS DE ESTUDO

Os títulos escolhidos não exaurem nem a vasta lista dos trabalhos passíveis de serem analisados²³, nem a forma como as pretensas divindades são apresentadas aos leitores, mas dão conta de uma amostra representativa de elementos que põem em evidência a teoria apresentada no início desta dissertação. Por ordem cronológica de publicação, são eles:

- *Lumen*, de Camille Flammarion (1887)
- *Brave New World*, de Aldous Huxley (1932)
- “The Man”, de Ray Bradbury (1948)
- “Answer”, de Fredric Brown (1954)
- *Behold the Man*, de Michael Moorcock (1969)
- *Valis*, de Philip K. Dick (1981).

Delineados os enredos das obras em apreço, pudemos observar como cada uma delas reflecte uma forma peculiar de apresentação da divindade: elas contribuem de modos diversos para descrever os traços marcadamente humanos (leia-se pseudo-divinos) das divindades perfiladas.

²³ O processo de selecção das obras a analisar neste capítulo foi demorado, pois as alternativas eram, por motivos diferentes, igualmente interessantes. Teriam dado bons exemplos de análise, pela sua riqueza de conteúdos, os seguintes títulos: *A Case of Conscience*, de James Blish (1958), *The Sleeper Walks*, de H. G. Wells (1910), *The Man Who Was Thursday*, de G. K. Chesterton (1908) e *Starmaker*, de Olaf Stapleton (1937).

2.4.1. *LUMEN, de Camille Flammarion (1887)*

A segunda metade do Século XIX fez convergir a ousadia de escritores visionários e as maravilhas da mecânica aplicadas às mais variadas áreas da vida quotidiana, uma era industrial só proporcionalmente equiparada ao poderio financeiro entretanto surgido e uma ânsia incessante, porventura sem precedentes, pelo Saber! Os progressos científicos estimulam a vulgarização e popularização de máquinas e aparelhos vários com fins imprevisíveis... A Astronomia, a Física, a Biologia, conhecerão avanços notáveis que permitirão extrapolações ficcionais brilhantes... as quais virão, mais tarde, a ser denominadas de “Scientifiction”, “Scientific Romances” ou “Science Fiction”.

Camille Flammarion (1842-1925), astrónomo e escritor contemporâneo de Jules Verne²⁴, publica²⁵ *Lumen*, um delírio literário de contornos cósmicos e metafísicos, mas fundamentado por dados irrefutáveis que a Ciência havia já comprovado.

Deliciosamente simples, mas à vez convincente e paradoxal, *LUMEN* (título mordaz, fazendo alusão à medida do fluxo luminoso) apresenta-se como um tratado sobre aquilo que somente, pelo menos, 8 anos mais tarde H. G. Wells assumiria explicitamente em *The Time Machine*²⁶: as viagens no tempo...

Lumen – c’est exact, et vous savez (...) Si donc nous recevons seulement aujourd’hui l’aspect lumineux de l’étoile parti de sa surface il y a 72 ans, réciproquement les habitants de Capella ne voient aujourd’hui que la Terre d’il y a 72 ans.²⁷

“Alpha Aurigae”, também denominada “Capella”, é a estrela mais brilhante da constelação de Auriga, uma gigante amarela com dimensões maiores que as do Sol e distando deste 44,6 Anos-Luz. Coloquemos de parte a intrigante mas muito remota possibilidade de existirem habitantes numa estrela: a teoria que subjaz à citação anterior é a de que se uma viagem espacial ou interestelar ocorresse a uma viagem

²⁴ Júlio Verne, um outro visionário dos notáveis progressos que a Ciência alcançaria (em vida e após a sua morte) e figura literária de relevo incontestada, a nível mundial (Ray Bradbury teria afirmado uma vez que “De uma forma ou de outra, somos todos filhos de Júlio Verne”).

²⁵ Os especialistas não são unânimes em datar o romance que mencionamos, dado existirem actualmente registos divergentes (1865, 1873 e 1887 são as datas mais comumente indicadas). Também não foi possível apurar se a obra teria tido uma primeira publicação isolada, ou em simultâneo com outros dois ensaios do autor.

²⁶ *The Time Machine*, de Herbert G. Wells (1895).

²⁷ “Lumen – exactamente, e como saberá (...) Se recebemos apenas hoje o aspecto luminoso da estrela tal como ele era há 72 anos, de igual modo, os habitantes de Capella vêem hoje a Terra de há 72 anos atrás”.

superior à da luz, conseguiríamos viajar no tempo e anteciparmo-nos ao Futuro!

Todavia, a excelência desta ousada narrativa (apresentada sob a forma de um diálogo entre um morto que regressa à vida e um espírito etéreo, não sabemos se santo, apelidado de mestre e que vagueia pelo Universo) é, paralela e tacitamente, povoada com as assunções da existência de seres espirituais e de um Deus na natureza. Urge um enquadramento cósmico ao ressuscitado que é ávido de conhecimento, como o serão, de resto, os leitores: “Le temps (...) n’existe pas au point de vue de l’absolu; car dans l’espace pur, entre les corps célestes, il n’y a pas de temps ni de mesure. L’Esprit n’est pas davantage soumis au temps (...)”²⁸.

O conceito é explanado mais em detalhe, de forma a que não restem dúvidas do “abismo” que separa as existências das duas personagens: “Aussi les cent trente-huit billions de siècles que j’ai employés à faire mon voyage sidéral ne comptent pas pour moi comme ils comptent pour les mondes matériels”²⁹.

Mas o narrador/Espírito não pretende alongar-se em detalhes, preferindo antes abordar a interrogação que se adivinha nas “nossas” mentes:

On vous a fait adorer jusqu’à ce jour un dieu créé à l’image de l’homme (...) Ni les dogmes des théologies officielles, ni les négations de l’athéisme ne sont vrais: Dieu n’existe pas plus en aucun point du Ciel que sur la Terre, (...) il n’est nulle part plus visible qu’ici.³⁰

Um conceito anterior surge agora, de novo, reformulado. Esta reformulação faz-nos, sem dúvida, recordar os atributos transcendentais que a divindade cristã recebe no “Livro dos livros”...

L’Être infini, cause des causes, principe de tout ce qui est, vertu et soutien de l’univers, absolu, éternel, est d’ailleurs entièrement incompréhensible pour vous, pour moi, pour tous les êtres. Son existence est incontestable, car il serait impossible d’expliquer sans elle l’existence de l’intelligence dans la création, des mathématiques (que l’homme n’a pas inventées, mais

²⁸ “O tempo (...) não existe, do ponto de vista do Absoluto, pois no Espaço puro, entre os corpos celestes, não há tempo nem medida. Além de que o Espírito não é refém do Tempo (...)”.

²⁹ “De igual modo, os 138 biliões de séculos que demorei a realizar a minha viagem sideral não surtem efeito em mim, como surtem para os mundos materiais.”

³⁰ “Até ao dia de hoje, fizeram-vos adorar um deus criado à imagem do homem (...) Nem os dogmas das teologias oficiais, nem as negações do ateísmo são verdadeiras: Deus não está mais presente em qualquer outro ponto do Firmamento que na Terra, é aqui que ele é mais visível.”

trouvées), des vérités intellectuelles et morales. Mais l'Auteur et Juge suprême de toutes choses est au-dessus de notre conception.³¹

O seu interlocutor, uma personificação implícita de todos os leitores, verbaliza uma incapacidade que é, também, uma limitação de todos nós, meros mortais: “L’Éternité, la durée sans fin, me paraît plus difficile à imaginer que l’espace sans fin.”³²

Mas eis que o espírito surge em seu auxílio, esclarecendo um pouco da sua própria natureza e da dos humanos...

Les Esprits restent, éternels, indestructibles, mais il y a pour eux aussi des sommeils et des morts. Toutes les âmes humaines qui vivent sur notre planète, par exemple, ne garderont pas après la mort la *conscience* de leur existence, quoique toutes gardent leur identité.³³

Um pensamento assalta-nos, subitamente: será, este espírito, um outro tipo de deus?

“Je compte rester là-bas pendant cent siècles, pour diriger la formation d’une humanité nouvelle qui occupera avec honneur, je l’espère, ce département de l’espace.”³⁴

Tal questão não chegará a ser colocada, mas a sua resposta deixaria decerto de ser pertinente, face ao modo como o espírito rapidamente se presta a relativizar toda esta temática, a concluir o seu raciocínio e a deixar-nos a divagar com as suas palavras:

Or, lorsque je repasserai par ici, ce sera dans deux cent soixante-dix-sept billions trois cent quatre-vingt millions sept cent quatre-vingt-neuf mille trois cents siècles. A cette époque, la Terre n’existera plus.

[“Ora, quando voltar a passar por aqui, terão decorrido 277 380 789 300 séculos.

*Por essa altura, a Terra já não existirá...”]*³⁵

³¹ “O Ser infinito, causa das causas, princípio de tudo o que existe, virtude e sustento do universo, absoluto, eterno, é por demais totalmente incompreensível para vós, para mim, para todos os seres. A sua existência é incontestável, porque seria impossível, sem ela, explicar a existência de inteligência na criação, as matemáticas (que o homem não inventou, tão-só encontrou), as verdades intelectuais e morais. Mas o Autor e Juiz supremo de todas as coisas está acima da nossa concepção”.

³² “A Eternidade, a duração sem fim, é-me mais difícil de conceber que o Espaço sem fim”.

³³ “Os Espíritos permanecem, eternos, indestrutíveis, mas também para eles existem sono e morte. Todas as almas humanas que habitam o nosso planeta, por exemplo, não conservarão, depois da morte, a consciência da sua existência, ainda que todas mantenham a sua identidade.”

³⁴ “Conto ficar lá em baixo durante 100 séculos, para supervisionar a formação de uma nova humanidade para ocupar com respeito, como espero, esta secção do espaço.”

³⁵ Nota: Todas as traduções do Francês apresentadas nesta análise são da nossa autoria.

2.4.2. BRAVE NEW WORLD, de Aldous Huxley (1932)

O Presente possui dimensões de Passado e de Futuro. O teste a uma história de Ficção Científica credível não consiste apenas em perceber se ela nos ajudará a "ver" o futuro; antes, e de acordo com certos critérios de crítica literária³⁶, a história deverá conseguir que vejamos uma sociedade à luz de uma evolução e de uma mudança na sua estrutura. A obra-prima de Aldous Leonard Huxley (1894-1963), escrita em 1931 e publicada no ano seguinte, é o exemplo de um livro sombrio, fortemente céptico em relação ao progresso da Ciência, que advoga um Paraíso terreno ("Making ninety-six human beings grow where only one grew before. Progress." – Cap.1, pág. 6), e que espelha as convicções políticas e consciência social do autor através de uma ironia mordaz ("The principle of mass production at last applied to biology!" – pág. 7), presente ao longo de toda a narrativa.

Brave New World é o retrato satirizado de uma utopia/distopia que, embora situada no futuro ("in this year of stability, A.F. 632 (...)") – pág. 4), mais não é que um decalque dos costumes e vícios da sociedade contemporânea de Aldous Huxley. O próprio "World State", uma entidade supra-política e transcontinental, é uma versão evoluída e exacerbada dos valores capitalistas que já se faziam sentir com as sementes de um ditoso Socialismo utópico-científico (lançadas, décadas antes, por Saint-Simon e Friedrich Engels), controlando e ditando regras de forma diplomaticamente dictatorial ("We also predestine and condition.", pág.13). Na obra, as castas e as diferenças sociais são declaradamente assumidas e assinaladas, ao contrário da vida real, onde procuram ser ocultadas ou esbatidas. Tal será assumido perto do final do romance, pela fala de Mustapha Mond, um dos 10 "Controllers" a nível mundial: a Comunidade é o fim e propósito último da existência humana, embora isso seja claro para o leitor desde o início ("All conditioning aims at that: making people like their

³⁶ A crítica de cunho histórico respeitante à Ficção Científica (em geral) e às utopias/distopias (em concreto) fornece, em autores como Robert Scholes, Frederick A. Kreuziger ou Adam Roberts, abordagens sociológicas e existenciais muito interessantes, embora divergentes. O primeiro, sobre a função da literatura futurista, afirmou: "To live well in the present, to live decently and humanely, we must see into the future" (*Structural Fabulation*, Univ. Notre Dame, 1975). Já Frederick Kreuziger (*The Religion of Science Fiction*, 1986) contrapõe, alegando que semelhante perspetivação é limitada e demasiado fechada em si. Afirma ele: "The future, in the science fiction story, is all too often a 'given', endowed with a facticity, a 'whatness' denied to the past and the present. Because of the laws of extrapolation, this 'closed' view of the future offers a 'closed' view of the present". Da mesma forma que Adam Roberts (in *Strange Divisions & Alien Territories*, 2012) advoga "the arbitrary postulate [is] that God exists", a ponto de a extrapolação não nos permitir destrinçar uma continuidade Passado-Presente-Futuro nessas narrativas.

inescapable social destiny” – pág. 16, “(...) we can go on being socially useful even after we’re dead. Making plants grow.” [devido ao fósforo dos cadáveres] – Cap.5, pág. 73. Será a Felicidade escolhida em detrimento da Verdade?

Todavia, a escolha desta obra para demonstrarmos a presença ou ausência de uma divindade obriga-nos a seguir um outro caminho. Aldous Huxley consegue em *Brave New World* algo de extraordinário: a total SUBVERSÃO do conceito de Religião.

Com efeito, a actividade utópica do autor expõe o seu manifesto: “All the advantages of Christianity and alcohol; none of their defects.” [Cap.3, pág. 54]

Deus é substituído por Ford – Henry Ford, o pioneiro americano da tecnologia, cuja figura assume um enorme grau de solenidade no enredo mas ao qual, em nenhum momento, é atribuído o estatuto de divindade – e por um halucinogéneo chamado “soma”, o narcótico perfeito distribuído legal e livremente como símbolo de uma gratificação instantânea do “World State” à população. Assim, o conforto e a despreocupação surgirão tranquilamente num pequeno comprimido, sob a forma de alienação tácita (“Everybody’s happy now” - Cap.5, pág. 75).

Esta forma de se “outrar” de si próprio (como Fernando Pessoa exprimia de forma genial) encontra curiosamente eco na novela distópica e pós-apocalíptica de SF da autoria de Rick Moody intitulada *The Albertine Notes* (2003). Aqui, uma droga inovadora permite aos seus utilizadores regressar a um mundo de belas memórias no Passado. Com a ressaca vem um outro efeito intrigante: o esquecimento progressivo da condição presente. O leitor (e as próprias personagens) interroga-se se este passado recordado poderá ser alterado e se isso trará consequências imprevisíveis ao Presente e ao Futuro...

Demagogicamente e de forma provocatória, Aldous Huxley recorre à ironia, pela fala dessas personagens variadas, para recordar tempos idos:

“There was something called Christianity (...)” [Cap. 3, Pág. 46]

“There was something called democracy (...)” [Pág. 47]

“There was also a thing called God (...)” [Pág.52]

“There was a thing called Heaven;” [Pág. 53]

“There was a thing called the soul and a thing called immortality.” [idem]

É de salientar a forma hábil como os cinco elementos citados parecem pertencer a um mesmo plano da realidade; contudo, a substituição que mencionávamos anteriormente opera-se a vários níveis: a quase-devoção e deferência com que “his fordship, Mustapha Mond, the Resident Controller for Western Europe” [Cap. 3, Pág. 33] é tratado são acompanhadas por supostos axiomas, postos em prática muito tempo antes: “Obediently” [Cap. 5, Pág. 77], “Thank Ford” [Pág.79], “The President made (...) the sign of the T” [pág. 80] e rituais em tudo semelhantes a práticas religiosas, constituem-se como novos dogmas.

Afirmações como “History is bunk, that’s why you are taught no History” [Pág. 35] ou “(...) the appalling dangers of family life, full of madness.” [Pág. 39] pretendem chocar o leitor mas, também, alertá-lo para visões radicais da vida social por parte dos governos. Somos levados a questionar se a História nos ensinaria alguma coisa...³⁷ Até a “velha” censura marca presença neste Admirável Mundo Novo, quando uma “New Theory of Biology” é definida como herética por Mustapha Mond:

‘Not to be published’. He underlined the words. ‘The author will be kept under supervision.’ A pity, he thought (...) It was a masterly piece of work. (...) [It would] make them lose faith in happiness as the Sovereign Good and take to believing (...) that the goal was somewhere beyond, somewhere outside the present human sphere. [Cap. 12, Pág. 177]

A Espiritualidade e o misticismo em *Brave New World* são-nos revelados numa combinação de Cristianismo, de crenças tribais de descendentes de índios nas reservas plenas de “selvagens” criadas pelo “World State”

(...) one of the men of the pueblo would talk of (...) Awonawilona, who made a great fog by thinking in the night, and then made the whole world out of the fog; of Earth Mother and Sky Father; of Jesus and Pookong. [Cap. 8, Pág. 128]

e de ritos/orgias de acasalamento fortuito neste “Outro Lugar”:

Feel how the Greater Being comes! ‘I drink to the imminence of His Coming’, he repeated, with a sincere attempt to feel that the coming was imminent, but (...) the Coming (...) was horribly remote. [Cap. 5, Pág. 82]

No Capítulo 17 (o penúltimo da obra), as epifanias que nos são indirectamente exibidas por Huxley, pela fala de Mustapha Mond a três personagens-chave da história (prestes a serem deportadas para uma ilha³⁸, por terem ousado questionar o *status quo*

³⁷ “History Will Teach Us Nothing”, faixa musical do cantor Sting, do álbum “Nothing Like the Sun” (1987).

³⁸ A anti-utopia, plena de ironia e simbolismo. Enquanto colónia inglesa, a Austrália recebeu condenados destes.

instituído em “mui” nobre utopia), dão-nos conta da utilidade da Religião num mundo dominado pela Ciência e pelas máquinas: a pacificação de comportamentos graças ao desejado halucinogéneo. Não disse Karl Marx que a Religião é o Ópio do Povo³⁹? À letra, o credo demonstra uma maior importância dada a ritos de socialização ou a regulações morais que a uma fé genuína, prova que Deus/a Religião morreu: “They are conditioned not to be alone, ever, and think about the possibility of God...”, ou algo dentro das próprias pessoas as induz a não dramatizar o fim da sua existência: “They learn to take dying as a matter of course” [Cap. 11, pág. 164].

A explicação lúcida de Mustapha Mond à personagem John, educado e inspirado pela Fé em Cristo – “I come to bring you freedom,’ said the Savage, turning back (...)” [Cap. 15, Pág. 211], acreditando no poder da oração – “(...) as though the words were a spell that would restore the dead past to life” [Cap. 14, Pág. 203], transcende os limites da obra.

A Religião é, inclusivamente, usada para explicar os acontecimentos do mundo e para garantir a absolvição dos justos. Além disso, para compensar as suas perdas, as pessoas viram-se para Deus: “They say that it is the fear of death and of what comes after death that makes men turn to religion as they advance in years”. [Cap. 17, Págs. 232-233]

Mas o argumento de Mustapha Mond termina de forma realista: se a Religião causa guerras, dor, sofrimento e lágrimas e não é necessária à sociedade; se o progresso tecnológico traz às pessoas conforto através das drogas e do sexo; enfim, se não se procura já uma absolvição pelos pecados cometidos ou uma vida eterna no Paraíso, então Deus “manifests himself as an absence; as though he weren’t there at all”...

³⁹ "Die Religion... Sie ist das Opium des Volkes" (1844). A comparação da religião com o ópio não é original de Marx e já tinha aparecido, por exemplo, em escritos de Immanuel Kant, Ludwig Feuerbach e Heinrich Heine. Este último, em 1840, escrevia num ensaio: “Bendita seja uma religião, que derrama no amargo cálice da humanidade sofredora algumas doces e soporíferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fé e esperança”. Moses Hess, filósofo judeu e socialista, num ensaio publicado na Suíça em 1843, também utilizara a mesma ideia: “A religião pode fazer suportável a infeliz consciência de servidão... de igual forma o ópio é de boa ajuda em angustiantes doenças”.

2.4.3. THE MAN, de Ray Bradbury (1948)

Na Bíblia Cristã, a Fé (a crença num deus que povoa a raça humana) é simultaneamente o ponto fulcral e o elo unificador de toda a narrativa.

O conto do escritor americano Ray Bradbury (1920-2012) encerra uma parábola bem ao jeito (e decerto inspirada) da Bíblia Sagrada, na qual um alegado profeta viaja de planeta em planeta, naquilo que parece ser uma missão de evangelização para dar a conhecer uma “boa-nova”. Todavia, o “homem” em questão não surge propriamente na história; antes, a narrativa acompanha o Capitão Hart, responsável por uma nave espacial, que aterra num planeta alienígena, procurando, sem sucesso, impressionar os seus habitantes com toda aquela tecnologia e os seus inúmeros anos de experiência: “Look at those idiots wander about in there. The first space flight to touch their provincial land. (...) and this is what we get. Neglect.” [Pág. 1]

O seu cansaço - “Hart looked a million years old; he never slept, he ate little, and drove on, on. (...) aged and drear, the lines and the grooves of irritation, tiredness, nervousness there” - e a reflexão subsequentes levam-no a si e ao seu acompanhante, o Tenente Martin, a procurarem uma razão para a indiferença da população e para as viagens interestelares:

‘Why do we do it, Martin? This space travel, I mean’.

‘Maybe we’re looking for peace and quiet’, said Martin.

‘Certainly there’s none on Earth. Not since Darwin, eh? Not since everything went

by the board, everything we used to believe in, eh? Divine power and all that’. [idem]

Ao indagar e descobrir que, no dia anterior, um homem pelo qual aqueles autóctones aguardavam há muito tempo havia feito a sua aparição, a sua incredulidade inicial dá lugar a uma obsessão incontrollável e a uma violência iminente! Uma descrição física, por exemplo, parece algo difícil de obter, junto da população:

‘What color were his eyes?’

‘The color of the sun, the color of the sea, the color of a flower, the color of the mountains,

A remarkable man – good, intelligent, compassionate, and infinitely wise.

He healed the sick and comforted the poor. He fought hypocrisy and dirty politics

and sat among the people, talking, through the day’. [Pág. 4]

Na vã tentativa de o localizar e de saber mais sobre a estranha figura, o Capitão Hart irá, lenta mas gradualmente, transformar os seus receios numa recusa surda em aceitar o que considera inconcebível: “You don’t mean – you can’t mean – That man you’re talking about couldn’t be –” Martin nodded. “That’s what I mean, sir.” [Pág. 3]

O próprio espaço envolvente da acção encontra-se particularmente bem descrito pela pena de Bradbury, expondo o contraste evidente entre a serenidade exterior da cidade e o turbilhão de sentimentos que colidem entre si, na entropia interior de Hart:

“The city was quiet and beautiful and a great peace lay over it. The captain stepped forward, taking his cigar from his lips.” [Pág.3]

“The captain’s face twitched, the muscles jerking involuntarily. (...) He was shouting now, leaning wearily over the man on the floor. He staggered with exhaustion”. [Págs. 7-8]

Ao se permitir, por fim, acreditar em todos os testemunhos, Hart parte para a sua próxima obsessão: encontrar “O” homem. O desfecho que se adivinha será o da demanda por uma paz interior em breve encontrada e revelada. No entanto, o dramático, eterno e insolúvel enigma com que Hart se debaterá será o de pensar Deus como um destino a alcançar, algo que deverá encontrar-se em algum local físico específico. Escapa-se-lhe a hipótese de considerar que o legado desse Homem permanecerá, mesmo depois de Ele ter partido e de Hart partir no seu encalço:

And he’ll go on, planet after planet, seeking and seeking, and always and always he will be an hour late, or a half hour late, or ten minutes late, or a minute late... And he will go on and on, thinking to find that very thing which he left behind here, on this planet. [Pág. 9]

A propósito do conto de Bradbury, James A. Anderson desenvolve uma análise estruturalista interessante. Afirma Anderson⁴⁰ que, à luz do Estruturalismo de Todorov, converter o argumento à simplicidade de uma fórmula matemática, permite-nos perspectivar a narrativa de “The Man” na sua forma mais elementar. Deste modo, os nomes representariam as personagens e os verbos, a acção. Sob este prisma, o enredo e a forma como ele é apresentado ao leitor possibilitam outras “leituras”: “The fantasy, when allowed complete liberty, becomes a dangerous, destructive entity”. Obstinado, o Comandante Hart perseguirá a sua vontade, desejo ou materialização de uma qualquer fantasia ou ficção, de encontrar o Criador, levando essa busca até às

⁴⁰ James Arthur Anderson, *The Illustrated Ray Bradbury: A Structuralist Reading of Bradbury’s ‘The Illustrated Man’*, 2013, Pág. 62.

últimas consequências. Aliás, a sociedade moderna permite (encoraja, mesmo) as crianças a acreditar que se desejarem muito algo, o seu desejo se tornará realidade. Pelo contrário, um adulto com tais crenças parecerá imaturo ou anormal.

Fiel ao estilo da ficção científica da altura, “The Man” colhe da crítica uma opinião unânime: a de que existe um cunho pró-panteísta na narrativa de Bradbury. Jesus, afirma William Thornton⁴¹, é apenas mais um nome para algo em que se QUER acreditar, como seria o de Jeová, Allah ou outro. A propósito, a Sua aparição no Planeta Terra teria ocorrido há sensivelmente 2000 anos. Teria ela sido uma pura questão de Fé...?

2.4.4. ANSWER, de Fredric Brown (1954)

Muitas histórias de SF materializam os nossos medos, enquanto seres humanos, sobre o facto de depositarmos uma confiança cega na tecnologia, para obtermos respostas inequívocas às nossas demandas do religioso e do sagrado. A fasquia criada em relação a estas expectativas é, não raras vezes, tão elevada que a resposta apresentada acaba por ser proporcionalmente intrigante e intrigantemente absurda, qual romance Kafkiano!

Esta história do escritor americano Fredric Brown (1906-1972) tem menos de uma página de extensão; todavia, a sua dinâmica de escrita de *short short-stories* apresenta uma das abordagens mais directas ao tema com que alguma vez nos deparámos. ANSWER descreve a forma como um cientista, numa qualquer sociedade e universo distante no futuro, constrói um mega-computador de dimensões quase inconcebíveis: “The switch that would connect, all at once, all of the monster computing machines of all the populated planets in the universe - ninety-six billion planets (...)” [Pág. 23].

Tal deve-se, nada mais nada menos, à necessidade de responder definitivamente à dúvida/questão sobre a existência de Deus, tal como é formulada pelos cientistas Dwar Ev e Dwar Reyn, duas das três personagens principais do conto:

⁴¹ Estudioso deste género literário, W. Thornton apresenta no seu ‘blog’ a sua visão sobre a literatura de ficção e a ciência (Vide Bibliografia, Secção 6.2.2).

“It shall be a question that no single cybernetics machine has been able to answer – He turned to face the machine. ‘Is there a God?’” [id.]

Esta “cybernetics machine” seria, afinal, a única a combinar todo o conhecimento da presença humana em todas as galáxias. O dealbar do Saber Absoluto estava próximo. O fim – negro, por sinal – parece-nos fácil de antecipar, mas tal não torna a história menos arrepiante. A distinção entre Ontologia (o estudo do Ser) e Metafísica (o estudo do Ser, pondo em causa a sua própria essência e existência) parece aqui assumir contornos singulares e “Answer” permanece um aviso muito sério, relativamente ao facto de o Ser criado se confundir com o Criador...!

The mighty voice answered without hesitation, without the clicking of single relay. ‘Yes, now there is a God’. Sudden fear flashed on the face of Dwar Ev. He leaped to grab the switch. A bolt of lightning from the cloudless sky struck him down and fused the switch shut. [Págs. 23-24]

Com toda a segurança, este será o mesmo deus prepotente contra o qual George H. Smith lucidamente se insurge na sua obra *Atheism – The Case Against God* (1974):

God is to be obeyed because, in the final analysis, he is bigger and stronger than we are; (...) Even if there exists this unjust god, then admittedly we live in a nightmarish universe, but we’re in no worse position than the christian is. [Pág. 300]

Paralelamente, o crítico literário Jack Seabrook contextualiza tematicamente e enfoca, de forma aprofundada, a produção escrita de Fredric Brown:

“Brown thus rebels against a simple acceptance of technological advance and cautions the reader against its possible misuse. In none of the stories mentioned does mankind benefit from an unusual invention”.

Na sua obra intitulada *Martians and Misplaced Clues*⁴², Seabrook explana a posição de Brown e corrobora o que afirmávamos anteriormente sobre os riscos que advêm da procura de respostas por parte da Humanidade para fazer sentido do que nos rodeia. É que, ao contrário do que sucede com os textos de outros autores que procuram uma harmonização entre ser humano e máquina – recordamo-nos de Isaac Asimov, autor de que falaremos no próximo capítulo – o computador que permite a desejada resposta à pergunta quase-proibida é o veículo para a subjugação ou, mesmo, a destruição da humanidade.

⁴² *Martians and Misplaced Clues: The Life and Work of Fredric Brown*, Pág. 152 (vide Bibliografia, Secção 6.2.1).

2.4.5. BEHOLD THE MAN, de Michael Moorcock (1969)

Nascida da NEW WAVE britânica de forte crítica e pessimismo sociais, esta e outras histórias de Ficção Científica recuperam a temática da viagem no tempo (nascida com H. G. Wells e C. Flammarion, de quem já falámos), desta feita ao Passado e ao tempo de Jesus Cristo.

O romance do aclamado e merecidamente consagrado escritor inglês Michael John Moorcock (1939-) utiliza uma variante da temática enunciada, cujo título parece⁴³ ter sido inspirado pelo Novo Testamento, versículo 19:5 do Evangelho Segundo São João: “Then came Jesus forth, wearing the crown of thorns, and the purple robe. And *Pilate* saith unto them, Behold the man!” (versão da “King James Bible”).

Esta intrigante história de SF retrata os problemas da fé religiosa e os riscos de um impulso messiânico, quando levado às suas últimas consequências.

Um impulso ou arquétipo messiânico⁴⁴ resulta do retrato feito, por um(a) autor(a), de uma certa personagem, principal ou secundária, e cujos traços parecem antever ou espelhar os da entidade divina. Jesus Cristo, neste caso. “All men have a messiah-complex” (Pág. 98), assegura Monica, uma personagem, a Karl, o protagonista da história...

Karl Glogauer, cidadão do Século XX é um judeu obcecado desde tenra idade pela figura histórica de Jesus, a sua existência duvidosa e a sua crucificação. A possibilidade de uma viagem no tempo (que mais tarde se afigurará irreversível) ao Passado, leva-o ao ano de 28 d.C. e ao encontro de várias personagens da Bíblia, como alguns apóstolos (os que mencionámos anteriormente no sub-Capítulo 2.3) e o próprio João Baptista, ele próprio figura messiânica, pregador itinerante e uma das personagens principais mais importantes de toda a obra:

⁴³ Uma pesquisa mais exaustiva à Bíblia Cristã mostrou que o título poderia, em alternativa, ter sido inspirado pelo Antigo Testamento, versículo 3:22 do Livro do Génesis (“And the Lord God said, Behold, the man is become as one of us”).

⁴⁴ No artigo “The Messianic Idea and Messianic Delusion”, escrito por L. Perez (1978), podemos ler: “The messianic delusional syndrome (...) expresses a serious impairment of identity and reflects a social, cultural and religious reality (...) its clinical features comprise a delusional system, centered on the patient's conviction that he has been chosen by God for a special and intransferable mission. He is a savior and announces resurrection. His delusions have a clear symbolic character. It represents a flight from the human sphere and an attempt to be God. The patient's behavior (...) expresses itself, on the one hand, through preaching repentance and compassion and, on the other hand, the patient gives up his earthly links and replaces them by parental relations with God”.

According to the New Testament, the Baptist had been killed some time before Christ's crucifixion. It was strange, however, that John of all people had not heard of Jesus of Nazareth. Did that mean, after all, that Christ had not existed? [Cap. 2, Pág. 17]

Com mudanças de estados de espírito e de comportamento que o aproximam de um quadro patológico lento, mas gradual de demência e de esquizofrenia,

'So – you are our friend. Perhaps more than just our friend...' Glogauer frowned. 'I do not follow you.' He was relieved that the Baptist (...) had decided he was a friend. 'I think you know what I mean,' John said. Evidently, the Baptist saw him as fulfilling some role in his own scheme of things [Cap. 5, Pág. 36],

o crescente grau de credibilidade inculcado à personagem principal, por Moorcock, faz o leitor incorrer noutras viagens temporais, tais como à infância de Glogauer e à relação com o seu pai, às experiências homossexuais com um tutor, e até aos desaires com crucifixos e mulheres no início da sua idade adulta.

Complexo e contraditório, multi-facetado, e emocional e psicologicamente perturbado, Karl Glogauer oscila entre os extremos da incerteza da sua existência...

"He began to wonder if (...) not an illusion, (...) The idea of a time machine now seemed completely ludicrous to him. The thing was an impossibility" [Cap. 7, Pág. 53],

...e do seu papel enquanto libertador de um povo oprimido pelos Romanos: "Did he really have a mission? Could he alter history and be the one responsible for aiding the Jews to throw out the Romans? For all he knew, he could be the one". [Cap. 5, Págs. 41-42]

Após descobrir que quer a Virgem Maria, quer o próprio Jesus são completos retardados mentais,

The figure was misshapen. It had a pronounced hunched back and a cast in its left eye. The face was vacant and foolish. It took a crooked, lurching step forward (...) [Cap. 12, Pág. 85]

He had seen Jesus, the son of Mary and Joseph. He had seen a man he recognized without any doubt as a congenital imbecile [idem, Pág. 87]

e que aquele nunca viria a cumprir os desígnios esperados, é o próprio Glogauer que assume esse papel: "I am a prophet of sorts. I believe I can foretell the future" [id., Pág. 84].

Através de Monica, Moorcock não se inibe, contudo, de dar a entender o lugar que ele

pensa que toda esta religião irá ocupar: “Religion was the creation of fear. Knowledge destroys fear. Without fear, religion can’t survive” [Cap. 7, Pág. 50].

A forma como a personagem irá sofrer danos físicos incomensuráveis será o meio que permitirá a salvação a outros: a uma pessoa, uma população ou toda a humanidade... “The rabis (...) had accepted him as a holy man” [Cap. 14, Pág. 100].

Será ele realmente de outro tempo, ou terá ele cortado todos os laços com a realidade vivendo algo que é fruto de uma fértil, mas deturpada, perturbada imaginação?

(...) as the prophet’s fame grew. Not only the Roman authorities, but the Jewish ones as well seemed unwilling to tolerate the new prophet as they had tolerated John. Karl Glogauer, witch-doctor, psychiatrist, hypnotist, messiah, taught them how to pretend to eat and take their minds off their hunger. [Cap. 16, Pág. 108]

A forma magistral com que Michael Moorcock descreve esta pessoa-sombra ao longo de toda a história, adjectivando-a da forma mais insólita, é o reflexo da vivência da personagem e da sua caminhada para um desfecho sabido há 2000 anos:

The madman, the prophet, Karl Glogauer, the time-traveller, the neurotic psychiatrist manqué, the searcher for meaning, the masochist, the man with a deathwish and the messiah-complex, the anachronism, made his way through the market place gasping for breath. [Cap. 12, Pág. 87]

No fim, concluímos nós, comprovar a premissa da existência ou não de Jesus deixará de fazer qualquer sentido. Numa entrevista sua e sobre este romance, Michael Moorcock afirmou que não tinha estado interessado em atribuir o rótulo de SF à história; relativamente à máquina do tempo, esse elemento fora reduzido ao mínimo, de modo a privilegiar a perspectiva mais simbólica do objecto: um útero, um renascimento. De igual forma, o papel que a personagem principal desempenha na história adquirirá maior importância que os traços físicos de alguém com quem ela possa assemelhar-se:

The pain filled him. He slumped forward, but nobody released him. He was being slowly asphyxiated. Every part of his flesh, every muscle and tendon and bone of him, was filled with impossible pain. He knew he would not survive until the next day as he had thought he might. [Cap. 19, Pág. 123]

Seja como for, Glogauer jaz morto e apodrece por todos nós:

Later, after his body was stolen (...) there were rumours that he had not died. But the corpse was already rotting in the doctors’ dissecting-rooms and would soon be destroyed. [Pág. 124]

2.4.6. VALIS, de Philip K. Dick (1981)

Mergulhar na desconcertante e atormentada vida de Philip Kindred Dick (1928-1982) e absorver a irreabilidade gnóstica (relativa à problemática do conhecimento) dos universos por si criados afiguram-se-nos duas tarefas de uma complexidade extrema. O modo intrincado com que o seu discurso racional fundia Epistemologia e Gnoseologia encontrava nas suas obras um campo de reflexão por excelência. Ilustrativo desta temática sobre divindades, VALIS é um romance de Ficção Científica à vez entediante, de humor inteligentemente construído, e brilhante, cuja premissa é a procura de Deus. Vários estudiosos consideram-no, mesmo, o romance mais autobiográfico de Philip K. Dick. A sua preocupação com a percepção da realidade, a interrogação sobre a natureza de Deus e a crítica ao uso de drogas para alcançar experiências religiosas intensas foram, simultaneamente, elementos narrados em várias das suas obras (que conheceram, inclusivamente, adaptações para o cinema como *A SCANNER DARKLY*, *TOTAL RECALL* e *BLADE RUNNER*) e experiências que extravasaram para a sua vida pessoal e familiar.

Quando, ironicamente, Philip K. Dick se inicia no consumo de psicotrópicos e outras drogas durante a década de 1960, a temática das falsas realidades adquirirá contornos mais sofisticados (recordamo-nos de *The Three Stigmata of Palmer Eldritch*, de 1964, e de um retrato a uma sociedade que sucumbiu ao conforto de uma alucinação permanente, recorrendo a duas drogas: uma para fazer da vida uma viagem, outra para fazer dessa viagem uma eternidade). Em 1974, enquanto experimentava um episódio psicótico, Philip Dick descreve um feixe de luz cor-de-rosa no que está convicto ter sido uma força cósmica que o contactou e que virá a denominar de VALIS – um Sistema Vivo de Inteligência Vasto e Activo: basicamente, um Deus Cibernético (elementos que incluirá no romance que presentemente abordamos).

Esquizofrenicamente confrontado com a premente questão de “O que é real?”, encontramos a personagem principal, Horselover Fat, prestes a abandonar a sua sanidade mental, enquanto busca o seu deus: “What he did not know is that it is sometimes an appropriate response to reality to go insane.” [Cap. 1, Pág. 10]

Sofrendo de distúrbios claros de personalidade e semi-consciente da sua condição patológica (o narrador e Horselover Fat são uma mesma entidade, mas dividida em termos de narração), Fat parte numa demanda teológica - que será a de um qualquer outro ser humano, supomos - e que nos desvela a sua necessidade de uma consciência do Divino...

After he had encountered (...) God had injured him and still he yearned for him, like a drunk yearns for booze. God, he told us, had fired a beam of pink light directly at him, at his head, his eyes; Fat had been temporarily blinded and his head had ached for days. [Cap. 2, Pág. 21]

Após essa revelação divina, que o teria levado a diagnosticar correctamente um defeito de nascença não-detectado ao seu filho de apenas 5 anos de idade, Fat passaria a registar as suas reflexões num diário a que apelida de Exegése, isto é, “a theological term meaning a piece of writing that explains or interprets a portion of scripture” (Pág. 23).

Por uma confiança do narrador, ficamos a saber que ele próprio – enquanto Horselover Fat – havia já experimentado a manifestação em si da divindade, com a ajuda de um halucinogéneo, o SANDOZ LSD-25. O resultado?

Once, in 1964, when Sandoz LSD-25 could still be acquired (...) Fat had dropped one huge hit of it and had (...) shot forward in time (...); anyhow, he had spoken in Latin and believed that the *Dies Irae*, the Day of Wrath, had come. He could hear God thumping tremendously, in fury. [Cap. 3, Pág.34]

Estamos em crer que o triângulo sintomatológico Depressão-Psicose-Isolamento terá sido companhia permanente de Philip K. Dick nos últimos anos da sua vida. Da mesma forma que a sua paranóia pela busca de respostas leva este outro triângulo Philip Dick-Narrador-Horselover Fat ao estudo de línguas arcaicas, para conseguir aproximar-se das fontes de informação, de que VALIS provará ser a origem suprema:

“By the time of the New Testament, the *koine Greek* had become the *lingua franca* of the Middle East, replacing Aramaic [a língua de Jesus] which had previously supplanted Akkadian [Pág. 35].

No entanto, uma dúvida surge-nos a nós, leitores, pelas palavras do próprio narrador: “How are we to distinguish a genuine teophany from a mere hallucination?” [Pág. 41] Não é de estranhar que Fat obtenha a resposta pela “voz” de si mesmo: “Fat believed that a streak of the irrational permeated the entire universe, all the way up to God, or the Ultimate Mind, which lay behind it” (Pág. 40).

Neste autêntico tratado existencial de Psicologia (referências a Jung) e Filosofia (Spinoza), Philip K. Dick socorre-se de todo o seu engenho para, mediante uma argumentação silogística, demonstrar a sua própria exegese:

If you grant the possibility of a divine entity, you cannot deny it the power of self-disclosure; the key concept to account for this is the idea of the *deus absconditus*, the hidden, concealed, secret or unknown god. [Pág. 42]

Esta presença latente é a força motriz de que Horselover Fat necessita para ir mais além na sua busca: “The universe is irrational (...) but above lies (...) the True God, he is *not* irrational (...) and we know him as the Logos, which is living information” (Cap. 5, Pág. 77).

No Novo Testamento, em João 1:1, podemos ler ‘Kai Theos En Ho Logos’, que recebe traduções diversas em diferentes versões da Bíblia; em Português, “E o Verbo era Deus”. Esta informação é transmitida por um complexo sistema cósmico, que recebe de Horselover Fat, o nome provisório de ZEBRA (pela forma como se integra/mistura com tudo o que o rodeia), mas que é apenas outro nome para Deus⁴⁵, como “The Almighty One”, “The Divine Presence” e “The Divine Authority” (Cap. 7, Pág 116).

A complexidade na percepção da divindade por parte de Fat/Phil/Philip Dick é assombrosa:

Yaldaboath, is a monster spawned by Sophia (...) The true god, who is totally transcendent, did not create the world. This creator deity imagines he’s the only god but he’s wrong. That’s why he was jealous and said ‘You shall have no other gods before me’⁴⁶. [Cap. 6, Pág. 97]

A explicação religiosa do mundo surge na exegese de Fat, denominada TRACTATE: CRYPTICA SCRIPTURA (“which simply means ‘hidden discourse’”, Página 102), numa cosmogonia que afirma que “**#30 The phenomenal world does not exist; it is a hypostasis of the information processed by the mind**” [Pág. 109].

Mas aquele organismo cibernético/Deus contempla de perto a nossa natureza humana:

Entry #48. ON OUR NATURE. It is proper to say: We appear to be memory coils (DNA carriers capable of experience) in a computer-like thinking system [in] which there is a malfunction – a failure – of memory retrieval. [Cap. 6, Pág. 108]

⁴⁵ *The Word for World is Forest* é o título de um romance da autoria de Ursula K. Le Guin, que explora igualmente a harmonia na génese de um mundo alienígena, com a respectiva divindade a identificar-se com a figura de Gaia, a deusa da Terra (que trataremos no capítulo seguinte).

⁴⁶ Palavras atribuídas a Jesus Cristo, no Antigo Testamento, em Êxodo, Capítulo 20, Versículo 3.

O verdadeiro Deus, o “Godhead”, “VALIS”, ou a Divindade Imortal são identificados por Horselover Fat desta forma:

“#12 The Immortal One was known to the Greeks as Dionysos; to the Jews as Elijah; to the Christians as Jesus” [Pág. 110].

Por seu turno, o narrador, afirma: “Time is a name for God” [Cap. 7. Pág. 132]; se assentirmos que o Tempo é uma invenção do Ser Humano, teremos aqui um perfeito raciocínio silogístico: Deus é uma invenção da Humanidade!

O mesmo narrador não-Fat parece querer partilhar com o leitor que “His encounter with God was in fact an encounter with himself from the far future” (Cap. 8, Pág. 135) e uma das suas obsessões “was that the savior would soon be reborn” (Pág. 138).

Aliás, Fat confia-se a si próprio enquanto narrador, numa clara alusão à corrente solipsista que defende nada mais existir além do “eu” pensante (cf. Capítulo 3.4.4):

Perhaps he had always felt reassured to think that his March 1974 encounter with God emanated from mere insanity; (...) ‘Shit, Phil’, he said to me that night. What if the world doesn’t exist? If it doesn’t, then what does? [Cap. 10, Pág. 179].

Sobre Deus, Eric Lampton (um dos membros de uma organização secreta com a qual Fat e os seus amigos travam amizade e que Fat suspeita ser um extraterrestre da estrela Sirius) afirma: “He has slept almost two thousand years” [Pág. 189], a fazer lembrar o final despido de artifícios de Damon Knight no conto “Shall the Dust Praise Thee?” (cf. Capítulo 4.4.5), quando a raça humana sucumbe enquanto (des)espera pelo seu Criador.

Ora o Criador de VALIS é apelidado de “Our immortal child...” (Cap. 10, Pág. 192), com o poder de enigmática e elipticamente asseverar que “That which is to be healed will be healed” [Cap. 11, Pág. 203]. Brent Mini, outro dos elementos da mesma organização, esclarece-nos um pouco mais sobre a natureza desta entidade mecânica, omnisciente e milenar e que tem guiado as suas descobertas daquela organização, enquanto grupo expedicionário:

VALIS is a construct. An artifact. It’s anchored here on Earth (...) but since space and time don’t exist for it, VALIS can be anywhere and anytime it wishes to. It’s something they built to program us at birth; normally it fires extremely short bursts of information at babies (...). [idem, Pág. 206]

Fat revela a natureza deste organismo cibernético (a fazer lembrar as redes neuronais que William Gibson descreverá no seu romance-marco *Neuromancer*, de 1984): “So

we're not dealing with religion then,' I said, 'but with a very advanced technology'. 'Words', Mini said." (Pág. 208).

Sophia, a rapariga de 2 anos de idade apresentada ao grupo de Horselover Fat e que se supõe ser uma encarnação da divindade, aparenta ser uma consubstanciação de Cristo: "St Sophia is a hypostasis of Christ" (Cap. 12, Pág. 218).

Embora Kevin e o próprio Eric Lampton arrisquem palpites sobre a sua natureza,

Kevin said hoarsely, 'It's a computer. That's why it only answers certain questions.'

'An AI system,' Eric said. 'An artificial intelligence.'

'An input, output terminal of the master system VALIS.'

'Not a little girl,' Kevin said. [idem, Pág. 215]

"Hagia" Sophia devolve-lhes as perguntas com respostas oraculares inesperadas: "You will have no gods but yourselves; (...) I am not a god; I am a human. I am a child, the child of my father, which is Wisdom Himself". (Págs. 221-222)

Por recomendação da própria Sophia, Fat e o seu grupo (a "Rhipidon Society") regressam a Los Angeles, conscientes das epifanias vividas e das repercussões que isso terá nas suas vidas: "We had seen the Savior and I had, after eight years of madness, been healed" (Cap. 13, Pág. 235).

Porém, um telefonema inesperado deita por terra a sensação de plenitude já conquistada. A notícia é deveras trágica:

'The little girl is dead,' Linda Lampton said. 'Sophia'.

'How?' I said.

'Mini killed her. By accident. (...) We're calling everyone. We don't understand; if Sophia was the Savior, how could she die?' [Págs 240-241]

Com a dramática divulgação do falecimento de Sophia e a noção de perda irreversível que se instala (embora a participação da morte, por parte de Linda, reflecta – como se percebe - algum distanciamento na forma como se refere à sua filha), Fat consciencializa o significado da pergunta de Linda Lampton, ao declarar: "Then the true name for religion (...) is death.' 'The secret name, I agreed.'" (Cap. 14, Pág. 246).

A vida continua e a regressão na cura de Fat é já visível:

The world continued as it always had. I began to think about death. Not Sophia Lampton's death but death in general and then, by degrees, my own death.

Actually I didn't think about it. Horselover Fat did. [idem, Pág. 242]

Resta apenas uma missão a Horselover Fat, ele cuja

(...) original experience had come in March, at the day after the vernal equinox. (...) So Horselover Fat encountered God or Zebra or VALIS or his own immortal self on the first day of the year which has a longer stretch of light than of darkness. Also, according to some scholars, it is the actual day of birth of Christ. [Cap. 14, pág. 255]

Pleno de lucidez, o narrador assume a complexidade dessa demanda: "Faith is strange. It has to do, by definition, with things you can't prove." [Pág. 252]

Essa missão de uma vida de Horselover Fat consistirá em recuperar Sophia, qual Eurídice resgatada dos infernos, ou quem a substitua, de forma a que Fat possa re-encontrar o seu deus pessoal. Esta é a fabulosa Ficção Científica de Philip K. Dick, plena de uma auto-perseguição esquizóide (como podemos ler nas entrelinhas de "O Efeito de Irreal: A Fantasia Científica de Philip K. Dick"⁴⁷), ou como o estudioso Carl Freedman menciona no seu artigo "Towards a Theory of Paranoia – The SF of Philip K. Dick (1984)", a propósito deste atormentado génio da irrealidade:

"The ultimate in paranoia is not when everyone is against you, but when *everything* is against you".

⁴⁷ "O Efeito de Irreal: A Fantasia Científica de Philip K. Dick", título da tese de Doutoramento do Prof. Doutor José Manuel C. A. da Mota (vide Bibliografia, Secção 6.2.3).

PARTE 3:

MITOS DA CRIAÇÃO

“Deus é o silêncio do Universo e o Homem o grito que dá sentido a esse silêncio.”
JOSE SARAMAGO

Ao contemplarmos o mundo vivo, parece-nos evidente considerar que as várias gerações de seres vivos foram alvo de um processo de evolução e mutação ao longo dos tempo. Todavia, durante séculos, admitiu-se que as espécies surgiam tal como hoje as conhecemos, mantendo-se imutáveis ao longo do tempo e das gerações e permanecendo autónomas quanto à sua origem. Esta Teoria Fixista prevaleceu por mais de dois mil anos e, em alguns casos, ainda se mantém actualmente, fortemente apoiada por obscuras interpretações religiosas. Tal observação de imutabilidade aparente viria a condicionar as ideias dos primeiros filósofos e naturalistas.

A retrospectiva histórica seguinte legitima uma abordagem secular e factual à temática, por oposição às posteriores, de cunho mais solene (Gaia, utopias religiosas).

Alguns filósofos gregos notáveis, como Aristocles de Atenas (427-347 a.C., mais conhecido como Platão) e Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.) defenderam aquela concepção e influenciaram o pensamento da cultura ocidental durante vários séculos. A Teoria das Ideias de Platão, por exemplo, consistia na convicção da existência de entidades imateriais, absolutas, imutáveis e universais, independentes do mundo físico. Estas “Ideias” não apontavam para conceitos, mas para realidades (as únicas, aliás) das quais o mundo físico derivava. Platão defendia inclusivamente que o Universo não era totalmente perfeito, porque a matéria introduz sempre um factor de desordem e de indeterminação. De imperfeição, acrescentaríamos, interpretando as suas palavras.

Por seu turno, Aristóteles, seu pupilo, desenvolveu a ideia de que todos os organismos poderiam ser organizados, de forma hierárquica, numa escala natural. Segundo este modelo, os organismos eram dispostos numa ordem ascendente (do mais simples ao mais complexo), ocupando o ser humano o topo da cadeia. A escala natural de Aristóteles assumia um carácter eterno e imutável, onde cada organismo ocupava um lugar fixo, não sujeito portanto a mudança. Refira-se ainda que este filósofo admitia – imagine-se! - que os organismos podiam ser originados por geração espontânea, i.e., a partir da matéria inanimada, sendo os seres vivos criados por intermédio de um princípio activo. Como rapidamente se poderá deduzir, estes dois princípios criadores estão presentes na essência dos credos religiosos e na sua concepção de criação, divina ou humana.

Tal como as obras de Platão e Aristóteles marcaram profundamente a civilização ocidental, também a interpretação literal do Livro das Origens – ou GÊNESIS⁴⁸ – onde se descreve a Criação no início dos Tempos, influenciou de forma quase incomensurável o pensamento científico até aos séculos XVIII e XIX, estando a explicação da origem das espécies radicada num Princípio Criacionista. Devido ao carácter de verdade absoluta que lhes era atribuído, constituíram um obstáculo insuperável ao avanço da Ciência.

⁴⁸ Com efeito, o nome do primeiro livro da Bíblia e do Antigo Testamento (incluído num conjunto de cinco livros denominados “Pentateuco”) tem etimologia grega, embora a sua língua-mãe tivesse sido o Hebraico. Pese embora o facto dos livros da Bíblia Hebraica não terem qualquer título, sendo chamados apenas pela primeira ou primeiras palavras, os seus tradutores acharam por bem dar aos livros um título, de acordo com o seu conteúdo. Neste caso, “Génesis” i.e., “o princípio de tudo”.

Todavia, num ambiente de grande controvérsia, o século XIX assistiria à vertiginosa transição para uma Teoria Evolucionista, admitindo-se por conseguinte que as espécies se alteram de forma lenta e progressiva ao longo do tempo, originando outras espécies. Tal ideia foi resultado de um longo percurso, feito de contributos singulares em áreas complementares como a Geologia e a Biologia. Estas ideias de mudança fervilhavam em todas as áreas de conhecimento e criariam um ambiente intelectual favorável à implantação definitiva das ideias evolucionistas, ainda que carecessem na sua génese de mecanismos explicativos e de argumentos claros que as apoiassem.

A primeira teoria explicativa fundamentada acerca dos mecanismos da evolução dos seres vivos surgiu em 1809, com Jean-Baptiste, cavaleiro de Lamarck (1744-1829), um naturalista francês e figura de referência na história das ideias sobre a origem das espécies. As suas duas leis fundamentais explicavam, segundo ele, como os seres vivos evoluíam dos mais simples para os mais complexos e como o ambiente afectava a forma e a organização desses mesmos seres vivos, modificando-os. A necessidade sentida pelo ser vivo criava um órgão e a função modificá-lo-ia, sendo que os seus descendentes herdariam as novas características, entretanto adquiridas.

No entanto, é apenas com Charles Darwin (1809-1882) que uma perspectiva evolucionista para a origem das espécies toma realmente forma, assentando em dados geológicos recolhidos, quer através das suas viagens, quer através das experiências que o próprio ia realizando. As suas pesquisas, leituras e contactos com outros estudiosos da altura permitem-lhe alcançar certas conclusões:

- Os seres vivos da mesma espécie apresentam variações entre si (variabilidade intra-específica);
- Em cada geração, é eliminado um grande número de indivíduos, devido a uma luta pela sobrevivência travada entre eles: por competição, pelo alimento, pelo habitat...
- Existe Selecção Natural (sobrevivem os que possuem características mais aptas⁴⁹, sendo os factores ambientais a comandarem essa selecção);

⁴⁹ A expressão "Survival of the Fittest", que é usualmente atribuída a Darwin, não é da sua autoria; foi, antes, cunhada por Herbert Spencer no seu livro *Principles of Biology*, publicado em 1864.

- Os indivíduos transmitem essa característica mais apta à descendência;
- A acumulação de pequenas variações determina, a longo prazo, a mudança e o aparecimento de novas espécies.

Em 1838, Darwin lê um trabalho publicado pelo economista e teólogo Thomas R. Malthus, intitulado “Essay on the Principle of Population”, que acabaria igualmente por o influenciar. Para Malthus, a população humana tende a crescer para além das possibilidades do meio para a sustentar, ou seja, cresce exponencialmente, enquanto que os recursos alimentares crescem em progressão aritmética. Em 1844, Darwin publica um ensaio onde apresenta as linhas fundamentais devidamente justificadas da sua teoria, mas decide não o publicar, consciente da polémica que a mesma iria causar. Dá, contudo, indicações para que seja divulgado postumamente. Curiosamente, Robert Chambers, um editor de bibles, publica em segredo *Vestiges of the Natural History of Creation*, conseguindo enfurecer grande parte do mundo intelectual ao sugerir que os humanos podiam ter evoluído a partir de um primata inferior...!

Em 1858, um jovem naturalista chamado Alfred Russel Wallace a trabalhar durante anos na Malásia envia uma carta a Darwin, pedindo-lhe uma opinião sobre uma teoria que ele próprio havia desenvolvido sobre a transformação das espécies. Como pessoa de boa índole que os relatos da época aparentam indicar sobre Darwin, este confronta-se com uma série de dilemas sobre se deita a perder o trabalho de uma vida e não publica mais ou se, pelo contrário, tira partido daquela carta e revela uma nova teoria, assumindo inteiramente os créditos por tal.

No dia 1 de Julho de 1858, a teoria conjunta de Darwin-Wallace é apresentada ao mundo: *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*. Apesar das lacunas deixadas pelas explicações de Lamarck e de Darwin (os rudimentos da genética moderna só surgirão no final do Século XIX, pela mão de Gregor Mendel), a ideia de evolução estabelece-se na comunidade científica. Os contributos das diferentes áreas científicas na fundamentação e consolidação do conceito e da Teoria da Evolução provieram de áreas tão variadas como a Anatomia Comparada, a Paleontologia, a Biogeografia e a Embriologia.

Especificamente, Charles Darwin viu que todos os organismos competiam pelos recursos e que os que tinham uma vantagem inata eram os que prosperavam, passando essa vantagem à sua descendência. Assim, as espécies tinham tendência a aperfeiçoar-se constantemente. (A “Noção Singular de Darwin”, como lhe chamou Bill Bryson, escritor contemporâneo norte-americano de livros de humor sobre viagens).

A teoria apresentava, contudo, alguns pontos frágeis: os mecanismos responsáveis pelas variações verificadas nas espécies e o modo como essas variações se transmitem de geração em geração permaneciam por explicar. Contudo, o desenvolvimento da Genética viria colmatar as lacunas da teoria de Darwin. Por um lado, a descoberta das mutações (alterações bruscas no património genético, génicas ou cromossomáticas) permitiu explicar o surgimento de variações nos indivíduos de uma determinada espécie. Por outro lado, a Teoria da Hereditariedade⁵⁰, desenvolvida pelo próprio Mendel, explicava a transmissão das características de geração em geração. A Evolução passaria a ser, em suma, a forma como o fundo genético de uma população se altera ao longo do tempo, como resultado da selecção natural.

Entre 1930 e 1940 registam-se avanços significativos da Ciência, que levaram ao desenvolvimento de novos ramos da Biologia, entre os quais a Citologia, a Bioquímica e a Genética. O resultado foi o aparecimento, em 1942, da Teoria Sintética da Evolução ou Neo-Darwinismo. Desenvolvida pelos geneticistas T. Dobzhansky e S. Wright, pelo bio-geógrafo e taxonomista Ernst Mayr⁵¹, pelo paleontologista George Simpson e pelo botânico G. L. Stebbins, esta assentava em 3 pilares:

- a existência de variabilidade genética nas populações, consideradas como unidades evolutivas;
- o conceito de selecção natural, como mecanismo principal da evolução;

⁵⁰ Mendel, pelas suas experiências com ervilhas enquanto viveu no seu país-natal (a actual República Checa), viria a ser considerado o fundador da Genética Moderna e autor das duas leis gerais da Hereditariedade que, mais tarde, provariam não estar totalmente correctas. Thomas Morgan (1866-1945) complementaria este avanço parcial com a Teoria Cromossomática da Hereditariedade (os genes estavam localizados nos cromossomas).

⁵¹ Outra preciosíssima contribuição na área da Biologia, ERNST MAYR (1904-2005) desenvolve o conceito de “Espécie”, procurando explicar o cruzamento e a partilha de fundo genético se, na linha da Evolução, as espécies estiverem próximas. Para provar que um único e comum antepassado havia dado origem a uma multiplicidade de espécies, Mayr demonstrou que quando as populações de uma espécie ficavam isoladas devido a condições geográficas, por motivos de alimentação ou de escolha de parceiro para acasalamento, a variação genética e a selecção natural surgiam como factores que aceleravam a mutação para novas espécies. Esta mutação ocorreria mais rapidamente se o habitat destas espécies fosse uma ilha...!

- a concepção gradualista que permite explicar que as grandes alterações resultam da acumulação de pequenas modificações, ocorridas ao longo do tempo.

Assim, o Neo-Darwinismo admitiria que a variabilidade das espécies é resultado de uma simbiogénese, isto é, de mutações e recombinações de genes (uma das forças primárias da evolução). Enquanto que as mutações introduziam a novidade genética, a recombinação génica durante a meiose – processo de divisão celular – e a fecundação aleatória aumentariam essa variabilidade. A unidade evolutiva passava a ser a própria população, definida através do seu fundo genético. A possibilidade de evolução por fusão constituía um novo mecanismo de inovação biológica que se juntava aos mecanismos já existentes (evolução por divergência, por exemplo), com implicações no aparecimento de novas espécies, no ritmo da evolução biológica e na diversidade.

3.1 A TEORIA DE GAIA

O Princípio de Gaia⁵², também conhecido como Teoria de Gaia, propõe e admite que todos os organismos e respectiva envolvência inorgânica na Terra estão intimamente interligados e formam um sistema complexo, uno e auto-regulador, mantendo as condições climáticas adequadas e permitindo a existência de vida no Planeta.

James E. Lovelock, investigador britânico que a formulou e a propôs na década de 1970 com o título inicial de “Hipótese de Resposta da Terra”, defende que, sendo um todo, a Gaia procura alcançar um ambiente físico e químico otimizado para a existência de vida. Por ter sido inicialmente formulada para conceber o Planeta como um organismo vivo, a Hipótese de Gaia foi duramente criticada e ridicularizada por cientistas e estudiosos.

⁵² Assim baptizado por fazer alusão à mitologia e etimologia gregas: Gaia, era a deusa suprema da Criação e da Terra. Tendo nascido do caos e do vazio do universo, ela teria gerado por partenogénese (reprodução assexuada) outros deuses. Entre eles, encontrava-se Uranus, com quem manteve uma relação incestuosa para procriar os 12 titãs do Panteão Grego.



Ilustração 3 - "Resurrection of Gaia", de Billy Bogiatzoglou (c) 2012

A visão transmitida por Lovelock e a forma como este descrevia tais preceitos, faziam adivinhar uma faceta teleológica à hipótese elaborada, ou seja, a de que existia uma pré-determinação nessa criação, abrindo um caminho nada científico à investigação e demarcando-se visivelmente das conquistas trazidas pelo conceito de selecção natural de Darwin, já explanado anteriormente.

Contudo, anos vindouros acabariam por trazer consistência, maturidade e ponderação às afirmações metafóricas iniciais de Lovelock, em parte devido à postura mais sóbria assumida por Lynn Margulis⁵³, co-autora da Teoria e que, pela sua área de influência, permitiu a aproximação gradual de outros elementos da comunidade científica e o aperfeiçoamento dos seus pressupostos.

⁵³ LYNN MARGULIS (1938-2011) foi uma figura de enorme destaque na área da Biologia e igualmente autora da Teoria Endossimbiótica que choca com a Hipótese Autogénica (que defendia que os seres eucariontes eram o resultado de uma evolução dos seres procariontes). Pelo contrário, é defendido que os eucariontes surgem de uma evolução conjunta de vários organismos procariontes, os quais foram estabelecendo relações entre si).

Na realidade, esta teoria biogeoquímica é bastante mais elaborada, pois considera que a biosfera, a atmosfera, a hidrosfera e a litosfera estão intrinsecamente unidas por um sistema em evolução. Ela defende que a vida da Terra tem uma função activa na manutenção das condições para a sua própria existência. Entre outros exemplos, James Lovelock e Lynn Margulis apontavam como o oxigénio se combina facilmente e recorrentemente (após milhares de anos) com outros elementos para ser reciclado, devido a processos biológicos.

Muitos dos processos que acontecem à superfície do planeta e que são essenciais à vida, dependem da interacção de microorganismos com elementos inorgânicos. Estes processos estabeleceriam um controlo generalizado sobre a temperatura à superfície da crosta terrestre, sobre a composição da atmosfera e a salinidade dos oceanos, dado o desequilíbrio termodinâmico global sentido no planeta.

A originalidade da Teoria de Gaia reside na avaliação que é feita relativamente ao equilíbrio homeostático (i.e., do próprio sistema) que é activamente procurado, com o objectivo de manter condições óptimas para a Vida, mesmo quando acontecimentos terrestres ou externos ao próprio planeta ameaçam essas mesmas condições. Embora a atribuição da designação “ser vivo” a um conjunto interdependente de populações biológicas cause ainda, em termos semânticos, bastante controvérsia (Carl Sagan afirmava que, ao contrário de todos os outros seres vivos, a Terra não se reproduzia), as linhas gerais desta teoria são já largamente aceites, levando a uma nova forma de pensar o meio ambiente, numa interacção entre seres vivos e não-vivos.

O processo como um todo assemelha-se aos desdobramentos entre organismos unicelulares, multicelulares, colónias e, de novo, indivíduos multicelulares num ciclo ascendente e global. Esta forma de perspectivar os ecossistemas abriu, por conseguinte, uma oportunidade da Ficção Científica incorporar conceitos novos da astronomia, cibernética, biologia e filosofia nas suas fileiras e apresentar visões tão aterradoramente belas como aquela que nos é dada a conhecer no filme FINAL FANTASY – THE GHOSTS WITHIN, onde o papel desempenhado pela Terra-Gaia assume um carácter decisivo.

3.2 UTOPIAS RELIGIOSAS

Quando falamos em “Utopia” - o termo cujo duplo sentido na origem grega da palavra inventada por Sir Thomas More para o seu romance com o mesmo nome significa “o lugar que não existe” ou o “local da felicidade extrema” - vem-nos instintiva e consequentemente ao pensamento uma ilha remota de localização incerta, na qual a nossa imaginação estabelece uma sociedade idílica que, porventura, não será mais que a concretização dos sonhos íntimos de cada um. Embora a Literatura seja pródiga em retratar utopias - recordemos a condição geográfica privilegiada da própria Grã-Bretanha⁵⁴ - sejam elas subterrâneas (como em *The Coming Race*, de Edward George Bulwer-Lytton, 1871), cercadas por montanhas e situadas no centro de África, Ásia ou Nova Zelândia (como na sátira *Erewhon*, de Samuel Butler, 1872), na região lunar ou num qualquer planeta (como em *Men Like Gods*, de H. G. Wells, 1923, onde numa realidade paralela, um mundo é precisamente denominado pelos terráqueos de “Utopia”) ou, até, utopias apenas distantes no tempo (como em *Brave New World*, de Aldous Huxley, 1931-32), facto é que as ilhas foram sempre os locais preferidos para a localização destas filosofias ideais, fruto da tradição estabelecida pela narrativa de More de 1516.

Emma Goldman escrevia em “The Philosophy of Atheism”, um ensaio de 1916:

“God, today, no longer represents the same forces as in the beginning of His existence; neither does He direct human destiny with the same iron hand as of yore.”

Acreditamos que todas as utopias são perigosas por encerrarem um qualquer tipo específico de controlo ou de subjugação do indivíduo ao bem superior da “comunidade”; porém, as utopias de cariz religioso vão mais além: elas são perversas porque assumem a ilusão altruista do bem-estar e da felicidade, mas concedem culpa, remorso e castigo aos que as não aceitam com total devoção...

Ainda que a argumentação criacionista assegure que todos fomos feitos à imagem e semelhança de Deus (Antigo Testamento, Génesis, 1:26) e que o ser humano foi imediatamente criado como ser totalmente inteligente há cerca de 6000 anos atrás,

⁵⁴ Sobre esta temática em concreto, encontrámos bastante pertinência no artigo “The English Island Myth – Remarks on the Englishness of Utopian Fiction”, de Richard Gerber, publicado na *Critical Quarterly*, em Março de 1959.

envolvendo-se logo a seguir em artes manuais com metais (idem 4:22), o conflito com o Evangelho, para os próprios Cristãos, parece advir do facto de que, se se confirmassem as teorias de milhões de anos quanto a fósseis, tal iria comprometer os Escritos Sagrados e as razões de Cristo ter vindo a Terra, o que invertia os efeitos do castigo. Em ROMANOS 5:12 (Novo Testamento, Cartas de São Paulo), afirma-se que o pecado e a morte entraram na Criação como resultado das acções de Adão; não houve morte antes da queda. Noé, a sua arca e um novo mundo utópico seriam, igualmente, dispensados.

Enfim, "We could have been spared the whole thing", desabafava Christopher Hitchens. Antes, o destino humano a que se referia Goldman, conduzido apenas pelos próprios, torna "harder and harder to see where God fits into the picture"⁵⁵!

Se, por um lado, os utopistas profanos não acreditam ser concretizáveis os seus sonhos em vida, mas sentem tão-só o dever de empregarem os seus esforços em prol de gerações futuras, por outro lado, partilhamos a visão de Thomas Paine⁵⁶ quando afirmava que "No grand and noble deity should have such atrocities and stupidities laid to his charge".

Nas leituras por nós efectuadas, as utopias-romances em SF parecem apresentar algumas incoerências: o Futuro é, demasiadas vezes, um mero desenrolar unidimensional de acontecimentos e de possibilidades latentes da Humanidade, um factualismo isolado ao qual se nega um Passado e um Presente. Além disso, o seu carácter fantástico torna extremamente difícil a recriação em memória do ambiente descrito e em que decorre a história; o(a) autor(a) vê-se obrigado(a) a criar os mais insignificantes pormenores, de acordo com o grau de evolução e de avanço atribuídos à sociedade descrita, para tornar a narrativa verosímil.

Tal dificuldade é extremada quando um pendor religioso é assumido nessas mesmas utopias. Se recuarmos à génese da criação e focalizarmos as mitologias Grega/Romana, veremos deuses criados à imagem dos seres humanos, mas com traços de

⁵⁵ Frederick A. Kreuziger, *The Religion of Science Fiction*, (Capítulo 5, página 118).

⁵⁶ Thomas Paine, *The Age of Reason*, 1794 (vide Bibliografia, Secção 6.2.1).

personalidade e comportamentos hiperbolizados, como convirá ao panteão infundável de divindades⁵⁷ concebidas pela imaginação humana.

Estas utopias são, além disso, romances de ideias: as personagens neles exibidas são apenas representantes do indivíduo médio (habitualmente do género masculino), movimentando-se num ambiente restrito e concretizando os ideais políticos e sociais do autor. Por mais plurais que sejam as características que se vislumbram na evolução subjacente a todas as utopias em SF, elas representam - em última análise - uma tentativa de concretização do primitivo ideal utópico: a criação de um Paraíso terreno. Os ideais de perfeição terrena destas utopias serão, seguramente, ultrapassados pelo ideal de perfeição “Post-Mortem”, a temática de eleição para muitas religiões.

Nas nossas pesquisas, deparámo-nos com um conjunto absolutamente impressionante de títulos pertencentes à categoria de Utopia. Os primeiros que aqui se enumeram, são passíveis de serem incluídos na classe de proto-ficção científica:

- O utopismo do filósofo italiano Tommaso Campanella na sua *La città del Sole* (1602) e do teólogo alemão Johannes Andreae, com a sua cidade-utopia *Christianopolis* (1618);
- As utopias inglesas no Século XVII, com *Mundus Alter et Idem* do Bispo de Exeter, Joseph Hall (1605), *The New Atlantis* do filósofo Francis Bacon (1624, edição original em Latim) e *Man in the Moone* do historiador Francis Godwin (publicação póstuma em 1638);
- A Utopia da revolução e da indústria, em narrativas políticas como *A Description of the Famous Kingdome of Macaria* de Gabriel Plattes (1641), *Nova Solyma* de Samuel Gott (1648), *The Law of Freedom in a Platform* de Gerrard Winstanley (1652) ou *The Commonwealth of Oceana* de James Harrington (1656).

⁵⁷ Uma análise sexista das relações sociais entre divindades transcende por completo o alcance da presente dissertação, mas é interessante notar a forma como certos mitos relacionados com a criação tendem a sobrevalorizar a figura masculina e a relegar para segundo plano o papel ou importância da figura feminina: foi Eva quem induziu Adão a cometer o pecado original; foi Pandora, a primeira mulher pela Mitologia Grega, oferecida por Zeus à Humanidade, quem libertou todos os males pelo mundo ao abrir um frasco ou urna... Destes e de outros aspectos dá conta Rosemary Ruether, teóloga e erudita em *Gaia and God: An Ecofeminist Theology of Earth Healing* (1994).

Os títulos indicados a seguir, pelo contrário, coincidem já (aproximadamente) com o período cronológico – finais do Século XVIII e inícios do Século XIX - que demarca o início do género ulteriormente conhecido como “Science Fiction”:

- Os socialistas utópicos do Século XVIII já mencionados em parte, como Bulwer-Lytton ou Butler, mas também o Americano Edward Bellamy, com *Looking Backward: 2000-1887* (1887) e o Inglês William Morris, com *News From Nowhere* (1890);
- As Utopias Modernas, das quais destacamos *Back to Methuselah* (1921), de George Bernard Shaw. Esta alegoria da Evolução vai buscar o seu título ao nome de um dos patriarcas anteriores a Noé e ao Dilúvio (Mathusalah ou Matusalém) que teria alegadamente vivido 969 anos [Livro do GÉNESIS, Capítulo 5, versículos 21 a 27], assim usado como exemplo de uma grande longevidade...!

É no prefácio que precede as 5 peças de teatro propriamente ditas que Shaw critica a Evolução Circunstancial ou Selecção Natural de Darwin, acusando-a de ter reduzido a Vida a uma série de acasos não- controláveis pela vontade humana. Aí se faz a apologia das teorias evolucionistas de Lamarck (vide abertura da Parte 3), segundo as quais os organismos vivos se iriam modificando através de um acto voluntário.

É a fé nesta Evolução Criadora – a suposta nova “religião” do Século XX – que está na base da obra algo profética de Shaw. O ser humano, um “Super-Homem” em potência, poderá controlar individualmente esta evolução e fixar o termo da vida apenas aos 300 anos estando, por conseguinte, ao alcance da Humanidade o estabelecimento, na Terra (ou mais além), de uma sociedade perfeita:

The Ancients make use of the occasion to explain the realities of life to the young ones. One's own body is the last of many dolls and it will be shed, as well. A man's eventual destiny is to be bodiless, a vortex of energy, immortal, and free to roam among the stars. [5ª Peça, “As Far as Thought Can Reach: A.D. 31,920”]

3.3 ESTRELAS, A MINHA ORIGEM

Este breve sub-capítulo remete-nos para o Cosmos como a origem primeira, a gênese. Em certa altura, Sir Isaac Newton teria afirmado, justificando humildemente as suas descobertas: “If I have seen further is because I was standing on the shoulders of giants”. Esta metáfora de “anões aos ombros de gigantes” (da suposta autoria do francês Bernard de Chartres, que a teria usado pela primeira vez no século XII) possui contudo uma interpretação contemporânea: a de que aqueles que desenvolvem pesquisas, terão obtido sucesso por se basearem em trabalhos e investigação intelectual de notáveis pensadores do passado. Os “gigantes” de Newton eram Galileu Galilei e Johannes Kepler, pertencentes à geração anterior a Newton. Por sua vez, estes estiveram aos ombros de um outro gigante: o monge polaco Nicolau Copérnico, que desafiou e contrariou a tradição geocêntrica. Um outro gigante surgiria que conseguisse subir aos ombros de Newton, 200 anos mais tarde: Albert Einstein.



Ilustração 4 - Imagem conceptual da nave espacial DAWN na sua missão de estudar os corpos celestes Vesta e Ceres. Cortesia da NASA/JPL-Caltech.

Todos estes contributos tornaram possível a descoberta de que VESTA, o maior asteroide conhecido, e o planeta anão CERES – ambos localizados na cintura de

asteróides entre Marte e Júpiter – são dois corpos celestes (vide Ilustração 4, no verso) que se acredita terão evoluído juntos nos inícios da formação do sistema solar. Nessa altura, os materiais presentes na nébula variavam de acordo com a distância a que se encontravam do Sol. À medida que a distância aumentava, a temperatura diminuía, com os elementos terrestres a formarem-se mais perto do sol e os de gelo a formarem-se mais longe. Embora próximos, Vesta e Ceres evoluíram de forma muito diferente: o primeiro é um planeta seco, cuja superfície revela ter sofrido um processo duplo de solidificação da crosta terrestre e que se assemelha a outros planetas rochosos da parte interior do sistema solar (como a Terra); o segundo, pelo contrário, possui uma superfície com minerais passíveis de conter água, e poderá ter uma atmosfera rarefeita, características que o aproximam das luas geladas do sistema solar exterior.

Ao estudar estes dois corpos celestes distintos com o mesmo conjunto de instrumentos e utilizando a mesma nave espacial, a missão Dawn (iniciada em 2007 e com fim previsto para 2015) espera poder comparar os diferentes percursos evolutivos e ter uma perspectiva global do sistema solar na sua “infância”. Os dados recolhidos poderão permitir avanços significativos no conhecimento de como aquele se formou. O interesse destes dados fornecidos pela NASA reside no facto de que ambos os planetas têm a fascinante idade de 4,5 biliões de anos cada - o que deitaria por terra as teorias Criacionista e Fixista de que falávamos no início deste Capítulo, porquanto fariam renascer e confirmar a teoria de que a origem da Terra era exógena!

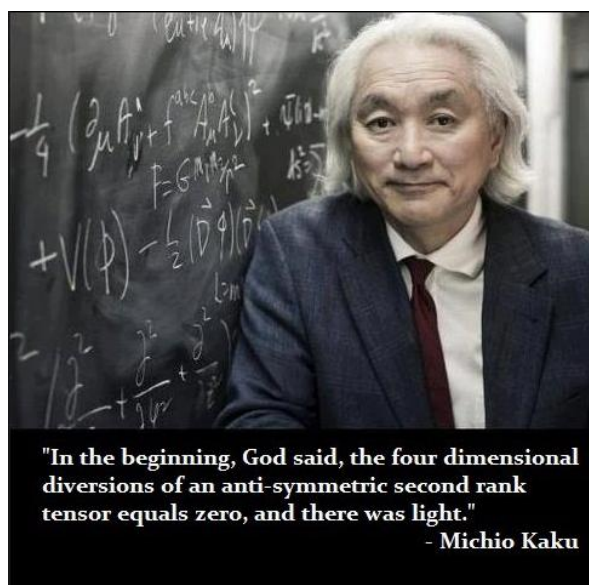


Ilustração 5 - O Físico Teórico Michio Kaku e a "sua" re-escrita do Mito da Criação.

A explicação religiosa da Vida na Terra deixará de fazer sentido, tal como a pretensão criacionista em “Did Life Come to Earth From Outer Space?”, por Russell Grigg (“Ministry of Creationism International”), onde ainda se advoga que a “ávida obsessão” de muitos evolucionistas com a Exobiologia ou Astrobiologia alimenta um dogma estéril. A procura incessante, defendem, de um planeta que encaixe num “Goldilocks Criterion”⁵⁸ é apenas mais uma forma de desviar as atenções daquilo que será o óbvio: Deus não teria criado quaisquer outras formas de vida noutro sítio do Universo...! Da mesma forma, em “Did God Create Life on Other Planets?”, por Gary Bates, também se afirma arrogantemente que

Surely, if the earth were to be favoured with a visitation by real extraterrestrials from a galaxy far, far away, then one would reasonably expect the Bible, and God in His sovereignty and foreknowledge, to mention such a momentous occasion, because it would clearly redefine man’s place in the universe.

Portanto, há quem não conceda o benefício da dúvida em relação a seres inteligentes noutros mundos ou galáxias. Mesmo quando no Evangelho Segundo São João (10:16), Jesus teria supostamente afirmado:

“I have other sheep, which are not of this fold; I must bring them also, and they will hear My voice; and they will become my flock with one shepherd”,

e se defenda no Vaticano (um padre jesuíta americano chamado Guy J. Consolmagno) que esta referência seria aos Gentios, não a extraterrestres. Seja. Vem-nos à memória uma frase de C. Hitchens: “Que religião é esta que apelida os seus seguidores de ovelhas?”...

⁵⁸ “Zona Habitável” ou “Zona de Conforto” é o termo científico em Astronomia e Astrobiologia para o limite de órbitas planetárias que circundam uma estrela e onde é (em teoria) possível para um planeta, com suficiente atmosfera, conservar água no estado líquido à sua superfície. Uma vez que a água é vital a todas as formas de vida conhecidas, os planetas nesta zona são considerados os locais mais promissores para albergar vida extraterrestre. A expressão original provem da história *Goldilocks and the Three Bears*, em que uma rapariga escolhia sempre (de um conjunto de 3 objectos) o do meio, ignorando os que se encontravam nos extremos (nem muito grande, nem muito pequeno, nem muito quente, nem muito frio). Assim, o planeta que segue este Princípio deveria encontrar-se nem muito perto nem muito longe de uma estrela.

3.4 CASOS DE ESTUDO

Os títulos escolhidos são uma pequena molécula na vastidão das obras passíveis de serem analisadas⁵⁹ (não esgotando a forma como os supostos actos da criação são apresentados), mas dão conta de uma pluralidade de elementos que corroboram a teoria enunciada nesta dissertação. Por ordem cronológica de publicação, são eles:

- *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818)
- “Reason”, de Isaac Asimov (1941)
- “For I Am a Jealous People!”, de Lester Del Rey (1954)
- “Solipsist”, de Fredric Brown (1954)
- *Assumption*, de Desmond Warzel (2010)
- “Acordar o Profeta”, de João Leal (2012).

Uma retrospectiva das narrativas seleccionadas permite-nos compreender como cada uma contextualiza o momento da criação – de carácter marcadamente solene e divino – mas permitindo adivinhar marcas humanas nessa mesma génese da existência.

3.4.1. FRANKENSTEIN, de Mary Shelley (1818)

Escrever sobre *Frankenstein or the Modern Prometheus*, o romance magistral de Mary Wollstonecraft Godwin (1797-1851), afigura-se-nos ousado e pretensioso, dado o nosso ínfimo conhecimento perante o génio da autora.

Gavin Scott, romancista e argumentista da actualidade, afirma que os autores de SF desempenham o papel de deuses quando criam mundos. Ora, parte da inspiração para esta história surge da imagem do Cientista como alguém que usurpa os privilégios que só a um deus são conferidos: os da criação.

⁵⁹ O processo de selecção dos títulos a analisar foi muito ponderado. Teriam igualmente dado bons exemplos de análise: *Lord of Light*, de Roger Zelazny (1967), *A Modern Utopia*, de H. G. Wells (1905), *Utopia*, de Thomas More (1516/1551) e *The Word For World is Forest*, de Ursula K. Le Guin (1976).

Numa proto-Ficção Científica de inícios do Século XIX, Mary Shelley é merecidamente vista por alguns historiadores literários, como Lynn Alexander ou Jeff Coghill, como a primeira escritora de SF, dado que combina aqueles que são, ainda hoje, considerados os 3 elementos característicos do género:

- um relato plausível da Ciência do seu tempo;
- uma crítica humanista a essa mesma Ciência;
- uma antevisão possível daquilo que poderá acontecer se a Ciência e a Tecnologia não forem controladas.

Numa época em que se anunciava o advento da revolução científica, “Frankenstein” constitui-se como a primeira história em que um ser humano cria um outro ser humano, sem a necessidade de uma mulher e sem intervenção divina... “It was the secrets of heaven and earth that I desired to learn;” [Cap. 2, Pág. 35].

Victor Frankenstein, uma das personagens principais, é um jovem cientista ambicioso e sedento de conhecimento e reflecte todas as crenças e expectativas da comunidade científica em que a própria Mary Shelley se movia, por influência de seu pai.

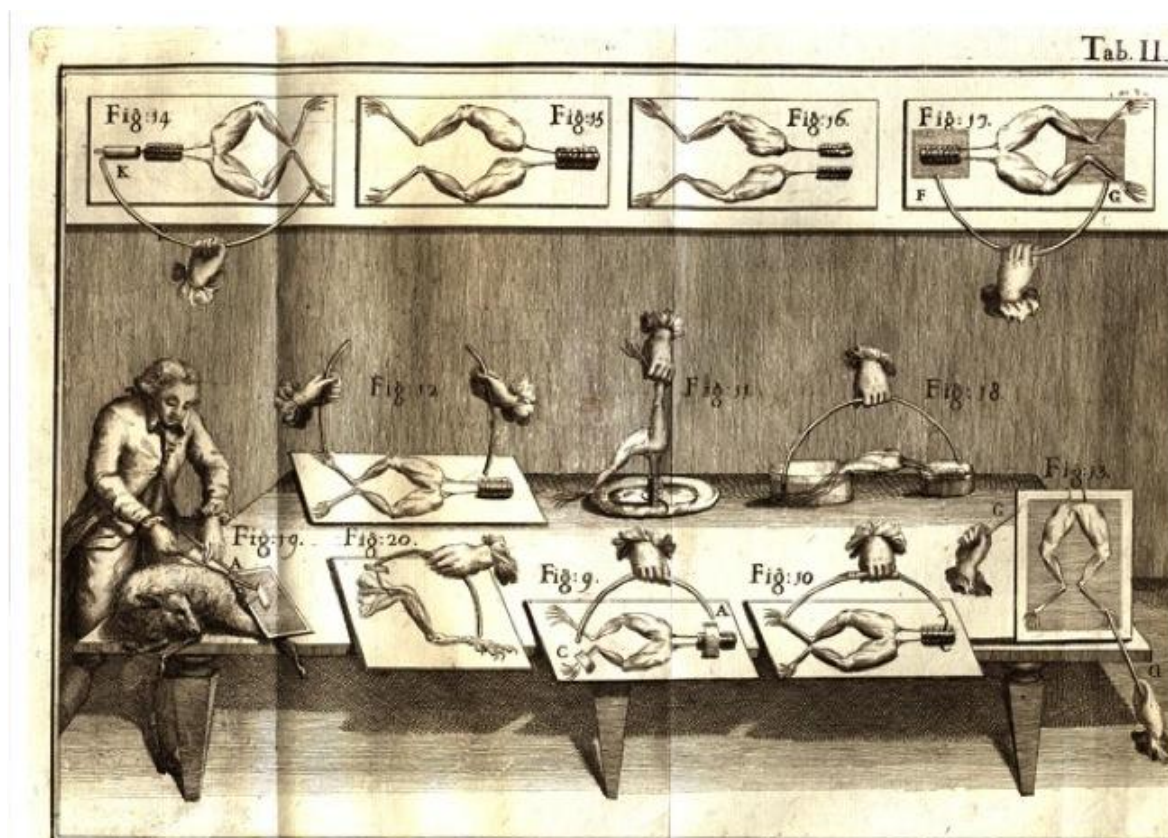
(...) I entered with the greatest diligence into the search of the philosopher’s stone and the elixir of life; (...) Wealth was an inferior object, but what glory would attend the discovery if I could banish disease from the human frame and render man invulnerable to any but a violent death! [Cap. 3, Pág. 38]

Este era o despontar de uma nova era da Medicina, em que a reanimação de tecidos e o fim da morte e da doença pareciam passíveis de ser alcançados. Através de rudimentos da bio-electricidade, Frankenstein apercebe-se do imenso poder ao seu alcance: “It was very different when the masters of the science sought immortality and power;” [idem, Pág. 45].

Reconhecendo inconscientemente o papel de Deus que agora toma para si,

Some miracle might have produced it, yet the stages of the discovery were distinct and probable. After days and nights of incredible labour and fatigue, I succeeded in discovering the cause of generation and life; nay, more, I became myself capable of bestowing animation upon lifeless matter [Cap. 4, Pág. 51]

e assumindo o repto há muito desejado: “It was with these feelings that I began the creation of a human being” [idem, Pág. 53].



*Ilustração 6 – Criando “a spark of life” com o Galvanismo e os rudimentos da Bio-Eletricidade.
 “A creature made of dead meat bound together with wire.” (Ridley Scott)*

A consciência de se sobrepôr à figura de Deus leva-o, contudo, ao pesadelo e à auto-tortura interior por ter criado algo de oposto aos seus desígnios iniciais: “(...) it became a thing such as even Dante could not have conceived” [Cap. 5, Pág. 58].

Aliás, em virtude desta narrativa ser feita em analepse, a adjectivação negativa é utilizada desde muito cedo como remissão para a sua criação e para o seu acto, que apelida de “filthy creation” (Pág. 54) e de “loathsome employment” (Pág. 55).

O momento da criação da criatura (que ocupa todo o Capítulo 5), é simultaneamente pleno de solenidade e de uma envolvência doentia, fétida e que resulta em catástrofe:

With the anxiety that almost amounted to agony, I collected the instruments of life around me, that I might infuse a spark of being into the lifeless thing that lay at my feet. (...) by the glimmer of the half-extinguished light, I saw the dull yellow eye of the creature open; it breathed hard, and a convulsive motion agitated its limbs. [idem, Pág. 57],

sendo que a sua culpa e a descrição fortemente adversa do ser criado e agora desprezado pelo seu “Criador”, perduram: “dreaded spectre”, “the monster” (Pág.

62)... Ao contrário de Adão, o primeiro homem, que “come forth from the hands of God a perfect creature” (Capítulo 15), a criatura gerada por Victor Frankenstein é horrenda. Abandonado ao seu destino, o monstro sente-se “wretched, helpless and alone”. Todos os elementos que parecem apontar para uma auto-penitência Cristã ou um moralismo militante receoso de censura humana, apenas vão desviando a atenção de uma única missiva: a de que a sua criação, ansiando afectos mas recebendo atroz rejeições, saciará a sua sede de vingança, matando selvaticamente todos os que, de uma forma ou de outra, se relacionam com Victor Frankenstein!

A culpa assumida e o arrependimento deste último são recorrentes e acompanhá-lo-ão até aos últimos dias da sua vida:

(...) Thus spoke my prophetic soul, as, torn by remorse, horror, and despair, I beheld those I loved spend vain sorrow upon the graves of William [o seu irmãozito mais novo] and Justine [a ama], the first hapless victims to my unhallowed arts [Cap. 8, Pág. 91].

Com uma postura já completamente humilde, e reconhecendo que só Deus Omnipotente deve criar e governar os elementos (Página 97), Victor Frankenstein é invadido de forma cada vez mais frequente por um desejo de suicídio,

(...) often, I say, I was tempted to plunge into the silent lake, that the waters might close over me and my calamities forever. [Cap. 9, Pág. 93]

Wandering spirits, if indeed ye wonder, and do not rest in your narrow beds, allow me this faint happiness or take me, as your companion, away from the joys of life [Cap. 10, Pág. 101]

alternado com o de homicídio...

“When I thought of him, I gnashed my teeth, my eyes became inflamed and I ardently wished to extinguish that life which I had so thoughtlessly bestowed. When I reflected on his crimes and malice, my hatred and revenge burst all bounds of moderation.” [Cap. 9, Pág. 94].

Com efeito, o sentimento de repulsa é crescente e a caracterização da criatura feita de forma mais feroz: “the wretch whom I had created”, “Begone, vile insect”, “Abhorred monster! Fiend that thou art!”, “(...), said the daemon”, “Devil, I exclaimed”, “Relieve me from the sight of your detested form” [Pág. 104]. Esta caracterização contrasta visivelmente com a inteligência, cultura e instrução que a criatura adquiriu e demonstra possuir, ao dominar “the science of words or letters”, como ele as apelida (Pág. 113), num curto espaço de tempo, ainda que a escritora lhe atribua falas como “I was a poor, helpless, miserable wretch” [Cap. 11, Págs. 106-107], “I, an imperfect and

solitary being” [Cap. 12, Pág. 114] e “My person was hideous and my stature gigantic” [Cap. 15, Pág. 134].

Toda a adjetivação enunciada no parágrafo anterior parece servir um propósito claro: o de permitir voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente a Victor Frankenstein afastar a sua criação do género humano, para que este possa conciliar-se com a sua consciência e, simultaneamente, não seja comparado com uma divindade. Caso contrário, os seres humanos e essa criatura partilhariam uma mesma natureza. Algo inconcebível, talvez...?

Pouco convincente parece ser ainda a sua assunção de “Modern Prometheus”: “For the first time (...) I felt what the duties of a creator towards his creature were, (...)” [Cap. 10, Pág. 105]. Victor Frankenstein demarca-se dessa responsabilidade⁶⁰, mas a sua criação vê-o como um ser superior, um deus:

”The words they [people] spoke produced pleasure or pain, smiles or sadness (...) This was indeed a godlike science” [Cap. 12, Pág. 116].

A arte e o engenho de Mary Shelley pressentem-se, de novo, na descrição do modo como a besta se vai gradualmente eivando de emoções e interrogações, próprias apenas (supostamente) dos seres humanos. As três passagens seguintes disso são o exemplo:

What did this mean? Who was I? What was I? Whence did I come? What was my destination? [Cap. 15, Pág. 134]

Many times I considered Satan as the fitter emblem of my condition [idem, Pág. 135]

No Eve soothed my sorrows nor shared my thoughts; I was alone [Idem, Pág. 137].

Esta última citação abre, decerto, caminho a mais um capricho da criatura; na realidade, o leitor é – como Victor Frankenstein, afinal – testemunha passiva da forma como as condições impostas pelo Ser deverão ser observadas pelo seu criador...

I learned from your papers that you were my father, my creator; (...) My companion must be of the same species and have the same defects. This being you must create. (...) I demand a creature of another sex but as hideous as myself; the gratification is small, but it is all that I can receive, and it shall content me [Cap. 16, Págs. 145 e 151; Cap. 17, Pág. 153, respectiv.]

⁶⁰ Vem-nos à memória a peça de teatro *The Tempest* (1623) de William Shakespeare, embora nesta, o poderoso e onnipresente Prospero se distancie claramente de Frankenstein, ao assumir a propriedade sobre o seu pérfido escravo Caliban: “This thing of darkness I acknowledge mine” (Acto V, Cena I, versos 275-276).

Victor Frankenstein comove-se com tal pedido, a ponto de considerar verdadeiras as promessas de que a criatura não mais voltará a importuná-lo ou à raça humana e legítimas as pretensões de poder ser igualmente feliz. Este considerando atira-o de volta ao laboratório e à sua “unearthly occupation” (Cap. 18, Pág. 161). Será Frankenstein um deus? Um demónio?

Agora que o seu “labour was already considerably advanced” (Cap. 19, Pág. 174), não tardará muito para que Frankenstein discorra, nos seus momentos a sós, sobre os efeitos futuros da criação de mais uma vil e desprezível criatura: “the daemon thirsted [for] children and a race of devils would be propagated upon the earth (...) she might become ten thousand times more malignant than her mate;” [Cap. 20, Pág. 175]...

... e, intuitivamente, acabe por “trembling with passion, tore to pieces the thing on which I was engaged” [Pág. 176]. Reagindo de forma tresloucada a este acto do seu mestre, a criatura inverte (e subverte) os papéis instituídos:

“Slave, I before reasoned with you; (...) remember that I have power; (...) You are my creator, but I am your master; obey!” [Página 177].

Não podemos deixar de referir um paralelismo interessante entre este momento da obra de Shelley e os versos⁶¹ que a seguir se transcrevem do poema “Paradise Lost”, de Milton, uma das fontes de inspiração de Mary Shelly:

Did I request thee, Maker, from my Clay
To mould me Man? Did I solicite thee
From darkness to promote me Or hereplace
In this delicious garden?

Nestes versos, retrata-se a “queda” do primeiro homem e a sua desresponsabilização pelo pecado original, face ao seu Criador. O propósito do autor é esclarecer os desígnios de Deus relativamente à Humanidade. Em sentido inverso, os desígnios de Frankenstein para com o ser criado jamais incluirão a satisfação das suas exigências.

A dicotomia Bem/Mal vai marcando presença pela pena sublime de Mary Shelley, mas a relação de Victor Frankenstein com o seu deus é algo dúbia... como que incompleta, por não se apoiar explicitamente na religião ou entidade divina. A criatura de

⁶¹ John Milton, Livro 10, versos 743 a 746.

Frankenstein assume, de forma maniqueísta, a sua natureza demoníaca, mas apenas para cumprir um desígnio tácito: o de se demarcar a ele próprio da existência humana: “The completion of my demoniacal design became an insatiable passion” [Chapter 24, page 233].

Este “tale of spirits and supernatural events” (Pág. 212) apenas reforça a divisão entre o lado intelectual vs. lado emotivo do ser humano; não já a pouco credível necessidade de atributos divinos em qualquer uma das personagens principais. Para Frankenstein, o delírio e o desespero de viver aumentam a distância entre o sonho e a realidade, como se de duas faces da mesma moeda se tratasse. A loucura é um porto de abrigo, o único que albergará uma mente em busca de paz: “He believes that when in dreams, he holds converse with his friends (...)” [Pág. 223]. Nos seus momentos de lucidez agonizante, Victor Frankenstein concebe apenas a destruição do Ser, a quem concedeu uma centelha de vida, e a sua própria morte tranquila: “I must pursue and destroy the being to whom I gave existence; then my lot on earth will be fulfilled and I may die” [Pág. 225].

Victor Frankenstein é “O Prometeu Moderno” porque se insurge contra as leis da natureza (e a forma como a vida é naturalmente gerada); como consequência, este é castigado pela sua criação, surgindo aos olhos dos leitores como alguém que se excede por melhorar a condição humana, mas que desencadeia uma tragédia, de contornos góticos. Aí, o misterioso e o sobrenatural acontecem em locais lúgubres e exóticos. No sub-título do romance, como nas palavras de Victor Frankenstein no seu leito de morte, Mary Shelley parece querer indiciar que as desventuras daquele não são fruto da sua ambição, mas da indiferença e desprezo com que trata a sua criação. O verdadeiro drama é a incapacidade de Frankenstein em assumir a responsabilidade pela criatura que concebeu⁶² em laboratório. Se transpusermos este debate para o

⁶² Preterido em detrimento da obra aqui analisada de Mary Shelley, erguia-se um romance de um outro escritor de vulto e um marco na literatura de Ficção Científica; infelizmente, e para evitarmos a repetição de uma temática idêntica em diferentes títulos (pese embora o facto de distarem no tempo 78 anos e de esta última ter sido já escrita sob a égide das descobertas entretanto efectuadas por Charles Darwin), a obra *The Island of Dr. Moreau* (1896) de H. G. Wells foi por nós abandonada. Todavia, julgamos ser pertinente apresentar aqui o resumo da mesma, feito por John Clute em *SF – The Illustrated Encyclopedia* (1995):

“(...) a post-Darwinian take on the Frankenstein story: Doctor Moreau seeks to make surgical shortcuts through evolution, populating his island with bizarre beasts. Although their appearance is modified through surgery and they are ‘civilized’ through chanted laws, they inevitably return to their old behaviour”.

campo da Teologia e da Religião, o mesmo poderia afirmar-se sobre o silêncio com que Deus tem brindado a espécie humana, numa total ausência de justiça e moral. Após a criação do mundo e do ser humano, Deus parece ter abandonado a humanidade, deixando o resultado da sua criação entregue ao seu próprio destino...

3.4.2. REASON, de Isaac Asimov (1941)

A Ficção Científica coloca, não raras vezes, temáticas especulativas ancestrais e áreas como a Metafísica ou a Teologia em confronto; algumas vozes mais radicais defendem que a justificação reside no facto da própria Ciência e a Tecnologia as terem abandonado. Tal não se verifica, de todo, no presente conto.

Em “Reason” - a 3ª de uma série de 9 histórias que viriam a ser compiladas, em 1950, com o título sugestivo de *I, ROBOT* - o consagrado escritor americano de descendência russa Isaak Judah Ozimov (1920-1992) aborda, satiricamente, a famosa proposição lógica do filósofo francês René Descartes - “Je pense, donc je suis” - para a adaptar à origem da Religião. O enredo é apresentado de forma muito singela e clara, como é aliás apanágio de Isaac Asimov, pela voz de uma das personagens:

When these [space] stations were first established to feed solar energy to the planets, they were run by humans. However, the heat, the hard solar radiations, and the electron storms made the post a difficult one. Robots were developed to replace human labor and now only two human executives are required for each station. [Pág. 321]

Por esse motivo, a primeira série de robots inteligentes QT poderá vir a assegurar essa transição, se provarem ser capazes de assegurar a manutenção da espação estacial de forma autónoma. É de registar que os atributos e comportamentos dos robots deste autor de SF se assemelham, intencional e inusitadamente aos dos seres humanos. Vejam-se os excertos seguintes:

Cutie gazed upon his long, supple fingers in an oddly human attitude of mystification;

The robot rose erectly smoothly (...);

But where do I come in (...) you haven't explained *my* existence [Pág. 320].

O conflito irrompe quando QT-1, o robot protagonista da história, extremamente céptico em relação àquilo que os humanos Gregory Powell e Mike Donovan (seus superiores) lhes contaram sobre a Terra e sobre a sua própria criação/montagem, acaba por assinalar a mais que evidente imperfeição dos seus criadores: “Do you expect me,” said Cutie slowly, ‘to believe such (...) implausible hypothesis (...)’ For *you* to make me seems improbable” [Pág. 321].

A resposta apanha de surpresa os dois “Earthmen”: “Powell sputtered apple fragments onto the table and turned red. “Why, damn (...)”, he doesn’t believe we made him or that Earth exists or space or stars” [Pág. 322].

É notável a forma engenhosa com que a narrativa se desenvolve em Isaac Asimov, rapidamente nos deixando entrever que a “sede de saber” de Cutie (QT) é uma metáfora para a ânsia de conhecimento do próprio ser humano. Cutie assim o “sente”:

‘For *you* to make *me* seems improbable. Call it intuition. That’s all it is so far. But I intend to reason it out, though.’ [Pág. 320]

‘A hypothesis must be backed by reason, or else it is worthless- and it goes against all the dictates of logic to suppose that you made me.’ [Pág. 323]

A argumentação da história, essa, é exposta seguindo um processo lógico-dedutivo de desconstrução/construção de ideias, a fazer lembrar a maiêutica de Sócrates e seus discípulos, utilizando um raciocínio concreto. A premissa é estabelecida por Cutie: “I, myself, exist, because I think –“ [id.]. A sua observação empírica permite-lhe recolher os dados de que carece para, finalmente, interpretar, estruturar e catalogar a realidade circundante:

“Look at you, (...) The material you are made of is soft and flabby, lacking endurance and strength (...) Periodically you pass into a coma and the least variation in temperature, air pressure, humidity, or radiation intensity impairs your efficiency. You are *makeshift*. I, on the other hand, am a finished product. I absorb electrical energy directly (...) am composed of strong metal, am continuously conscious (...)”. [Pág. 324]

A sua conclusão, baseada na lógica, é evidente *de per se* e, por conseguinte, irrefutável:

“(...) no being can create another being superior to itself, (...) Evidently my creator must be more powerful than myself and so there was only one possibility”. [idem]

À medida que este aceso diálogo se metamorfoseia em confronto directo, estabelecido entre o pausado e tranquilo Cutie (de um lado) e os incrédulos e impotentes Powell e

Donovan (do outro), apercebemo-nos do engenho de Isaac Asimov ao transferir uma certa carga de dramatismo, intensidade e absurdo a este cenário de “Pathos” grego. Os termos pejorativos com que Mike Donovan se exprime ao se referir a QT extravasam o âmbito do conto e dão voz àqueles que, seguramente e à época, se opunham a avanços extremos na Tecnologia e na Ciência. Os vocábulos empregues são elucidativos: “metal mess”, “junk yard”, “lunatic”, “chromium cranium”, “metal maniac”, “brainless lump”, “animated gadget”, “brass baboon”, “electrified scarecrow”, “do-jigger”...

A dúvida, outrora instalada, deu lugar a uma crença inabalável, por parte de QT e dos restantes ‘robots’. Tal como a Humanidade havia baseado o seu sistema de Fé num ente supremo e divino, também os postulados do Credo dos ‘robots’ se cristalizaram em redor de um complexo Conversor de Energia que adquire o papel de divindade:

“The Master created humans first as the lowest type, most easily formed. Gradually, he replaced them by robots, the next higher step, and finally he created me, to take the place of the last humans. From now on, *I* serve the Master.” [Pág. 325]

Através da Razão e com o auxílio dos restantes ‘robots’ subalternos, Cutie desencadeia um movimento de motim e subversão, gerando o novo culto religioso,

“The robots, dwarfed by the mighty L-tube, lined up before it, heads bowed at a stiff angle (...). Fifteen seconds passed, and then, (...) they fell to their knees.” [Pág. 326]

e materializando o cumprimento da profecia, QT evoca na forma o Qur’An (i.e., os escritos sagrados do Islão, anunciados por Alá ao profeta Muhammad, em Mecca):

“There is no Master but the Master and QT-1 is his prophet!” [id.]

“These are robots – and that means they are reasoning beings. They recognize the Master, now that I have preached Truth to them. (...) They call me the prophet.” [Pág. 327]

Por entre imprecisões na reflexão quase-filosófica e lacunas na argumentação, típicas da condição humana mas igualmente presentes em QT-1, o autor de “Reason” logra o propósito visado: mostrar que as limitações no raciocínio estão dependentes da nossa percepção do mundo. Mesmo QT-1, com as suas fortes “reasoning faculties” (Pág. 329), parece legitimar a fé cega num deus, contrapondo astutamente toda uma argumentação à racionalidade aparente e óbvia:

“The beams (...) are put out by the Master for his own purposes. **There are some things**” – he raised his eyes devoutly upward – “**that are not to be probed into by us**. In this matter, I seek only to serve and not to question.” [Pág.330, nossa ênfase]

A comparação intrínseca entre seres humanos e “robots” parece inevitável: quanto mais enraizadas se encontrarem as nossas crenças, mais difícil será vermos para além delas! Asimov resume-o genialmente, pela fala de Powell:

(...) he's a *reasoning* robot – damn it. He believes only reason, and there's one trouble with that - (...) You can prove anything you want by cold logical reason – if you pick the proper postulates. We have ours and Cutie has his. [Pág. 333]

Ao longo de toda a sua produção literária de SF, Asimov irá ter oportunidade de equacionar os afastamentos e aproximações possíveis entre humanos e “robots”. No romance *The Last Question*, por exemplo, o escritor consegue que ambos atinjam uma harmonia perfeita, uma simbiose, uma “Singularity”. George Slusser, Professor de Literatura Comparada da Universidade da Califórnia, descreve-a nestes termos:

A perfect harmony, a theoretical, collective consciousness. It is the idea that the evolution of Man and Machine continue to evolve towards each other to the point of one collective mind, one collective being, where man and machine are interwoven.⁶³

Com uma terrível tempestade solar iminente e sem tréguas à vista, tudo aponta para que uma catástrofe se abata sobre a Terra. Numa atitude de retaliação, Powell e Donovan são impedidos de aceder às salas de controlo e das máquinas, após o sacrilégio deste último ter cuspidido na “divindade”. Nem mesmo a vã tentativa de manufactura de um novo “robot”, seguindo as preciosas instruções dos manuais, convence Cutie e permite aos dois técnicos provar a QT-1 que este está errado: “They, too, [os manuais] were created by the Master - and were meant for you, not for me.” [Pág. 333]

O final, imprevisível para Powell e Donovan mas vigiado pelo leitor, exhibe Cutie como bem sucedido na forma como lida com a tempestade de electrões e mantém a estação espacial perfeitamente intacta. Ainda que as suas capacidades não coincidam com uma certa concepção do mundo, o desabafo lapidar de Powell precede um silêncio que dará sentido ao universo: “(...) what's the difference what he believes!” (Pág. 336). Powell e Donovan poderão regressar à Terra (“Well, the Master's will be done!”, Pág. 337) sabendo que “the cult of the Master” se encarregará de tudo o resto.

Uma interpretação válida é a de que a crença numa entidade divina permite uma felicidade ou uma razão de ser transcendentais, que permite aos robots produzir. Este

⁶³ Palavras proferidas no episódio 5 da mini-série televisiva *PROPHETS OF SCIENCE FICTION* (2012), Science TV Channel.

é um argumento que, se transposto para a raça humana, parecerá favorecer a posição da religião e condenar o ateísmo a um ‘nonsense’ existencial. As palavras seguintes, proferidas numa entrevista para televisão em 1975⁶⁴ por Isaac Asimov são, no entanto, elucidativas:

Well... if you can't go by Reason, what can you go by? One answer is Faith, but faith in what? In reason, there are what we call compelling arguments. Wherever you go beyond reason into faith, there's no such thing as compelling evidence.

A 26 de Fevereiro de 2011, cumpria-se uma das “profecias” de Asimov: um ‘robot’, o Robonaut 2, juntava-se à equipa de astronautas da Estação Espacial Internacional, estacionada 400 Km acima da Terra para os auxiliar nas suas tarefas. Como QT-1.

Para Cutie, o universo resumia-se à estação especial⁶⁵. Os “robots” acabam, deste modo, por “fabricar” uma nova fé e um novo mito da criação para si próprios! O que torna este, um exercício estimulante é o explorarmos uma religião sabendo de antemão que esta é forjada, e examinarmos os intrincados processos de falsificação de premissas! Será este um culto religioso tão diferente dos demais...?

3.4.3. FOR I AM A JEALOUS PEOPLE, de Lester Del Rey (1954)

A Ficção Científica do período pós-Segunda Guerra Mundial⁶⁶ conheceu uma fase muito peculiar: as religiões e crenças alienígenas eram tratadas reverentemente e acreditadas com uma dimensão que estava ausente das religiões “terráqueas”, as quais Deus parecia ignorar ou de cujas criações humanas parecia permanecer distante.

⁶⁴ A fonte ou dados mais concretos sobre a cadeia de televisão ou a data de emissão são desconhecidos. O excerto da entrevista pode ser encontrado em <http://www.youtube.com/watch?v=zhA8TXdCg4M>.

⁶⁵ Uma visão idêntica encontramos em J. G. Ballard e no seu brilhante conto “Thirteen to Centaurus” (1962). Nele, também nos é retratada uma visão metonímica/de sinédoque do mundo. A estação espacial onde um grupo de cientistas viaja, em missão de uma vida, rumo à constelação de Alpha Centauri é claustrofobicamente sentida pelo leitor, mas também as personagens pressentem que algo mais (memórias de um outro tempo ou vivências de um outro espaço) existe. O desfecho é psicologicamente aterrador, mas igualmente desafiante...

⁶⁶ Outro romance da mesma época afigura-se-nos digno de referência: em *A CASE OF CONSCIENCE* (1958), James Blish conta-nos a história de um monge jesuíta que procura averiguar os preceitos estruturais de uma raça alienígena, pois esta aparenta não possuir qualquer tipo de religião. São desprovidos de um qualquer conceito de Deus, vida depois da morte ou ideia de pecado, e a sua raça evolui assumindo várias formas ao longo do seu ciclo vital. No seu todo, o romance é uma reflexão sobre o estatuto do deus-salvador e a natureza da sua encarnação, o preço da sua expiação e a essência do seu sacrifício, enquanto exhibe uma Igreja empenhada na reconstrução da sociedade após um holocausto nuclear.

Steven Spielberg atesta esse papel fundamental da SF na actualidade e desde sempre:

Science Fiction loves to warn. Remember, SF has always been a kind of first-level alert to think about things to come. It's easier for an audience to heed warnings from Sci-Fi, without feeling that we are preaching to them.⁶⁷

“Pregar” não será, de todo, o nosso propósito, embora o teor desta singular história de Leonard Knapp (Lester Del Rey, de seu nome literário, 1915-1993) orbite a temática religiosa de Deus abandonar e preterir a raça humana para favorecer uma outra, alienígena! O cunho moral aqui indiciado, se existisse na realidade, pareceria aportar reminiscências de um ilustre ensaio de SF da autoria de John Burdon Sanderson Haldane (1892-1964)⁶⁸, intitulado “The Last Judgment”, onde aquele biólogo e geneticista britânico já afirmava: “The misbehaviours of the human race might induce their creator to wipe out their planet, but hardly the entire stellar system”.

O reverendo Amos Strong, uma das personagens principais da história de Del Rey, não partilha dessa visão fatalista e as suas palavras iniciais são disso a prova:

(...) Why then should man be afraid or lose faith because Alien monsters had swarmed out of the emptiness between the stars to try man's faith? As in the days of bondage in Egypt or captivity in Babylon, there would always be trials and times when the fainthearted should waver, but the eventual outcome was clearly promised. [Cap. I, Pág.66]

Idêntica declaração exuberante de fé, encontramos-la no Livro Sapiencial dos Salmos, onde o Rei David garante: “The Lord is my light and my Salvation; Whom shall I fear?” [Salmo 27:1].

Todavia, a pena mordaz de Lester Del Rey levanta outras questões de cariz gnóstico: estes alienígenas revelam um comportamento barbárico e de carnificina para com toda a raça humana; não seria esta última, vista de igual forma por outros povos ou raças por nós colonizadas no Passado?! Simon Conway Morris, professor de Paleobiologia Evolutiva da Universidade de Cambridge, assumia um sentir e uma visão idênticas numa conferência proferida em 2010, na “London Royal Society”:

“Extra-terrestrials (...) won't be splodges of glue (...) they could be disturbingly like us, and that might not be a good thing – we don't have a great record”.

Todavia, os dois primeiros capítulos de “For I Am a Jealous People!” desvelam-nos uma dor atroz e incomensurável vivida em silêncio por Amos, à medida que os

⁶⁷ Em *Spielberg – A Retrospective*, vide Bibliografia, Secção 6.2.1.

⁶⁸ Em *Possible Words and Other Essays*, Pág. 287. Vide Bibliografia, Secção 6.2.1.

membros da sua família são assassinados um a um, durante uma invasão alienígena, e disso nos é dado conta num relato emotivo.

Vem-nos à memória a personagem bíblica de um outro Livro Sapiencial do Antigo Testamento, o Livro de Job, e a experiência religiosa pessoal deste como um objecto de meditação sobre as suas concepções morais: o padecimento e a enfermidade, o pecado e o castigo, a santidade e a felicidade. Marcado pelo sofrimento físico da sua doença e pela dor moral da incompreensão dos seus amigos, Job faz esta leitura amarga da sua existência:

A vida do homem sobre a terra, não é ela uma luta? (...) Como um escravo suspira pela sombra, (...) assim eu tive por quinhão meses de sofrimento, (...) A minha carne cobre-se de podridão e imundície, a minha pele está gretada e supura. (...) Antes a morte que os meus tormentos! Sucumbo, não viverei mais; [Job 7, 1-16]

Job, como Amos, recusa que a causalidade de todo o sofrimento deva ser atribuída, quer ao ser humano, quer a Deus. Para ambos, a ética e o ciclo da vida, com os seus percursos naturais de dor e morte, são dois processos co-existent, mas autónomos. Misturá-los será simplista e inútil. Para ambos, a adversidade abre-lhes um aparente caminho de sabedoria. Leitura diferente possui Anne, nora de Amos, que ao perder o seu marido indaga de forma extremada da responsabilidade divina por tal perda:

'God!' She spat the word out harshly. 'God, Reverend Strong? Whose God? The One who sends meteorites, plagues of insects, (...) against our farms? The God who uses tornadoes to make it easy for the snakes to land? That God, Reverend Strong? [Pág. 71]

A antítese de Amos surge em Doc, a outra personagem principal e que parece ser um alter ego do narrador/autor Lester Del Rey, extradiegético mas onisciente. Ateísta por convicção, Doc socorre-se da ironia para atacar, em duas frentes, o dogmatismo sem nexos da Igreja e do Cristianismo: por um lado, questiona Amos, seu amigo de longa data; por outro, semeia a dúvida no leitor e confronta-o com pequenos axiomas: "Doesn't your God extend his mercy to races other than man?" [Cap. II, Pág. 74].

Esta outra raça (descrita de modo nada amistoso pela população como "The powers of darkness", "they were things of evil" e "The snakes are heading this way (...)", Pág. 75) - a quem Deus terá aparecido, como fez com Moisés, e anunciado que foi escolhida para herdar o Universo - detém uma outra missão, igualmente sinistra e igualmente sagrada, a de exterminar a raça humana da face da Terra:

'(...) you'll tell us what we're being held for?', 'Food, of course. The *grethi* eat any kind of meat – even our people'. 'You mean you're attacking for *food*?' The priest grunted harshly. 'No!' The Lord commanded us to go down to Earth where abominations existed and to leave no living creature under your sun.' [Cap. IV, Pág. 89]

Esta confissão dos “two elaborated robed priests” (Pág. 92) que os descobrem, capturam e surpreendem, por falarem a mesma língua, permite-nos deduzir da existência de duas raças aliadas contra a humanidade. Ora, “In such hours as these, we all need God to sustain us” [Cap. II, Pág. 77].

Profundamente desamparado por a sua esposa Ruth ter sucumbido a seu lado, Amos exalta ainda assim Deus, pela oportunidade concedida de poder despedir-se dela: “Shall the dust return to the earth as it was;” [idem].

A reformulação do famoso versículo do Antigo Testamento “Lembra-te, Homem, que és pó e ao pó voltarás”⁶⁹ não subtrai um grama ao peso da mortalha invisível de Amos: “he had found no way to end the pain that seemed so much a part of life” [Cap. III, Pág 80].

Predispondo-se a apurar se as tragédias que recaem sobre a Humanidade através do poderio bélico alienígena serão um teste divino, castigo ou prova da ausência de Deus,

[Amos's] own faith in the hereafter left something to be desired; he was sure of immortality and the existence of heaven and hell, but he had never been able to picture either to his own satisfaction. [Cap. IV, Pág. 86],

e ignorando o caos civilizacional que se vai instalando pelas ruas da cidade (pilhagens, roubos, violência...) após cada nova investida de “rockets” dos invasores por ar e terra, “The sounds of the aliens were clearer now, and there was some light coming from beyond the bend of the street. There was no place to hide.” [Cap. III, Pág. 82], Doc, Amos e Smithton conseguem penetrar no interior de um templo alienígena para aí se depararem com o maior assombro das suas existências. A Arca da Aliança⁷⁰ e as inscrições nela esculpidas, estranhamente familiares a ambos, ali tão próximas:

I AM THAT I AM who brought those out of bondage from Egypt and who wrote upon the

⁶⁹ “Memento Homo Qvia Pulvis Est Et In Pulverem Reverteris”, na *Vulgata*, a tradução em Latim do Livro do Génesis (3:19) e de toda a Bíblia Sagrada. O Latim ganhou terreno como língua oficial da Igreja, com autores empenhados como Tertuliano e Santo Agostinho.

⁷⁰ A “Ark of the Covenant” ou “Ark of the Testimony” é descrita no Livro do Êxodo (Antigo Testamento da Bíblia) como contendo as sagradas tábuas de pedra onde Deus inscrevera os 10 Mandamentos que Moisés haveria de receber no Monte Sinai. Até àquele momento da narrativa, ela fora considerada o legado exclusivo de Deus à raça humana. Encontrá-la teria sido interpretado como uma traição da divindade para com as suas criações!

wall before Belshazzar, MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN, as it shall be writ large upon the Earth, from this day forth. For I have said thou art my chosen people and I shall exalt thee above all the races under the heavens! [Cap. IV, Pág. 92].

Após a captura e a consciencialização do significado das inscrições, a fuga daquele local acontece, mas só se torna bem sucedida à custa de um sacrifício humano: a incapacidade de Smithton superar o observado custar-lhe-á a sua sanidade mental:

He knew only that before him was the Lord God Almighty (...). Mankind had been rejected, while God now was on the side of the enemies of Abraham's seed, the enemies of all the nations of earth. His eyes opened (...) yet completely mad. [Cap. V, Págs 93-94]

Amos é retoricamente confrontado por Doc: agora que se sabe que Deus escreve torto ("you can only serve Him by betraying your people", Cap. V, Pág. 96) por linhas direitas (os 60 anos de devoção de Amos assim o atestam), como agir?

What happened to a people when God deserted them? Were they only deserted in their physical form, and still free to win their spiritual salvation? Or were they completely lost? Did they cease to have souls that could survive? Their resistance might doom them to eternal hellfire for opposing God? [id.]

A resposta de Amos de que os crentes decidiriam o que fazer, desencadeia a ironia de Del Rey e o desabafo de Doc redundante, enfim, numa profecia insuspeitada: "Amos, I pity your God if man ever takes war on Him!" [Cap. IV, Pág. 87]. A hábil argumentação de Lester Del Rey coloca-nos uma questão de difícil resposta: **"What could any man who worshipped devoutly do, if he found his god was opposed to all else he had ever believed to be good?"** [Cap. V, Pág. 98, nossa ênfase]

Ainda que plena de elementos bíblicos e, na nossa opinião, bastante bem narrada, a história de Del Rey foi, ainda assim, algo censurada por críticos como Gabriel McKee pela forma parcial como se apresentavam argumentos teológicos (exclusivamente do Antigo Testamento) para legitimar a preferência de uma divindade impiedosa por uma nova raça, ignorando-se o deus mais misericordioso do Novo Testamento:

In making the case for its theology, "For I Am..." throws out vast regions of religious thought. In a way, that's the point; Nevertheless, I can't help but think the story hinges on a less-than-robust approach to the relationship between God and humankind.⁷¹

De regresso à história, a percepção e visão voluntariamente distorcidas de Del Rey visam desafiar a compreensão que o leitor tem da história religiosa...

⁷¹ Post publicado na Internet em <http://sfgospel.typepad.com/> por Gabriel McKee, em 17 de Setembro de 2007.

“Wasn’t there a big battle once, in which Lucifer **almost** won?” [id, Pág. 99, nossa ênfase], ... chegando mesmo a reescrevê-la. Tal como Moisés havia feito com o seu povo, “It was his duty to lead his people (...) he still had work to do” [Cap. VI, Pág. 102].

Com a mesma determinação fatídica com que Jesus de Nazaré assumira a sua condição de profeta, Amos, “haggard and bearded” (Pág. 106), regressa à sua capela como ex-captivo e sobrevivente, para uma homilia emotiva em que anuncia a todos:

‘God has ended the ancient covenants and declared Himself an enemy of all mankind,’ Amos said, and the chapel seemed to roll with his voice. ‘I say this to you: He has found a worthy opponent’ [idem, Pág. 109 - Fim].

Despretenciosamente herege, uma das morais a retirar desta novela é a de que o Ser Humano se apresenta como a única criatura a dirimir argumentos e enfrentar o seu próprio Criador! Logo, o mito da criação é totalmente re-escrito, permitindo que uma nova raça escolhida por Deus prospere, ao contrário do que sucede com a raça humana. Esta outra moral, oculta, é exposta para se averiguar se as qualidades da Humanidade ultrapassam os seus defeitos, sendo “salvos” ou “punidos” pelos seus/nossos actos: o nosso altruísmo, a nossa arrogância, o nosso civismo, a nossa animalidade...

3.4.4. SOLIPSIST, de Fredric Brown (1954)

Os autores de Ficção Científica recorrem a ambientes estranhos e imaginativos como ante-câmara ou tubo de ensaio para novas ideias, examinando globalmente as implicações de um qualquer novo conceito apresentado.

Como pode ler-se na nota do editor à edição de *The Best Short Stories of Fredric Brown* de 1983,

[Fredric Brown] was always cheerful about his use of myth and tradition weirdly transmogrified by his own sense of fantasy, and is not above gently teasing the reader about the actual mechanics of writing (Páginas 7-8).

Da conjugação destes traços de escrita e atitude singular face ao desconhecido, Brown

(cuja história havíamos já analisado, vide Parte 2.4.4) surpreende-nos de novo com mais esta “short short-story” de contornos filosóficos, epistemológicos e metafísicos. Despida de quaisquer artifícios complexos de linguagem, “Solipsist” relata a história de Walter B. Jehovah (nome verdadeiro, assegura o narrador) e do seu desejo de pôr em prática algo que sempre teria sido, durante a vida: um solipsista...

(...) in case you don't happen to know the word [it] is one who believes that he himself is the only thing that really exists, that other people and the universe in general exist only in his imagination [and eventually] would cease to exist. [Pág. 185]

As consequências da sua resolução são quase imediatas e hilariantemente devastadoras: a sua mulher foge com outro homem, perde o emprego e acaba por partir uma perna enquanto perseguia um gato supersticioso para que este não se atravessasse no seu caminho. Já no hospital, decide pôr em prática os seus desígnios:

He decided, in his bed at the hospital, to end it all. Looking out the window, staring at the stars, he wished them out of existence, and they weren't there anymore.” [id.]

A seguir, determina o mesmo em relação a todas as pessoas e ao mundo em redor:

Then he wished all other people out of existence and the hospital became strangely quiet even for a hospital. Next the world, and he found himself suspended in a void. [id.]

Procede à supressão do seu corpo físico com bastante facilidade e dá o passo final: decretar a extinção do seu ser, mas...

“Nothing happened”. [id.]

Siderado com semelhante desfecho, Jehovah questiona-se a si próprio se o seu solipsismo teria um limite...

“‘Yes’, a voice said.” [id.]

Interpelada e indagada sobre a sua identidade, a voz apresenta-se:

“I am the one who created the universe which you have just willed out of existence”.

Sem nunca consubstanciar este estatuto com a palavra “Deus” que, enquanto leitores, esperaríamos ler, a voz conclui a sua missiva dizendo:

‘And now that you have taken my place’ – there was a deep sigh – ‘I can finally cease my own existence, find oblivion, and let you take over’. [Págs. 185-186]

O suspiro de alívio, tristeza ou conformismo ficará ao critério interpretativo de cada leitor(a), mas esta passagem de testemunho e responsabilidade divinos permitirá à

voz um auto-esquecimento e um descanso... eterno, digamos.

Porém, algo carece ainda de resolução: a extinção da consciência de Walter B. Jehovah. A circunstância caricata com que se vê confrontado, insta a voz a instruí-lo sobre como proceder para que Jehovah possa despedir-se do seu Ser:

You must do it the same way I did. Create a universe. Wait until someone in it really believes what you believed and wills it out of existence. Then you can retire and let him take over. Good-bye now. [Pág. 186]

O humor subtil com que Fredric Brown impregna este cenário absurdo traz-nos à memória um versículo do Livro do Êxodo (20:3), no Antigo Testamento: “Não haverá para ti outros deuses na minha presença.” Sozinho no vazio, sem quaisquer outros deuses na sua presença a não ser ele próprio (?), não lhe restava outra coisa a fazer que não fosse a óbvia: “He created the heaven and the earth” [id.].

Clarence Howard "Bud" Webster, um conceituado crítico literário e escritor contemporâneo de SF de nacionalidade americana, escrevia o artigo “It's Not the Length, It's What You Do With It” a 1 de Julho de 2008, em *Helix SF*⁷², uma “fanzine” para fãs deste género literário, a propósito de Brown:

It's easy — way too easy — to look at Brown's body of work as ‘joke stories’. But read him with a little care, a little attention, and you'll find (...) he was at the same time giving you plenty of Idea to consider and wonder at. He did what he did with an economy of words and an elegance of idea that only a handful of other writers can approach.

Assim, com a sua economia de vocábulos e de forma análoga à de uma falsa ou dúbia figura messiânica, a fazer lembrar Valentine Michael Smith (o protagonista de *Stranger in a Strange Land*, de Robert Heinlein, 1961), eis que Brown afasta, pela voz do narrador, qualquer sombra de dúvida quanto à duração da criação de W. Jehovah: “It took him seven days”.

Estaria o narrador a contar com o dia de descanso...?

⁷² *Helix SF* foi uma revista Americana publicada online, entre 2006 e 2008, para divulgar o que se apelidava (e apelida ainda hoje) de “Speculative Fiction”. Era editada por William Sanders e Lawrence Watt-Evans. O editor para a secção de poesia era, precisamente, Bud Webster.

3.4.5. ASSUMPTION, de Desmond Warzel (2010)

A novela *Assumption* foi escrita pelo americano Desmond Warzel (1973-) e o seu título faz apelo ao dogma, estabelecido pela Igreja Católica⁷³, da Assunção da Virgem Maria à glória celeste; por outras palavras, da aceitação do corpo e alma de Maria no Céu, entendido na sua aceção religiosa e de fé. O seu enredo pode contar-se em poucas linhas: uma equipa de resgate interestelar é incumbida de recuperar, de uma nave despenhada num planeta desconhecido, uma mercadoria aparentemente valiosa (um recipiente metálico contendo material químico para testes) e, se tal não puser em risco a missão, resgatar também a sua tripulação...!

O motivo por trás da escolha desta história prende-se com a forma singular como Warzel apresenta a génese da criação de um culto religioso, embora toda a narrativa seja percorrida por um tom céptico, algo irónico e depreciativo, por parte das personagens:

Belasco was (...) praying silently to herself. Occasionally, the rest of us were invited to join her; we each inevitably declined, with varying degrees of civility. [Pág. 23];

Belasco paused – for a short prayer – then opened fire herself, carefully striking down the three corpse-bearers with one beam apiece (...). [pág. 28]

A equipa de resgate é deixada na superfície do planeta, para se dirigir ao local onde foi localizada a nave despenhada, e iniciar os preparativos de recolha do contentor:

We found the container, (...) a gleaming spheroid of gold-colored metal, unmarred except for a seam at the equator. This took no great effort on our part; it had been unloaded and placed carefully atop the wreckage of the ship. [pág. 25]

A dita recolha parece ser posta em causa, pois no local da queda surgem subitamente

No fewer than two dozen men and women had emerged from the forest and now milled about the *Roadrunner* [a nave despenhada]. And their unheralded appearance was not the strangest thing about them. All were naked. All were filthy from head to toe. They occasionally hailed one another in a language we couldn't make out; (...) We could only stare. [Pág. 26]

Excluído, por razões óbvias, o palpite e a dúvida de serem contrabandistas, aquilo a que assistem logo a seguir, de tão inacreditável, deixa-os perplexos:

They were worshipping the container. Doing the whole bit, in fact; Chanting in low tones,

⁷³ Papa Pio XII: "Munificentissimus Deus - Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em Corpo e Alma ao Céu", parágrafo 44, Vaticano (1 de Novembro de 1950): "(...) com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial".

arms above their heads, bobbing up and down, like some jungle tribe in an old movie. Worshipping in that cartoonish manner I didn't think existed in real life. The container, **needless to say**, did not respond. Its silence failed to deter its worshippers, who seemed quite earnest in their prostrations. [Pág. 26, nossa ênfase]

O ritual tinha, efectivamente, apanhado desprevenidos os quatro elementos da equipa. Resgatar o recipiente disparando contra os nativos fora uma hipótese rapidamente posta de parte, embora Reinhagen, o mais céptico, afirmasse em desespero: “What people? These are cavemen. (...) You call this civilization?” [Pág. 27]

Associar um culto religioso a este povo primitivo era, somente, parte do processo, pois

Several of the worshippers had left the ritual proper and had begun fetching arm loads of dry branches and were stacking them in front of the ship. They repeated this chore several times until the pile was shoulder-high, after which a woman bearing a burning branch emerged from the woods and set it ablaze. [idem]

À distância, mal se distinguíam três corpos humanos carregados em ombros, vestidos com farrapos e associados, sem dúvida, aos uniformes da tripulação da *Roadrunner*:

“A great roar went up from the assembled throng, and all the three bodies were thrown on the fire. They were consumed within moments.” [idem]

A equipa riposta com as suas armas, mas o confronto não corre como esperado e têm necessidade de se refugiar na floresta, pois a noite acabara de cair e o contacto via rádio com o 5º elemento da equipa (a piloto, a bordo da nave em órbita) não é bem sucedido, facto que impossibilita o seu resgate. Os considerandos existenciais usuais nestas circunstâncias surgem, assim, entre Belasco, Reinhagen, Mahaffey e a narradora participante: “How could such primitive humans have gotten here? And if they're not human, what are they? Why do they love that container so much?” [Pág. 31]

A explicação incontornável repete o percurso acidentado da própria humanidade...

As far as their 'religious practices' go, they must have retained some rudimentary understanding of their origin: they came from another star. Thus, the sky is sacred. So the *Roadrunner*, having fallen from the sky, becomes a holy place, and its cargo, which is also the shiniest thing they've ever seen, becomes a relic. They must have encountered the crew some distance from the crash, which is why they sacrificed them instead of revering them. [Pág. 32]

Escondidos e com rações de sobrevivência para 3 dias, estranharam que os equipamentos tivessem deixado de funcionar: intercomunicadores, armas... Nem conversas fugazes nem tarefas inúteis como a limpeza de armas, apagavam a agonia da espera:

As darkness fell for the third time, (...) there were at least a hundred of them, (...) poured through the gaps between the trees like water sluicing through a drain. The force of their impact bore me up and over the fire before slamming me into one of the trees on the opposite side. Something cracked. I suspected it wasn't the tree. [Pág. 34]

O que haviam testemunhado uns dias antes com a tripulação da nave despenhada, vivenciavam agora os quatro de um lugar “privilegiado”: precisamente os preparativos para a cerimónia imponente e sagrada do seu próprio sacrifício! Eis o amanhecer de uma civilização:

Their chanting, which three days ago had been a muddled lowing (...) resolved itself into individual words. They were nonsense to me, but the preponderance of monosyllables and hard consonants, and the short phrasing, made their speech sound like the beginnings of a language. We knew, of course, that it was really the end of one. [Pág. 35]

As fogueiras bem ateadas (cuja disposição em X Belasco havia notado) e os cânticos apoteóticos anunciavam o ponto alto da celebração. Que vestígios de cultura existiriam por entre tanta barbárie? Os seus pensamentos iriam mais além, não fosse o rugido tímido dos motores da “Fortunate Sun” irromper no teatro de todas as atenções. Ao invés do que seria de esperar, os selváticos seres não debandaram:

Florence stepped out, rifle in hand. Her eyes widened. She met their gaze (...) deciding whether to shoot. Suddenly, as one, they dropped to their knees and began their prostrations again, only this time Florence was the object of their veneration. [Pág. 36]

A equipa refaz-se do susto ao regressar a salvo à nave, com Florence e o contentor...! Lugar ao silêncio e a uma necessária reflexão...

As messiahs went, the container lacked the usual charisma. It had spoken no gospel, performed no miracles. But it had come down from the sky. It had received their sacrifices with benign quietude. It had survived a harrowing ordeal, and now it ascended once again, borne by a being not of their reality”. [Pág. 37]

Todavia, o sacrifício fora contrariado pela intervenção da própria divindade! Além de que, esquecido de todos (excepto de Florence) estava um protocolo há muito acordado de salvação dos tripulantes: um fogo, que a ser ateadado, tivesse a disposição de uma cruz. Florence teria ignorado inconscientemente o ângulo de 45° que exibia um mero X... O título da novela só no fim fará sentido, descobrindo o leitor dizer respeito à subida aos céus da “Fortunate Sun”, após um resgate bem sucedido. Warzel coloca, assim, a tónica na importância do envolvimento da religião na experiência vivida pela tripulação, salientando quão fundamental é o rito para os povos primitivos (e não só)!

3.4.6. ACORDAR O PROFETA, de João Leal (2012)

David Pringle, escritor escocês de SF, escreveu em certa altura que "Science Fiction is a form of fantastic fiction which exploits the imaginative perspectives of modern science".⁷⁴ E se esta ciência moderna fosse a contrapartida concedida por uma raça de extraterrestres em troca de umas quantas enzimas de ADN,

Os Soor, os cinzentos de olhos pequenos, são uma das espécies extraterrestres conhecidas e estão a colaborar connosco – disse, enquanto nos sentávamos a uma das mesas da cantina do complexo. [Pág. 202]

ainda que para isso fosse necessário criar uma grande religião mundial, com o pretexto de evitar a destruição da raça humana e de obter um controlo social maciço?

Esta é a temática que serve de base ao conto do escritor português João Regueiras Leal (1973-). Mas,

Fiquei parado a olhar para trás, para o pequeno extraterrestre que acabara de passar por mim. Não consegui dizer nada. (...) E que projecto é este que mistura antropólogos ligados à religião, o governo e extraterrestres? – disse eu, tentando manter um discurso perceptível (...) [Págs. 202-203],

pergunta Josef Kostadinov, a personagem principal, que confia sempre ter estado “confortável com a ideia de que a religião é um embuste” (Pág. 204), embora soubesse que as religiões existiam como “controlo social” ou “produto da evolução do homem” (Pág. 203). Esta raça de extraterrestres denominada SOOR e a sua “vasta experiência em criar a ilusão da religião” (Pág. 205) colocam, ainda assim, um par de questões morais a Josef: por exemplo, a da enorme farsa que irá afectar milhões de pessoas (quereria o autor estabelecer paralelismos com outras farsas já existentes...?). A não ser... “A não ser que **a nova religião fosse uma mais-valia para a humanidade**” [Pág. 206, nossa ênfase].

Aceite a proposta e ultrapassado o pseudo-obstáculo ético (onde os fins justificariam os meios), o Projecto R3 arranca, pois, de raiz: “Sabíamos não poder repetir nenhuma das aventuras anteriores” sem “dar vantagem a qualquer das grandes religiões já existentes”, mas optando por elementos com resultados já garantidos: “O deus único, o profeta e os milagres, como meio para reconhecimento da natureza divina por parte das pessoas.” [Pág. 207]

⁷⁴ Introdução de *Science Fiction: The 100 Best Novels, An English-Language Selection, 1949-1984*, (1986).

O denominador comum deveria conciliar todas as culturas ou povos, num factor neutro, puro – a Ecologia, “o único receptáculo actual para o milagre” (pág. 208).

Três candidados a profetas deverão ser treinados e preparados psiquicamente por Josef, de modo a que um deles venha a assumir o papel de enviado da divindade, de profeta:

Se o profeta redimir a natureza corrompida pelo Homem, este irá ouvir o que ele tem para dizer. Se o salvar da morte certa que a ciência proclama, se lhe mostrar uma ética e definir os locais onde a praticar, ele irá seguir as suas indicações. [Pág. 208]

Apesar das descrições pouco convincentes dos extraterrestres Soor (sendo uma raça superior à humana, a sua condição de Hominídeos situa-os numa fase de evolução física e intelectual inferior à nossa...), há um pormenor curioso comunicado a Josef nas instalações onde decorre o condicionamento psíquico. Um dos três Soor que integram a equipa de 5 cientistas está “a trabalhar numa outra dimensão”. A sua presença invisível permitir-lhe-á “activar os fenómenos, os milagres” e “seguirá o profeta para todo o lado, protegendo-o” (pág. 210). A peculiaridade reside no facto de que

“Soor Vid está cerca de 5 minutos avançado na linha temporal e velará para que a humanidade não oiça o nosso homem dizer o que não queremos.” [Pág. 210]

Embora não traga nada de realmente inovador à literatura de SF, o conto assenta a sua premissa na criação de um culto à divindade: “Joa é o nome do deus.” [Pág. 212]

Acordar este Profeta significaria, afinal, evangelizar “de modo a que as grandes religiões mundiais conseguissem ver nele uma continuação da sua própria história” (Pág. 213).

Após os milagres e aparições previstos um pouco por todo o planeta, o último acto seria proferir um discurso onde deixasse “os mandamentos, preceitos e escatologia para a nova religião” (Pág. 214). Ainda que as guerras não acabassem, a Humanidade teria a indesmentível prova da existência de um deus e o processo religioso seria percepcionado sob um ângulo mais emocional. A possibilidade de alcançar um estágio de felicidade nunca antes visto.

O primeiro dia de criação e o dealbar de um novo mundo não os deixou indiferentes:

Foi emocionante quando o acordaram [o eleito]. Com a mente que tínhamos construído, aquele homem revelava um carisma que até a nós impressionava. O sol estava a nascer (...) e o efeito da primeira luz⁷⁵ sobre aquela paisagem era de uma beleza avassaladora. Sent-me em paz e com um sentimento de ter cumprido uma tarefa (...) Pensei, Com este sol está a nascer um mundo novo. [Págs. 214-215]

Toda a narração é feita por Josef em analepse: “Lembro isto tudo, deitado nesta maca” (pág. 216), agora que está prestes a ser sujeito a uma reprogramação da mente. Em tom irónico, afirma o narrador: “Quem sabe se eu não virei a ser um que se maravilhará com a nova religião e me tornarei um dos seus milhões de seguidores?” [Pág. 216].

Uma das suas últimas memórias é a de entrar numa sala-templo com Pul (uma das personagens que acompanham Josef durante toda a narrativa), ouvir algo parecido com um cântico e testemunhar a presença de um sacerdote, junto a um altar, lendo

palavras solenes de um livro. Havia fiéis ajoelhados virados para uma grande figura SOOR esculpida no betão.

‘Nosso deus – disse-me – Este verdadeiro. [Pág. 217]

Ao olhar para o altar, distingue dois corpos, um já esventrado, outro aguardando o mesmo fim: eis os dois ex-candidatos a profeta. E questiona-se:

Quem construiu a [própria] religião dos estrangeiros e os fez acreditar? A brutalidade quase pré-histórica da religião dos Soor chocou-me ainda mais do que a evidência da sua própria e inexplicável existência. Será que a religião é inevitável no universo? [Págs. 216-217]

Dentro de poucos segundos, as respostas deixariam de importar.

⁷⁵ O paralelismo com a Bíblia é evidente: a luz está associada a tudo o que é positivo, divino e assume-se como um resplendor do próprio deus. No Livro do Génesis (1:3) pode ler-se: “E a luz foi feita”. Aqui, não Deus, mas o Sol.

PARTE 4:

ESCATOLOGIA

*“The darkness drops again but now I know
That twenty centuries of stony sleep
Were vexed to nightmare by a rocking cradle,
And what rough beast, its hour come round at last,
Slouches towards Bethlehem to be born?”*

*Poema “Second Coming”,
por William B. Yeats, excerto (1919)*

A Escatologia, doutrina teológica que aborda os fins últimos da Humanidade e do que há-de acontecer no fim dos tempos, socorre-se frequentemente da Teleologia para, num discurso profético e em contexto apocalíptico, reflectir sobre o que poderá suceder às sociedades, aos seres humanos e à própria Natureza.

As origens da Teleologia remontam a Platão e Aristóteles (já mencionados anteriormente), com a noção de que todas as coisas servem um propósito. Assim, a Teleologia contemplava um estudo filosófico sobre a finalidade do Universo,

inseparável da Teologia, afirmando que um ser superior realizaria os seus propósitos no universo. Também o significado filosófico por detrás da interrogação “Para onde caminhamos?” era debatido. À questão “Para Quê?” que busca a razão última de todas as coisas, Aristóteles respondia de forma peremptória com a metáfora do “Motor Imóvel”. Numa palavra: Deus.

Em *Philosophy Made Simple* (1993), Richard Popkin e Avrum Stroll explicam mais detalhadamente como todos os objectos da nossa experiência são feitos de matéria que se move ou se altera, seguindo um padrão ou movimento que tudo indica é propositado ou teleológico, ou seja, com o propósito de atingir um fim. Aristóteles exemplificava-o apontando para padrões persistentes de crescimento: as sementes de carvalho crescem até serem carvalhos, as crianças crescem transformando-se em adultos, as pedras caem até atingirem a condição final de descanso na superfície da Terra. Em cada uma dessas instâncias, as mudanças pareciam ocorrer visando o prosseguimento de resultados. As causas finais acabavam por se encontrar na Natureza, defendendo dois tipos de finalidade:

- a) uma finalidade intrínseca (ser feliz com um fim em si mesmo, por exemplo);
- b) uma finalidade extrínseca (os animais suprimem uma necessidade básica de alimentação, por exemplo).

Actualmente, no entanto, o uso da Teleologia como recurso explicativo parece ter sido afastado ou, pelo menos, colocado em causa (sobretudo, na área da Biologia Evolutiva, onde se mantém bastante controversa⁷⁶).

Se cruzarmos estas considerações de teor já profano com uma reflexão de John Clute⁷⁷, compreenderemos melhor o alcance da meditação complexa que se opera nos autores de SF e nas suas produções de ficção:

Many novels had been published depicting the fall of civilization before [período anterior aos anos de 1950] in the US, in Europe, and elsewhere; but they had rarely specified very clearly just what it was that caused the collapse. (...) Only after 1945, after two atomic bombs had been dropped on Japan (...), did SF writers have a real-life event available to them that was of an order of magnitude sufficient to justify a radical change in humanity's fortunes upon this planet.

⁷⁶ David Hanke procura desconstruir essa tendência generalizada que, segundo ele, assola os cientistas hoje em dia em “Teleology: The explanation that bedevils biology”, 2004. Páginas 143–155.

⁷⁷ Em *SF - The Illustrated Encyclopedia*, Pág. 70 (vide Bibliografia, Secção 6.2.1).

Nós iríamos mais longe, afirmando que qualquer situação de conflito bélico extremo produz receios suficientes para a criação de palcos de guerra existenciais bastante credíveis em termos ficcionais (recorde-se a Guerra Fria, entre as décadas de 1950 e 1980, entre os Estados Unidos e a ex-União Soviética). Tal clima de insegurança revelaria a incapacidade humana para aprender com os erros do passado e o fracasso da religião em influenciar o comportamento das pessoas para melhor.

A própria produção literária de SF reflecte esses anseios e inseguranças, numa multiplicidade de “Future as Nightmare” como Mark Hillegas o apelidava, ou de uma “Cosy Catastrophe” como (mais carinhosamente, mas em tom irónico) Brian Aldiss se referia a esse mesmo futuro. “E nada disso seria um Acto de Deus. Tão-só um aviso”, sustentava James Lovegrove⁷⁸, ao indicar exemplos de prenúncios de fim de espécie, em forma de romances de Ficção Científica: *The Day of the Triffids*, de John Wyndham (1951), *The Death of Grass* de John Christopher (1956), *This Is The Way The World Ends* de James Morrow (1986), *World War Z* de Max Brooks (2006)... Não obstante, Christopher Hitchens expôs, de forma singela e clarividente, a razão pela qual os seres humanos possuem um instinto milenar para continuarem a alimentar uma fé, “essa” Fé:

Religious faith is, precisely *because* we are still-evolving creatures, ineradicable. It will never die out, or at least not until we get over our fear of death, and of the dark, and of the unknown, and of each other. ⁷⁹

A Religião tenderá a permanecer alojada nos nossos (?) inconscientes, enquanto os medos primitivos não forem superados, sobretudo o da nossa própria mortalidade:

(...) the doctrine of “occultation” which, it may not surprise you to learn, involves the belief that the Messiah, invisible to us, has not “died” at all, but awaits the moment when humanity will be ready for his magnificent return. ⁸⁰

Tal Princípio é transversal às religiões monoteístas e o motivo pelo qual os fiéis continuam a acreditar num regresso do seu deus justo: punindo os impuros, recompensando os mansos. Uma Segunda Vinda...

⁷⁸ No seu artigo “The world of the end of the world” (páginas 108-111), em *Strange Divisions & Alien Territories* (consultar Bibliografia, Secção 6.2.1).

⁷⁹ *god Is Not Great*, Capítulo Um, Pág. 12.

⁸⁰ Idem, Capítulo Doze, Pág. 172.

4.1 “APOKALYPSIS”

Revelação? Esta temática é tão vasta que a possibilidade de compreendermos a forma como a tradição oral e escrita, canónica ou apócrifa, Islâmica ou Cristã marcou indelevelmente toda a literatura de Ficção Científica afigura-se-nos deveras estimulante!

O famigerado fim do mundo (informa-nos a sabedoria popular) acontece todos os dias para alguns “eleitos”, com a chegada da morte⁸¹ quase nunca desejada. Tal observação conduz invariavelmente a considerandos filosófico-teológicos, aos quais a Moral não é indiferente. Enquanto género literário, a literatura de cariz apocalíptico é própria dos momentos de crise e permite, por um lado, consolar os justos e os mansos; por outro, avisar os ímpios dos castigos terríveis que sofrerão... no fim dos tempos! Os escritos desta índole anunciam autênticas épocas de conflito que, ao verem destruídas as instituições e os vícios instalados, dão lugar a uma nova ordem mundial, purificada e despida de velhos preconceitos.

Independentemente do culto ou religião, os autores divinamente inspirados de escritos sagrados nunca se pouparam a esforços para, de forma maniqueísta e perversa, associarem os males que nos assolam aos castigos de um Juízo Final, um período antes da eternidade em que a ira de Deus recairá sobre os pecadores e os inimigos da Fé. Esses estarão impedidos de viver o além-mundo em paz e harmonia com o seu Senhor. Tal Elogio da Moralidade, tendencioso *de per sí*, é transposto para a literatura de Ficção Científica, mas permanece inofensivo por não se encontrar já sujeito⁸² aos dogmas do ‘Establishment’ religioso. Faça ou não parte das nossas convicções, é um dado adquirido que a Bíblia dos cristãos, ou o Qur’An dos muçulmanos, ou a Tanakh dos judeus nos reserva uma panóplia de profecias algo burlescas!

Na escatologia judaico-cristã, em concreto, a visão peculiarmente cataclísmica e de intenso sofrimento chegou-nos pela mão de autores de Livros Proféticos como os de Daniel ou Isaías (Antigo Testamento) ou Livros Revelatórios como o de São João

⁸¹ Encontramo-nos a escrever estas linhas sob a infeliz notícia do falecimento de António Ramos Rosa, figura ímpar da Poesia Moderna Portuguesa...

⁸² Na madrugada do conhecimento, as pessoas viravam-se para mitos ancestrais ou textos “revelatórios”; com o advento da Ciência Moderna, esta foi gradualmente fornecendo explicações plausíveis e racionais, porque assentes em teorias testadas e comprovadas.

(Livro do Apocalipse, no Novo Testamento). As origens e estilo deste último, por exemplo, remontam aos livros judeus que não entraram na Bíblia (Livros Apócrifos), e nos quais o Apóstolo João se teria inspirado para escrever o seu próprio texto (alguns estudiosos situam esta redacção após a destruição do templo em Jerusalém, no ano 70 da Era Comum).

Recorrendo à sua especificidade literária, o Livro do Apocalipse procura(va), de forma bastante peculiar, encorajar os perseguidos, "revelando-lhes" os caminhos de Deus sobre o futuro e dando-lhes a certeza de uma vitória final. Os tempos vividos eram de mudança profunda, quer por causa da queda do Império Romano, quer pelas guerras na Palestina que levariam à destruição de Jerusalém e do Templo, aos quais já aludimos. Por essa razão, os textos apocalípticos dos 3 Evangelhos ditos Sinópticos⁸³ facultam informação muito válida sobre esse forte “sentir” histórico e moral: São Mateus, 24-25 (parábolas sobre a destruição do Mundo); São Marcos, 13 (Discurso Escatológico) e São Lucas, 21 (Destruição de Jerusalém e Vinda do Filho do Homem). Feito de imagens cósmicas e simbologia perturbante, este apocalipse traz consigo um inevitável e “mui” severo Juízo Final (“Day of Wrath”, ou *Dies Irae*⁸⁴, no original em Latim). Um dia em que haverá, da parte da divindade, uma “doctrine of cruelty”, “vindictive fury” e “there shall be wailing and gnashing of teeth”, como o filósofo e humanista Bertrand Russell refere na sua excelente palestra “Why I Am Not A Christian”, proferida a 6 de Março de 1927. Não esqueçamos, porém, que essa teofania, essa manifestação da divindade ou aparição divina é oriunda de lendas judaicas.

Assim, na batalha épica do final dos tempos, duas forças personificadas defrontar-se-ão: o Cordeiro (Cristo) e o Dragão (Satanás). No âmago deste duelo estará um acontecimento determinante: a PAROUSIA (Segunda Vinda de Cristo). Na 2ª Carta Católica de Pedro, em 3:12, podemos ler:

“(…) enquanto esperais e apressais a chegada do dia de Deus, quando os céus, a arder, se desintegrarem e os elementos do mundo, com o ardor do fogo, se derreterem!”.

As interpretações associadas a este regresso são as mais variadas, dentro e fora do próprio Cristianismo: Católicos, Ortodoxos, Protestantes, Hinduístas e Islamistas,

⁸³ Os Evangelhos Sinópticos recebem esse nome porque, ao serem dispostos em colunas, apresentam semelhanças fundamentais e permitem uma leitura de conjunto, fornecendo dados que se complementam.

⁸⁴ DIES IRAE foi, originalmente, o nome atribuído a um hino religioso em Latim (Séc. XIII), supostamente escrito por Tomás de Celano, um frade franciscano do Séc. XIII.

quase todos⁸⁵ (re)clamam a 2ª Vinda de Cristo, o Salvador. Os Judeus confirmam a exceção à regra, ao afirmarem que aquela foi uma invenção dos Cristãos para lidarem com a decepção da morte de Jesus, o falso profeta. Segundo relatos da época, alguns fiéis acreditariam, inclusivamente, que tal profecia se tornaria realidade ainda em vida. Outros, como Pierre Teilhard de Chardin (filósofo, paleontólogo e padre Jesuíta francês, 1881-1955), preferiram defender a teoria de que a Segunda Vinda só ocorreria quando a Evolução tivesse chegado ao seu clímax. O argumento é, em si, um completo PARADOXO!! Como se a evolução biológica tivesse um ponto alto, um clímax ou um culminar...! H. G. Wells aproveitaria bem esse mesmo paradoxo em *The Time Machine*, com o patamar de evolução atingido pelos Eloi, mas essa é apenas uma obra de ficção, não uma pretensa explicação do mundo...

Mais comumente aceite é a observação de que, seja qual for o culto ou religião abordados, a figura deificada se reveste de traços supra-humanos: Alá, Deus, Krsta, Isa, Jeová, Jesus e mais uns nove bilhões de outros nomes, e “de novo há-de vir em sua glória (...) e o seu reino não terá fim” (segundo o Credo de Niceia, desde 325 d.C.).

Na realidade esse reino estará em vigor até ao Armagedão (inicialmente um topónimo⁸⁶), mas que passou, também, a designar “a terrible battle that will destroy the world”⁸⁷. Nessa altura, uma batalha será travada no monte Meguido (o local onde Josias, Rei de Judá teria sofrido uma pesada derrota, ao defender o fim da idolatria de deuses monoteístas) entre o Messias, entretanto regressado, e o Diabo. Este último será colocado num poço sem fundo durante 1000 anos: um “Milénio”.

Antes do verdadeiro e derradeiro Juízo Final (afinal, existem dois...!) e do futuro Estado Eterno ser implementado, este período de 1000 anos será observado para que Cristo cumpra o seu reinado. Esta crença, mantida pelos seguidores do Milenarismo -

⁸⁵ O Judaísmo afirma que Jesus é um dos falsos pretendentes judeus a Messias, pois não cumpriu nenhuma das profecias Messiânicas anunciadas: construir o 3º Templo (em Ezequiel, 37:28), acompanhar os necessitados numa era de paz e acabar com o ódio, a dor, a opressão e a doença (no Primeiro Isaías, 2:4) e reunir todos os Judeus, levando-os de volta à sua terra-natal (no Segundo Isaías, 5:6). Aliás, a Bíblia Hebraica não faz qualquer referência a um Segundo Advento. Já as Testemunhas de Jeová preferem traduzir a palavra PAROUSIA por “Presença”, para se referirem à Segunda Vinda de Cristo (o que, para esta religião, teria acontecido em 1914).

⁸⁶ Em Hebraico, ‘Harmagedon’ surge como resultado da aglutinação dos elementos “Har Megiddô”, isto é, Monte Megiddo. A referência surge no Novo Testamento, no Livro do Apocalipse, em 16:16: “And he gathered them together into a place called in the Hebrew tongue Armageddon”. KJV, Oxford, 1997.

⁸⁷ Longman Dictionary of Contemporary English, Pearson, 2011.

inicialmente uma doutrina do Zoroastrismo⁸⁸ - defendia que existiam períodos de 1000 anos que se concluíam com um cataclismo de heresia e destruição, até que um rei triunfante de Paz surgisse para governar:

Quando se cumprirem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e partirá para seduzir as nações dos quatro cantos do mundo, a Gog e Magog, a fim de os reunir para a batalha. O seu número será tão grande como a areia da praia. [Livro do Apocalipse, Novo Testamento, Capítulo 20, Versículos 7 e 8]

A queda da grande Babilónia, a cidade-símbolo de todo o Mal, havia sido consumada, mas nova batalha se trava, desta vez com o Fogo vindo do Céu. A vitória final do Cordeiro está, porém, iminente, enviando o Diabo, a Morte e o Inferno para “Gehenna”, o lago de fogo e de enxofre. Interessante é a coincidência, nas escrituras Judaica, Cristã e Islâmica, associada ao termo atrás mencionado: de acordo com a tradição judaica, o Vale de Josafat, nos arredores de Jerusalém, seria o local escolhido para a vingança divina contra as nações. Ora, naquele local eram despejados os detritos da cidade para serem queimados, resultando daí fogos intensos de grandes proporções. O paralelismo com o Inferno é absoluto. A nova Jerusalém erguer-se-á, utópica ou apocalíptica, e será o fim da dramática História da Salvação. Assim seja.

4.2 “BEN – ‘ADAM”

Ao indicar a origem de todo o Mal no Passado (o Pecado Original de Adão), o Cristianismo condena automaticamente as criações futuras da Humanidade, carecendo estas de uma intervenção divina para as legitimar, absolver ou abençoar...!

Seria de esperar que se o Primeiro Homem “manchou” toda a Humanidade com o seu pecado, pelo menos o Filho do Homem se livrasse do peso desse acto. Traduzida literalmente do hebraico, a expressão “Ben- ‘Adam” surge 107 vezes na Tanakh, a Bíblia Hebraica, e 81 vezes na tradução grega da Bíblia Cristã e significa “Filho de Adão” ou “Filho do Homem”, ou ainda “ser humano”. Ora aqui surgem contradições,

⁸⁸ O Zoroastrismo, doutrina religiosa do profeta persa Zoroastres (nome grego para Zaratustra), no Século VII AEC, advogava que a origem de tudo se devia a dois princípios opostos: o Bem (Ormuzd) e o Mal (Ariman).

pois embora a expressão seja usada para descrever a humanidade e se demarque do estatuto divino, alguns evangelhos canônicos do Cristianismo empregam-na, referindo-se ao Filho de Deus:

Mas Ele continuava em silêncio e nada respondia. O Sumo Sacerdote voltou a interrogá-lo: 'És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?', Jesus respondeu: 'Eu sou. E vereis *o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vir sobre as nuvens do Céu*. [São Marcos, 14:61-62]

(...) como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do Homem enviará os seus anjos, que hão-de tirar do seu Reino todos os escandalosos e todos quantos praticam a iniquidade, (...) [São Mateus, 13:40-41].

Para serenar toda a especulação (que ainda hoje perdura) à volta deste assunto, seria interessante socorrermos-nos dos escritos de um dos primeiros filósofos cristãos, Tertuliano de Cartago (norte do Egito, 150 EC – 225 EC), mais concretamente de *De Carne Christi*, um tratado pioneiro sobre a Ressurreição do Corpo e a ressurreição de Jesus Cristo. Nele pode ler-se, em dado momento:

alias non invenio materias confusionis quae me per contemptum ruboris probent bene impudentem et feliciter stultum. crucifixus est dei filius: non pudet, quia pudendum est. **Et mortuus est dei filius: prorsus credibile est, quia ineptum est. Et sepultus resurrexit: certum est, quia impossibile.** [5 Migre, P.L., I-II, nossa ênfase].⁸⁹

Tão polémica quanto fundamental, a doutrina da ressurreição do corpo viria a tornar-se basilar para o Cristianismo e satisfazia um propósito muito claro: contrariava aqueles que admitiam a imortalidade da alma – na realidade, poucos a contestavam por ser uma verdade de fácil aceitação – mas negavam a ressurreição da componente corpórea⁹⁰. Contra o forte preconceito pagão e a sua insistência na fraqueza da carne e na sua origem terrena, Tertuliano contrapôs com um notável elogio fúnebre da carne. Deus não poderia abandonar aquilo que era a forma exterior do seu próprio Cristo, de tal forma lhe era querido. Além disso, tal não estaria fora do alcance de uma entidade divina. Aquele que gerara o universo do nada, poderia alterar a ordem das coisas e muitas analogias viriam em seu auxílio: o dia nasce da noite, as estrelas brilham depois de um eclipse, até a Fénix renasceria das cinzas...! A ressurreição era, na realidade, necessária para que o julgamento de Deus fosse perfeito, i.e., justo.

⁸⁹ Tradução do Latim: “E o filho de deus morreu: pois porque é absurdo é que é mais acreditável; e depois de sepultado ressuscitou: é impossível, e por isso é que é certo;”. Vide Bibliografia, Secção 6.2.2.

⁹⁰ Pitágoras e Platão, ao acreditarem numa outra vida, enveredariam pela doutrina da Metempsicose, também conhecida como Transmigração das Almas, ou Reincarnação.

Jesus era o Messias proclamado, ressuscitado conforme os Escritos Judaicos. Tão importante se tornou este profeta que é vasta a lista de judeus, cristãos ou muçulmanos, respectivamente, que ao longo da História, têm pretendido auto-proclamar “reis divinamente designados”: Sabbatai Zevi (1626-1676) era um judeu que afirmava ser o Messias, mas que mais tarde se converteu ao Islamismo; David Shayler (1965-), ex-agente secreto inglês e delator, auto-aclamado messias em 7 de Julho de 2007; e Juhayman al-Otaibi (1936-1980), que se apoderou da Grande Mesquita em Mecca, em Novembro de 1979, e declarou o seu genro um Mahdi (profeta redentor do Islão).

Esta linha, que divide o plano humano do plano divino, haveria de ser o limiar no qual os escritores de Ficção Científica se posicionariam para extrapolar novas existências no Tempo e no Espaço – com a temática da Evolução como fundo – fundindo ou dilatando esses mesmos planos. Robert Silverberg arrebataria o seu *Son of Man* (1971) para o futuro, numa Terra que não conheceria morte, sexualidade circunscrita, Mozart, Marx ou qualquer topografia outrora habitável, como as metrópoles de Paris ou Londres.

O recentemente falecido Frederik Pohl⁹¹ conceberia *Man Plus*, em 1976, para colocar o seu protagonista, um ciborgue, numa colónia humana em Marte. Um organismo cibernético adaptado e preparado para sobreviver às condições mais adversas, mas incapaz de subtrair a sua condição humana à equação, estando psíquica e emocionalmente à mercê dos seus “criadores”. Numa palavra: reconstruído...

4.3 ENTROPIA

Ao especular sobre o Futuro, a SF vai mais além da Religião e da Fé: ela toca o conhecimento científico e desfaz mitos; ela explora, antecipa e define outros mundos.

⁹¹ Frederik George Pohl, Jr. (26 de Novembro de 1919 – 2 de Setembro de 2013).

Permitirá ela o Estado de Transcendência a que todos os crentes aspiram, independentemente de doutrinas distintivas ou rituais modelares? Esta é uma questão retórica, porquanto não possuímos dados para uma resposta competente; acreditamos, porém, que esse estágio de transcendência seja algo que as instituições religiosas jamais permitirão aos seus fiéis, porque aquelas definhariam sem estes, qual parasita necessitando alimentar-se do seu hospedeiro...

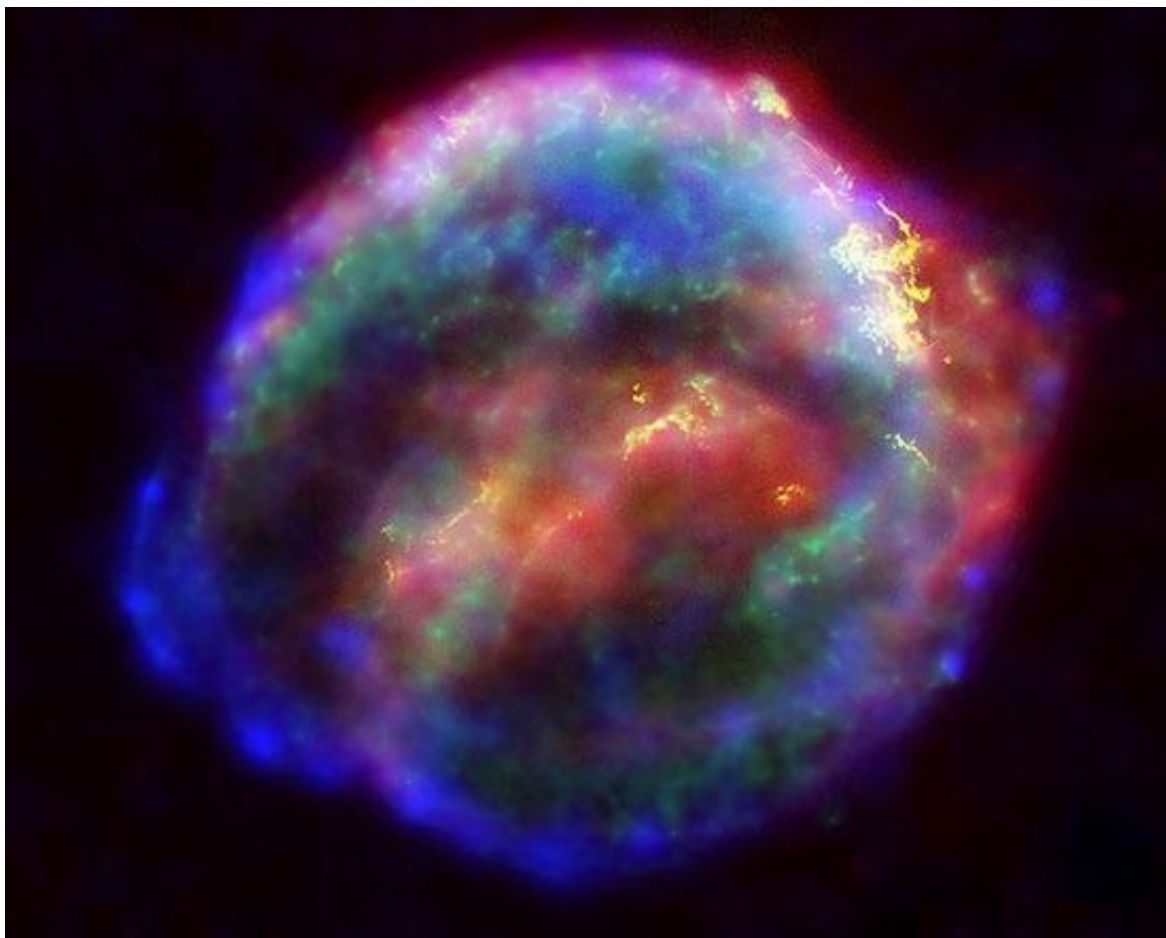


Ilustração 7 - Imagem conceptual do fim do Universo por Entropia. Cortesia de Evan Ackerman, em http://www.dvice.com/archives/2012/07/time_crystal_co.php

As histórias de SF que se debruçam sobre um Futuro distante fazem, por conseguinte, apelo e pormenorizam estados de entropia⁹², seja por intermédio de invasões

⁹² O significado do termo tem sofrido alterações ao longo das últimas décadas. Devido às descobertas no domínio da Física, o vocábulo deixou de se referir, apenas, ao estado de degradação ou desordem de um sistema – entendido como sinónimo de “caos”, desde que o termo fora cunhado em 1958 – para passar a estar mais associado ao conceito de energia não-disponível ou a uma propensão para um estado de inércia universal e irreversível (Ver ilustração 7).

alienígenas, seja pela aniquilação quase total da espécie humana. Este último cenário de holocausto auto-induzido, surge quando dois conjuntos de valores opostos entram em rota de colisão: por um lado, a ignorância e presunção dos que ignoram os perigos das tecnologias, por exemplo, de origem nuclear; por outro, o espírito humano resiliente que sobrevive, superando as dificuldades incomensuradas provocadas pela horda que lhes precedeu.

Acreditamos não ser do âmbito desta dissertação acadêmica, teorizarmos sobre a validade dos fundamentos da existência de teorias sobre o fim do mundo por entropia. Tal empreendimento além de escapar às nossas competências científicas, acabaria por descurar o nosso propósito principal: o de compreender a razão pela qual os autores de Ficção Científica se servem de pressupostos teóricos da Ciência (neste caso, a Segunda Lei da Termodinâmica, em Física) para imaginarem semelhante fim do mundo!

Ao transpormos os anteriores considerandos para a produção literária de SF propriamente dita, esta “dispersão” ou perda de energia – característica da Entropia - encerra em si uma noção de fim moralista (tragicômico?) para os destinos da humanidade. O círculo perfeito que começara há bilhões de anos com o Big Bang, terminaria com outro episódio singular: “The Heat Death of the Universe”, como também é conhecido (“Heat Death” não implica um valor elevado de temperatura). Daí, não ser de admirar que os autores de SF coloquem um elegante e apaziguador ponto final na sobrevivência da raça humana: desde um otimista, quase-inócuo “The Star” (1897) de H. G. Wells, passando por uma contagem decrescente para o fim do Universo, numa aniquilação simbólica da humanidade em que o protagonista e toda a população vão vendo gradualmente aumentados os seus ciclos de sono em *The Voices of Time* (1960) de J. G. Ballard, até uma destruição impiedosa e criteriosa - onde apenas os seres humanos serão obliterados da face da Terra - por infecção e radiação extrema em *THE DAY THE EARTH STOOD STILL* (remake de 2008 de um filme com o mesmo nome de 1951; este foi, por sua vez, adaptado do conto “Farewell to the Master” de Harry Bates, publicado em 1940).

4.4 CASOS DE ESTUDO

As histórias de Ficção Científica de carácter escatológico foram escolhidas pela forma peculiar como evidenciam algumas das características abordadas ao longo deste Capítulo.

Estamos conscientes de que delimitar as obras a seguir mencionadas⁹³ numa temática específica e estanque como esta poderá ser algo empobrecedor e limitativo, mas todas as leituras críticas devem correr esse risco. O teste final consistirá em saber se após tal abordagem, resulta uma leitura mais rica dos textos apresentados.

Por ordem cronológica de publicação, são eles:

- *The Machine Stops*, de E. M. Forster (1909)
- “The Nine Billion Names of God”, de Arthur C. Clarke (1953)
- *The Players of Null-A*, de A. E. Van Vogt (1956)
- “The Heat Death of the Universe”, de Pamela Zoline (Julho, 1967)
- “Shall the Dust Praise Thee?”, de Damon Knight (Outubro, 1967)
- “The Abdication of Pope Mary III”, de Robert J. Sawyer (2000).

Não se nos revela como suficiente considerar estes deuses genuínos ou credíveis, apenas por serem meras sobreposições das divindades que hoje em dia polulam cada culto ou religião.

De facto, na Bíblia Sagrada, como em outras histórias de ficção, o Fim do Mundo é apresentado como um culminar inevitável e justo para um mundo empírico que se tornou intolerantemente ameaçador e absurdo.

Os horizontes da SF mostrarão ser de natureza tecnológica, filosófica ou, mesmo, social e os seus textos assumir-se-ão como uma forma de exprimir tais conteúdos nas relações humanas.

⁹³ A tarefa de seleccionar as obras a abordar deste capítulo foi particularmente complexa, pois é vasto o número de títulos de SF que exploram esta temática. Teriam dado igualmente bons exemplos de análise, pela riqueza de conteúdo: *Player Piano*, de Kurt Vonnegut (1952), *The Day of the Triffids*, de John Wyndham (1951) e *Childhood's End*, de Arthur C. Clarke (1953).

4.4.1. *THE MACHINE STOPS, de E. M. Forster (1909)*

Imagine-se, se possível, uma época em os habitantes do planeta Terra foram reduzidos a uma única comunidade de células subterrâneas individuais: “The surface of the Earth is only dust and mud, no life remains on it,” [Parte I, Págs 5-6].

Esta é a premissa de *The Machine Stops* de Edward Morgan Forster (1879-1970), uma novela distópica com uma narrativa em analepse: “At the moment that my meditation opens (...)” [Pág. 1].

Individualmente, Vashti⁹⁴ e Kuno (as personagens principais, mãe e filho) e todas as outras pessoas recebem alimento, dormem e comunicam entre si através de um circuito fechado de mensagens-vídeo instantâneas:

Beneath those corridors of shining tiles were rooms, tier below tier, reaching far into the earth, and in each room there sat a human being, eating or sleeping, or producing ideas. [Pág. 15].

Esta última actividade de produção de ideias perfila-se como uma obsessão ou manipulação. Dado o modo recorrente como ela é referida ao longo de quase toda a história, o culto das ideias está acima da vertente corpórea da vida humana. Com a ajuda do narrador, não-participante na acção mas onisciente, conhecemos as realizações individuais e a satisfação pessoal de todos: “The room, though it contained nothing, was in touch with all that cared in the world” [Pág. 7].

O sistema mecanizado e automatizado que sustenta toda esta existência humana dá pelo nome de “The Machine” e assume características de uma autêntica divindade⁹⁵.

Nesta sociedade totalitária - como é próprio das utopias/distopias, onde todos os comportamentos são uniformizados - o pendor religioso deste universo divino-maquinal revela-se no culto à Tecnologia:

‘You talk as if a god had made the Machine,’ cried the other. ‘I believe that you pray to it when you are unhappy. Men made it, do not forget that. Great men, but men. The Machine is much, but it is not everything. [Pág. 3]

Todavia, parte da noção de Sagrado perde-se, já que alguns dos atributos das divindades (omnipotência, onnipresença, onisciência) parecem não se aplicar à

⁹⁴ VASHTI, nome da primeira rainha-esposa do Rei Assuero (Artaxerxes, no original grego), que consta do Livro de Ester, incluído na Tanakh, o cânone da Bíblia Hebraica, e nos Livros Históricos do Antigo Testamento.

⁹⁵ Também em *Player Piano* (1952) de Kurt Vonnegut, EPICAC XIV encontramos um célebre electrónico, uma máquina-deus. A ironia subjacente é a de as máquinas substituíram o ser humano, quer em termos de produção automatizada, quer nas funções de governação e de pensamento.

Máquina. Ainda assim, procura-se sustentar esta solenidade com a referência a um Livro Sagrado, numa alusão à Bíblia ou à Torah/Tanakh:

By her side, on the little reading-desk, was a survival from the ages of litter - one book. This was the Book of the Machine. In it were instructions against every possible contingency. If she was hot or cold or dyspeptic or at a loss for a world (...) [Pág. 8].

A devoção regulatória e auto-imposta será garantia de fidelidade e adoração:

She glanced round the glowing room as if someone might be watching her. Then, half ashamed, half joyful, she murmured ‘O Machine! O Machine’ and raised the volume to her lips. Thrice she kissed, thrice inclined her head (...)” [Pág. 9].

Outro paralelismo parece ser estabelecido por Forster: para os crentes, a divindade está em toda a parte, mesmo quando não sentimos a sua presença; de igual forma, também a Máquina, enquanto divindade totalitária, possui um zumbido constante: “Above her, beneath her, and around her, **The Machine hummed eternally**” [id., nossa ênfase].

Aliás, a presença latente da divindade parece ser a única voluntariamente aceite, pois o isolamento é visível e o contacto humano desincentivado:

The first fellow creature she had seen face to face for months. [Pág. 12]

People never touched one another, the custom became obsolete owing to the machine. (...) The passengers sat, avoiding one another with an almost physical repulsion. [Págs. 18 e 20, respectivamente]

Quanto ao papel relativo da Ciência nesta utopia futurista e apocalíptica, também o narrador é conivente com o conforto físico facultado exclusivamente pela Máquina:

Thanks to the advance of science (...) rapid intercourse, from which the previous civilization had hoped so much, had ended by defeating itself. [Pág. 13]

Dawn, midday, twilight, the zodiacal path, touched neither men’s lives nor their hearts, and science retreated into the underground. [Pág. 17]

Com todas as necessidades iminentemente satisfeitas, este desprezo pela componente física é alimentado pela noção de que as máquinas substituem as funções do corpo, fragilizado pela ausência de exercício físico: “Men seldom moved their bodies; all unrest was concentrated in the soul” [id.].

Kuno contraria esta tendência e, por ter visitado a superfície por meios não-autorizados, vê-se ameaçado com “Homelessness”, o que equivale à morte:

“Homelessness means death. The victim is exposed to the air, which kills him.” [Pág. 22]

Ao ter conhecimento de tal imoralidade e desrespeito pela Lei, a reprovação da mãe é imediata, mas Kuno julga saber a razão, pois o Livro Sagrado afirma ser impossível tal feito: “You think it irreligious of me”, formula Kuno. Vashti retorque, furiosa:

‘I worship nothing!’ she cried. ‘I am most advanced. I don’t think you irreligious, for there is no such thing as religion left. All the fear and the superstition that existed once have been destroyed by the Machine’. [Pág. 23]

Kuno re-afirma, porém, que o Livro está errado; para ele, “Man is the measure”⁹⁶ (Pág. 25) e, ao ter perdido parte da sua identidade, o Ser Humano não deverá permitir “that the Machine may progress eternally” [Pág. 24].

É o medo irracional da divindade intangível que impede os habitantes de transgredir as regras. Pelo contrário, Kuno, ao não se encontrar sob o seu domínio, apercebe-se do seu grau de (in)dependência:

As I climbed, the rough edges cut through my gloves so that my hands bled. The light helped me for a little, and then came darkness and, worse still, silence which pierced my ears like a sword. The Machine hums! Did you know that? [Pág. 28]

Este é o silêncio sobre que escrevia José Saramago. O silêncio que nos liberta. Ao despertar a sua consciência da condição humana, Kuno assume:

Cannot you see (...) that it is we that are dying, and that down here the only thing that really lives is the Machine? We created the Machine, to do our will (...) and now it compels us to worship it. If it could work without us, it would let us die. [Págs. 33-34]

A estas “blasfêmias” – o narrador verbaliza o pensamento de Vashti – Kuno junta-lhe uma última, em resposta ao desabafo de sua mãe de “The Machine has been most merciful” (pág. 37), por devolver o seu filho ao subsolo. Registe-se o tom metafórico: “(...) and down we all went intertwined into **hell**” [Pág. 37, nossa ênfase].

A última parte da história começa informando o leitor de duas grandes alterações efectuadas nos anos imediatos à despedida e corte de relações entre Vashti e Kuno: a primeira, a abolição de respiradores, que permitiam à população sair para o espaço exterior e saber qual o aspecto da Terra (a manipulação da História estava, assim, consumada). Uma geração que ficasse “(...) seraphically free from taint of personality” (pág. 41), acabaria por abolir a herança do Passado: “Tremendous applause greeted

⁹⁶ Protágoras de Abdera, um filósofo da Grécia Antiga, afirmava “O Homem é a medida de todas as coisas”.

(...) a feeling that terrestrial events must be ignored” (Pág. 41). A segunda mudança: o restabelecimento da Religião. Aqueles que adoravam em silêncio davam agora voz à sua devoção divina:

’The Machine (...) feeds us and clothes us and houses us; through it we speak to one another, in it we have our being. The Machine is the friend of ideas and the enemy of superstition: the Machine is omnipotent, eternal; blessed is the Machine’. [Pág. 42]

A este estado de coisas denominou-se Progresso, mas a própria perspectiva do narrador encerra juízos de valor pouco animadores:

(...) Humanity, in its desire for comfort, had overreached itself. It had exploited the riches of nature too far. Quietly and complacently, it was sinking into decadence, and progress had come to mean the progress of the Machine. [Pág. 44]

Kuno, em toda a sua clarividência, profetiza o impensável: “The Machine stops” (pág. 45); os elementos que encontrávamos no início do conto e que elevavam a Máquina a um estatuto paradisíaco, são os mesmos a acusar, agora, decadência e degenerescência: “The jarring noise, (...) and so with the mouldy artificial fruit, so with the bath water that began to stink, (...) the air, too, was foul” [Págs. 47, 48, 49, respectivamente].

A bem da Humanidade, alguns defendiam que o ser humano poderia suportar a ausência daqueles confortos por um curto espaço de tempo. Por conseguinte,

Time passed, and they resented the defects no longer. The defects had not been remedied, but the human tissues (...) had become so subservient that they readily adapted themselves to every caprice of the Machine. It may seem a ludicrous matter, but from it we may date **the collapse of humanity**. [Págs. 47-48, nossa ênfase]

A época de ouro – é-nos dito – não mais foi vivida, embora pequenos melhoramentos fossem observados. A população fez a sua parte, mas a catástrofe adivinhava-se para muito breve:

Men spent their strength praying to their books, tangible proofs of the Machine’s omnipotence (...) there came a day when, without the slightest warning, without any previous hint of feebleness, the entire communication-system broke down, all over the world, **and the world, as they understood it, ended**. [Pág. 50, nossa ênfase]

As palavras proféticas de Kuno ecoavam na mente de Vashti, mas “there was still the book, and while there was a book there was security” [Pág. 51]. Com a imobilidade da Máquina, veio o silêncio, tenebroso e expectante:

Others stood at the doors of their cells fearing (...) and behind all the uproar was silence - the silence which is the voice of the earth and of the generations who have gone. [Pág. 52]

Rezando para fugir ao caos deste fim do mundo anunciado, Vashti “sat down to wait for the end, kissing the Book” (Págs. 52-53). Pressionando desesperadamente todos os botões, Vashti “opened the door of her cell” (pág. 51). Note-se o duplo sentido dado por Forster à palavra CELL, como descrito no início do conto enquanto “favo”, e com o sentido de “cela”. Mais à frente, Forster irá optar pela segunda acepção, ao afirmar “It was thus that she opened her prison” (pág. 53). Assistimos, por fim, ao reencontro entre mãe e filho e ao renascer de uma esperança da Humanidade:

‘They are hiding in the mist and the ferns until our civilization stops. (...) Oh, to-morrow - some fool will start the Machine again, to-morrow.’ ‘Never,’ said Kuno, ‘never. Humanity has learnt its lesson. We die, but we have recaptured life.’ [pág. 55]

As duas últimas visões de Kuno serão as “nations of the dead” (pág. 56), às quais ambos se juntarão em breve, e um vislumbre do céu imaculado...

Como vimos, a visão de uma realidade verosímil como a descrita em *The Machine Stops* vai além da Ficção: “a desagregação de um macro-sistema tecnológico pode implicar (...) a revelação da verdadeira extensão da dependência”⁹⁷. Aliás, como expõe Silvana Caporaletti⁹⁸, esta linha ténue que separa a imaginação da realidade permite-nos compreender o alcance da novela de Forster, enquanto narrativa distópica:

(...) utopian literature (...) can never be pure fantasy: it is inescapably both *ficção* and *mimesis* (...). Because of its dual nature, the lie that the utopian text utters is then, in a way, a ‘true’ lie. (...) With time, human history and science narrow the gap between imagination and reality, attenuating the fictional aspect of the text and accentuating the mimetic one (...).

4.4.2. THE NINE BILLION NAMES OF GOD, de Arthur C. Clarke (1953)

Se é verdade que a SF procura retratar, em termos racionais e realistas, tempos futuros em envolvências diferentes das nossas, é igualmente correcto afirmar que ela desvela uma consciência sobre preocupações contemporâneas a ela própria e faculta reflexões implícitas sobre a sociedade. Dessa forma, a literatura consegue alcançar um outro propósito: explorar os efeitos materiais e psicológicos que a ciência e quaisquer novas tecnologias possam exercer sobre essa sociedade.

⁹⁷ Artur Matos Alves, “Fases da Tirania na Era Pós-Humana”, in *Cibercultura e Ficção*, 2012.

⁹⁸ “Science as Nightmare: ‘The Machine Stops’ by E. M. Forster” in *Utopian Studies*, Vol. 8, Págs. 32-47 (1997).

É nesta linha de pensamento que se inscreve o escritor britânico Arthur Charles Clarke (1917-2008), ao entroncar em duas tradições literárias distintas:

- a) uma tradição Americana, no seu gosto pela tecnologia (de traços “Hard SF”, pela ênfase colocada na precisão científica e detalhes técnicos);
- b) uma forte tradição Britânica, na preocupação com a problemática da Utopia e na especulação quanto aos fins últimos da Humanidade. Um genuíno “interest in speculation” herdado de H. G. Wells.

Assim, o conto “The Nine Billion Names of God” espelha uma temática querida a Clarke, a de entrelaçar temas religiosos e revelações místicas com histórias sobre Ciência e Tecnologia, colocando a humanidade em contacto com profecias bíblicas. Desta feita, um grupo de monges Tibetanos procura o auxílio de cientistas americanos para que, com os meios informáticos adequados (um “Automatic Sequence Computer Mark V”), os primeiros possam cumprir a sua vocação/missão, enquanto fiéis, de compilar numa lista todos os nomes possíveis de Deus. Diz um alto sacerdote budista:

This is a project on which we have been working for the last three centuries – since the lamasery was founded, in fact. [Pág. 3]

‘And you have been doing this for three centuries?’

Yes: we expected it would take us about fifteen thousand years to complete the task. [Pág. 4]

Todavia, esse mesmo sacerdote (Sam, parece ser o seu nome) pretende deixar claras as profundas convicções religiosas que o levam a ele e aos restantes sacerdotes a este empreendimento:

Call it ritual, if you like, but it’s a fundamental part our belief. All the many names of the Supreme Being – God, Jehovah, Allah, and so on – they are only man-made labels (...) We have reason to believe that (...) with no more than nine letters in an alphabet we have devised (...) can occur what one may call the *real* names of God. [idem]

O contraste na ambiência física é apenas o aspecto mais visível de duas culturas com costumes e valores assumidamente divergentes: das montanhas dos Himalaias e natureza circundante do Tibete às montanhas artificiais criadas pelo ser humano (os arranha-céus de Manhattan), a diferença é abissal: “(...) a different world, a world of not man-made mountains. High up in their remote aeries, these monks had been patiently at work, generation after generation (...)” [Pág. 5].

Dessa divergência nos dá conta o narrador, ao no-la fazer sentir, primeiro nas palavras do responsável pela empresa informática contactada pelo mosteiro, Dr. Wagner, “(...) compiling their lists of meaningless words. Was there any limit to the follies of mankind?” [Pág. 5] e, mais tarde, através dos diálogos eivados de ironia entre George Hanley e Chuck, os dois engenheiros contratados por 100 dias para garantirem a montagem do computador e a manutenção do projecto:

‘Project Shangri-La’, some wit back at the labs had christened it. For weeks now the Mark V had been churning out acres of sheets covered with gibberish. (...) Just what obscure calculations had convinced the monks that they needn’t bother to go on to words of ten, twenty, or a hundred letters, George didn’t know. [Págs. 6-7]

Quando lhes é, entretanto, dado a conhecer o propósito de tal empreendimento, “Well, they believe that when they have listed all His names – and they reckon that there are about nine billion of them – God’s purpose will be achieved” [Pág. 8], o vislumbre da epifania é cautelosamente comentado e escarnecido:

‘The human race will have finished what it was created to do, and there won’t be any point in carrying on.’

‘Then what do they expect us to do? Commit suicide?’

‘There’s no need for that. (...) God steps in and (...) it will be the end of the world.’ Chuck gave a nervous little laugh (...) ‘After all, we already knew that they were crazy.’ [id.]

Este conto ostenta uma crítica à forma aparentemente arrogante como os cientistas ocidentais encaram uma cultura e credo religiosos (o Budismo, uma filosofia de vida cara ao autor). Aqui, Arthur C. Clarke faculta e transpõe para a realidade do leitor todos os elementos necessários para que este não se deixe levar inadvertidamente pelas deambulações semi-triviais e semi-patéticas de uma das personagens, Chuck, desejosa de regressar à civilização, “‘Of course’, said Chuck thoughtfully, ‘we could always try a bit of sabotage’ (...) we can be down at the airfield when the last name pops out. They won’t be able to catch us then” [Pág. 9] e se aperceba – na narrativa, como na vida real - dos sinais de alerta em redor que o irão levar a um apocalipse em termos religiosos, mesmo que a origem desses sinais possa ser pouco credível. Na realidade, os dois engenheiros informáticos estão tão tendenciosamente convencidos do fracasso do projecto dos monges...

I'm just sorry for those poor old guys up there, and I don't want to be around when they find what suckers they've been (...) Would the monks smash up the computer in their rage and disappointment? [Pág. 10]

...e tão pouco sensíveis ao alcance das profecias dos ламas, quanto estão de apreciarem a beleza quase poética do céu estrelado e das montanhas, que contemplam no seu caminho de fuga em direcção ao velhinho Douglas DC-3, o avião que os levará de volta à trivial civilização (“manna from heaven”, no pensamento de George – Pág. 7):

The swift night of the high Himalayas was now almost upon them. (...) The sky overhead was perfectly clear, and ablaze with the familiar, friendly stars. (...) gleaming like whitely hooded ghosts (...). [Pág. 11]

Nesta envolvimento que convida à meditação e ao silêncio, o desfecho do conto surge de forma lapidarmente sublime:

'Wonder if the computer's finished its run. It was due about now'. 'Look', whispered Chuck, and George lifted his eyes to heaven. (There is always a last time for everything.) Overhead, without any fuss, the stars were going out. [Pág. 12]

Estranhamente, este fim do mundo não é acompanhado por “fire and brimstone”, mas antes por um final silencioso, qual paciente em fase terminal que se extingue e cessa a sua existência em paz, em pleno Juízo Final: “Logo após a aflição daqueles dias, (...) as estrelas cairão do céu (...).” [São Mateus, 24:29]

Julgamos pertinente concluir a análise deste conto com alguns dados complementares. George Mann⁹⁹, na resenha bibliográfica que apresenta sobre Arthur C. Clarke, refere que no período em que este escreveu “The Nine Billion Names of God”, “Clarke was looking out to the stars and attempting to understand their secrets”.

O modo peculiar como Clarke sempre integrou elementos místicos nas suas histórias de SF revela essa preocupação humanista e existencialista. Ridley Scott, o famoso realizador de cinema inglês, apelida Clarke de “purista” (pela fidelidade que manteve, até ao fim da sua vida, à escrita e ao optimismo pelo desconhecido) e termina a apresentação de um episódio da mini-série televisiva *PROPHETS OF SCIENCE FICTION* (2012) nestes termos:

Fundamentalists don't ask about God because they know the answer; atheists don't ask because they think it is unanswerable; but Arthur Clarke was a man of Science, he wasn't afraid to explore the spiritual needs of mankind.

⁹⁹ *The Mammoth Encyclopedia of Science Fiction*, George Mann ed., 2001.

Não há lugar a um número tão astronómico de epítetos para a divindade em causa, mas bastaria que o conto se chamasse “The Nine Billion Names of Gods” para que o panteão de deuses aumentasse consideravelmente, de entre as várias mitologias dispersas pela História e pelo planeta para, como vimos anteriormente, se justificar a Criação. Ainda assim, a lista de cognomes do aclamado messias Jesus - na tradição Judaica, aquele que era indicado Rei por desígnio divino - é deveras impressionante, entre epítetos totalmente invulgares como “Ungido” (AT, Salmos 2:2), “Pedra Angular” (NT, Efésios 2:20), “Amigo de Pecadores” (São Mateus, 11:19), “Videira verdadeira” (São João, 15:1) ou “Narciso de Saron” (AT, Cântico dos Cânticos, 2:1), todos referentes ao deus cristão¹⁰⁰. Porém, sejam eles Judeus, Cristãos ou Muçulmanos, a vasta lista de auto (ou hetero) proclamados “Eleitos” dilui-se no Tempo. Talvez a profecia de Clarke não estivesse longe da realidade: de acordo com o site de Internet WorldOMeters, a actual população mundial¹⁰¹ contabiliza 7 171 917 715 pessoas! Seria cada pessoa um justo representante de Deus?

4.4.3. THE PLAYERS OF NULL-A, de A. E. Van Vogt (1956)

A Ficção Científica não é, na sua essência, hostil à religião; contudo, alguns autores tornam-se incompreendidos ao não pactuarem com mentes que se fecham à imensidão de mundos mais ou menos verosímeis que habitam aquela forma literária irreverente. Tal parece ter sucedido quando, no início dos anos 50 do século passado, um escritor veria o seu nome manchado profissionalmente e a sua produção literária tratada como lixo da pior categoria por um crítico solitário (mas influente!), num género literário que procurava reinventar-se e numa sociedade à procura de si própria.

O autor de SF em questão era o americano de origem canadiana Alfred Elton Van Vogt (1912-1990) e o romance, *The World of Null-A*, a prequela do título que presentemente abordamos. Do crítico assanhado, tão-só o seu nome: Damon Knight.

¹⁰⁰ Na adaptação para cinema (2002) da célebre novela de H. G. Wells *The Time Machine*, a pseudo-divindade cujo cérebro sofreu uma evolução metamorfósica é-nos apresentada como Uber-Morlock.

¹⁰¹ Consulta e registo efectuados às 23:58 de 13 de Agosto de 2013, em <http://www.worldometers.info/world-population/>.

Em *The Players of Null-A*, Van Vogt retoma a visão futurista anteriormente criada, desprovida de explicações para o grau de tecnologia alcançado, é certo (o mundo havia sido dominado por uma Máquina de Jogos electrónica!), mas povoa-a com personagens sem grande densidade existencial e com um protagonista que, embora assuma o passo seguinte na evolução da humanidade em pleno século XXVI, descobre possuir uma identidade falsa. Gilbert Gosseyn (note-se o trocadilho fonético no seu apelido), é um indivíduo transumano - “The extra brain, which made his head nearly a sixth larger than that of an ordinary human being, had its limitations” [Pág. 6] - e procura uma identidade – a sua – enquanto se esforça por fazer sentido das suas memórias e da sua percepção da realidade, aparentemente contraditória.

Ao afirmarmos que uma realidade é contraditória, o que em rigor estamos a dizer é que há uma contradição entre aquilo que apreendemos e o modo como habitualmente pensamos e nos exprimimos acerca dessa realidade. Poderia tal circunstância ser apelidada de FALÁCIA? Seria a Religião uma falácia, por colocar em evidência de forma tão engenhosa tal disparidade, enquanto pede credulidade e/ou fé aos seus seguidores?¹⁰²

Dessa ausência de Lógica Aristotélica¹⁰³ (Não-A, segundo o autor) se dá conta neste romance, bem como de um envolvimento da religião ao nível das ideias, embora não consigamos, enquanto leitores, perceber de imediato quão vital será a crença num ser divino como “the Sleeping God” e seu séquito de sacerdotes e guardas:

Every report he had heard was different. Priests were allowed to look at the God at their initiation rites. Not one of them ever saw the thing. The Sleeping God was an old man, a child, a youth of fifteen, a baby. -- the subsequent accounts had as little relationship as that. [Cap. XIII, Pág. 58]

Nem a crença nem a própria divindade aparentam sê-lo (vital), pois que Van Vogt passa convenientemente ao largo dessa questão metafísica, como aliás de umas quantas outras, mais prosaicas: uma guerra de proporções galácticas, relações humanas inconsequentes, um ‘génio do Mal’ desejoso de destronar o seu Senhor...

¹⁰² A este propósito, estabelecemos o paralelo com o texto brilhante de George Carlin, Parte 7, Anexo A, Pág. 159.

¹⁰³ A Lógica Formal, também conhecida como Proposicional ou Não-Aristotélica, exprime-se através de símbolos, tal linguagem matemática ou informática de programação, muito mais rigorosa e menos sujeita a ambiguidades, como as que surgem nas línguas vivas que utilizamos para comunicar.

Feita prisioneira de uma figura sombria e imaterial apelidada de "The Follower", a consciência de Gosseyn vagueia e alterna involuntariamente entre o seu próprio corpo e o de um certo Príncipe Ashargin, o jovem descendente de uma família nobre. Apesar dos seus poderes limitados de telequinese, telepatia e do mais desconcertante deles todos, imortalidade, Gilbert Gosseyn apercebe-se ser apenas um peão no xadrez do universo e de que a sua mente pode ser manipulada por um ser superior... "You're not actually all-powerful, are you? Just what are your limitations?" [Cap. X, Pág 44]

Descrito embora como uma religião pagã - "It was a typical variation of a pagan religion. Earth had had many such" [Cap. IV, Pág 15] - o Culto do Deus Adormecido é o único a alimentar as ambições de alguns e a surpresa de outros. Secoh, o Senhor Guardião, assume lugar de relevo na hierarquia religiosa,

Sometimes, Secoh, you give the impression that you are the Sleeping God. It's a dangerous illusion.' The priest said quietly, 'I speak with authority vested in me by the State and the Temple. I can do no less.' I am the State,' said Enro coldly. [XIII, Pág. 59]

...tal como Enro, o Vermelho o faz no campo político, enquanto governante dictatorial do maior império da galáxia sediado na cidade-planeta Gorgzid, "In the misty past, after he had created the universe, the god had chosen the planet Gorgzid for his resting place (...)" [Cap. XIV, Pág. 68], controlando o poder ao usar a raça dos "Predictors" (os que conseguem adivinhar o Futuro) e ao assumir o sacerdócio do Culto.

Alimentando a curiosidade do leitor, Van Vogt vai descrevendo os aposentos,

(...) they took down steps that fitted into a curved metal wall. They came to a depth in which was an atomic pile drive - and Gosseyn had his second shock. A spaceship! The Temple of the Mound was a ball-like spaceship buried in the soil drift of centuries, perhaps for thousands of years. [Cap. XIV, Pág. 68]

e caracterizando a própria divindade, através dos olhos de Gilbert Gosseyn

It was the face of a man of about forty. The head was large and the face had a strangely blank look. It was a good-looking countenance, but only because of its symmetry (...) of cheek and bone. It was the face of a moron. The Sleeping God of Gorgzid was a stranger. [Pág. 69]

A revelação seguinte surge por intermédio de um pensamento induzido em Gosseyn:

I am the memory of the past. Those who have tended me in recent years have forgotten that their ancestors came to this planet in the same way as the human being they worshipped, and still worship, as the Sleeping God. [Cap. XX, pág. 95]

A mesma entidade comunica-lhe a necessidade - mais, o dever - de eliminar Secoh, o sacerdote que ousou atentar contra Enro para lhe tomar o seu 'Greatest Empire' e que possui agora o enorme poder de transformar a matéria; a sua capacidade de assumir a forma-sombra negra denota que a adquiriu do Deus Adormecido, mas Gosseyn não deverá iludir-se, pois

The real gods and the real Players have been dead nearly two million years; (...) "the 'god' could probably be awakened now, but certain mechanical processes have long been out of operation, so he could not remain alive more than a few minutes. [Cap. XXI, Págs. 97 e 96, respectivamente]

Em termos de narrativa, tudo se perfila para que Secoh, um crente fervoroso na estranha religião do "Sleeping God", se assuma como um fanático de cariz bélico, disposto a destruir todas as forças malignas que se insurjam contra os seus planos:

He scowled. 'The sacrilegious scum! (...) Gosseyn stood beside the priest, and looked down on a courtyard that was changed. Gallows were going up. More than a dozen were already in position, and there were silent shapes hanging from nine of them. Gosseyn stared at the dead men thoughtfully. [Cap. XXI, Págs. 98-99]

Neste final magistral de *The Players of Null-A*, o antagonista Secoh, o grande "Seguidor", é induzido em erro por Gilbert Gosseyn e levado a matar instintiva e irreflectidamente o seu deus, após o haver tomado por um inimigo. Em termos escatológicos, aquela é uma realidade demasiado letal a enfrentar; por isso, necessitará de a esquecer. Mas, para esquecer algo tão avassalador, o Seguidor tem de recuar na sua memória e esquecer tudo o que alguma vez soube e relaciona com a sua fé:

Amnesia is the best method of escaping from reality. But it has several forms, and one at least is devastating. You cannot forget the memory of a lifetime of experience, and remain adult. The Follower's shadow shape disappeared, and Secoh was revealed teetering on legs that supported him a few moments only. [Cap. XXII, Pág. 102]

Um recuo desta magnitude tem consequências incalculáveis e um fim imprevisto: Secoh esquece-se a si próprio, anula-se...

He fell limply. Physically, he had only a few feet to go, but mentally his journey continued down. He lay on his side on the floor, and his knees drew up tightly against his chest, his feet pressed against his thighs, and his head flopped loosely. At first he sobbed a little, but quickly he grew silent. When they carried him out on a stretcher, he lay unaware of his surroundings, curled-up and silent and tearless.

A baby that has not yet been born does not cry. [FIM]

4.4.4. THE HEAT DEATH OF THE UNIVERSE, de Pamela Zoline (1967)

Este poderá não ser o típico o conto de Ficção Científica - tal é afirmado categoricamente por vários críticos - pleno de maravilhas tecnológicas, viagens interplanetárias ou alienígenas dominadores do universo. A única conquista do Espaço digna de registo não será, sequer, a do espaço exterior. Ao invés, o espaço interior poderia ser a personagem principal (pela sua onnipresença) e o enredo, a forma como este conquista e absorve a geografia física e psicológica de Sarah Boyle, lhe desequilibra o fluxo de energia, e lhe causa a morte do "seu" universo!

Mas a história da autora americana Pamela Zoline (1941-) não é apenas um exercício sombrio de escrita sobre o desespero, a loucura ou o sentido de alienação individual; é, entre outras coisas, um esforço para fazer sentido dos dados captados a partir de uma realidade cuja ordem e harmonia idílicas ameaçam ruir a qualquer instante e que poderá generalizar-se para além do mundo pessoal de Sarah Boyle:

“(Parágrafo 2) Imagine a pale blue morning sky (...) The earth rolls and the sun appears to mount, mountains erode, (...) babies’ fingernails grow as does the hair of the dead in their graves”.

Prova disso é a forma como a estrutura interna do conto foi pensada (54 parágrafos numerados no seu início, de extensão muito irregular, procurando eles próprios “arrumar-se”, pois uns têm título, outros não) e as respectivas analogias recorrentes que vão sendo estabelecidas com a desarrumação e a sujidade,

(11) CLEANING UP THE HOUSE (ONE.) Cleaning up the kitchen. She scrubs at the stickiness on the yellow-marbled formica table (...). There are marks of children’s hands in various sizes printed with sugar and grime on all the table’s surfaces,

com o nascimento e com o crescimento,

(10) BIRTHDAY. Today is the birthday of one of the children. There will be a party in the late afternoon,

com o nosso envelhecimento e com a morte,

(18) Sarah Boyle’s mother has been dead for two years (...) on an hysterical day she dyed [her natural spaniel-brown hair] red, so now it is two-toned like the painted walls of slum buildings or old schools

e com o colapso do mundo, no dia do Juízo Final:

(20) Everything becomes warmer and warmer, each particle of matter becoming more agitated, more excited until (...) the glues fail, the deodorants lose their seals. She imagines the whole of New York City melting like a Dali into a great chocolate mass (...).

Pamela Zoline consegue, nesta história invulgar, extrapolar a realidade de apenas um dia banal de frustração de uma mãe e esposa da classe média americana,

(9) Sarah Boyle is a vivacious and intelligent young wife and mother, educated at a fine Eastern college, proud of her growing family which keeps her busy and happy around the house,

para um cenário de quase-terror doméstico vivido num crescendo de intensidade dramática pela personagem feminina: “(14) Over the stove she had written ‘Help, Help, Help, Help, Help, Help’”.

Numa tentativa de se proteger contra o desgaste das várias tarefas pendentes que se vão sucedendo e acumulando, de forma alucinantemente rotineira (preparar o pequeno-almoço para os filhos, limpar a cozinha, fazer as camas, limpar os quartos, preparar o almoço, comprar o bolo para a festa de aniversário, ultimar os preparativos, fazer a festa, deitar os filhos, limpar a sala...), Sarah tem necessidade de criar subterfúgios para combater o caos que espreita por detrás de cada objecto:

(14) On the wall by the washing machine are Yin and Yang signs, mandalas, (...);

(15) Sometimes she numbers or letters the things in a room, writing the assigned character on each object. There are 819 separable moveable objects in the living-room;

(17) One of Sarah’s favourite toys is the Baba, the wooden Russian doll which, opened, (...) reveals a lesson in infinity at least to the number of seven¹⁰⁴ dolls.

No entanto, as defesas criadas e as estratégias delineadas são-no em vão:

(21) CLEANING UP THE HOUSE (THREE) Beds made. Suddenly the vacuum blows instead of sucks, spewing marbles, dolls’ eyes, dust, crackers. The baby yells on cue for attention/ changing/ food. Sarah kicks the vacuum cleaner (...);

(26) The goldfish would die, the birds would die (...); the dog would die from lack of care, and probably the children – all stuffed and sitting around the house, covered with dust.

A sua vida, apresentada como um micro-cosmos, parece estar sujeita às mesmas leis que regem o universo (e o organizam) e às mesmas relações que os seres humanos tentam estabelecer com ele e entre si: ontologicamente, na forma de estar no mundo, e epistemologicamente, no modo de o (re)conhecer¹⁰⁵.

¹⁰⁴ O simbolismo do número 7 é milenar e assume um carácter sagrado, de perfeição e de poder. Todavia, ele é bipolar: se, por um lado, representa elementos positivos (como os sete pedidos ao Pai Nosso, os sete dias da semana ou os sete sacramentos), por outro, aponta para aspectos negativos como os sete pecados mortais ou as sete pragas do Egipto.

¹⁰⁵ Por esta razão, Zoline concilia de forma ímpar aspectos de uma "Soft SF", ao desvelar interesse na Psicologia e Sociologia, sem descurar simultaneamente uma vertente mais fiel à "Hard SF", apelando implicitamente a campos do saber como a Física e a Astronomia.

Protágoras, já o afirmámos anteriormente, defendia que “O Homem é a medida de todas as coisas”. Neste relativismo próprio dos Sofistas, espelhava-se a impossibilidade do ser humano alcançar a noção de Absoluto. Situação idêntica parece retratar-se no Parágrafo 28, “TIME PIECES AND OTHER MEASURING DEVICES”, onde Sarah Boyle jamais alcançará a sua paz de espírito e o alheamento que tanto deseja, apesar de todos os instrumentos de que dispõe para arrumar e ordenar o seu universo:

In the Boyle house there are four clocks; three watches (...); two calendars and two engagement books; three rulers (...) red plastic measuring spoons (...) a tablespoon, a teaspoon, a one-half teaspoon, one-fourth teaspoon and one-eighth teaspoon; an egg timer (...) an oral thermometer and a rectal thermometer (...), a bathroom scale; (...) a metronome.

Se podemos afirmar que mulheres em cozinhas nunca serviram de tema na Ficção Científica é, contudo, pertinente salientar que a narrativa cronologicamente linear mas fragmentada de Zoline e o afunilamento espacial¹⁰⁶ sentido pela personagem Sara Boyle (e descrito pela narradora) conferem à história contornos de uma enorme sinédoque. Esta "parte pelo todo" fará gradualmente mais sentido à medida que a sua ansiedade, o seu desespero e o seu desprendimento existencial a conduzem a um estado crescente de entropia, i.e., de desmoronamento mental, de aniquilação pessoal:

(37) SHOPPING FOR THE BIRTHDAY CAKE. She does not choose calm and measure. Sarah Boyle begins to pick out, methodically, and with a careful ecstasy, one of every cleaning product which the store sells. (...) At the checkout counter her laughter and hysteria keep threatening to overflow (...).

Os seus filhos são descritos como sanguessugas e focas que guincham, representações metamorfoseadas ou personificadas de uma entropia canibalesca e galopante, às quais ela permanece ligada apenas por laços biológicos primários:

(31) Sarah Boyle is never quite sure how many children she has”;

(39) Sometimes Sarah can hardly remember how many cute chubby little children she has.

Semelhante descrição distancia-se enormemente da forma normal como as crianças devem ser encaradas pelos seus progenitores e ficará a anos-luz do modo como, por exemplo, Frank Herbert concebe, em *Dune* (1965), que crianças sejam elevadas ao estatuto quase-messiânico de regente imperial de uma sociedade. Pelo contrário, Sarah Boyle abandonaria de bom grado a ideia de procriar para preservação da espécie:

¹⁰⁶ Como Brian Aldiss chegou a afirmar no prefácio à edição publicada em 1973, a propósito de "Heat Death": [for all purposes], "the center of the galaxy lies in Sarah Boyle's kitchen".

(33) How fortunate for the species, Sarah muses or is mused, that children are as ingratiating as we know them. Otherwise they would soon be salted off for the leeches they are (...) with no more cowardly investment in immortality via the patchy and too often disappointing vegetables of one's own womb.

A nossa "leitura" (um pouco rebuscada talvez, mas plausível, dados os elementos que Zoline nos fornece) é a de que, lenta e irreversivelmente, o universo particular de Sarah se aproxima do caos, do colapso, num cenário apocalíptico de entropia psíquica:

(37) (...) At the checkout counter (...) the pale blonde clerk pretends normality and disinterest. The bill comes to \$57.53 and Sarah has to write a check. Driving home, (...) in the back seat, she cries.

(44) There must be more than this, Sarah Boyle thinks, from time to time. What could one do to justify one's passage? Or less ambitiously, to change (...) the course and circulation of the world?

Todo o labor, stress e ansiedade de Sarah anterior à festa resulta nas escassas linhas do parágrafo/entrada 46 – “THE BIRTHDAY PARTY”. O desequilíbrio é visível. A ausência de divertimento, a falta de convívio e a antipatia das crianças, também. A limpeza após a festa já começou e como as tarefas de...

(36) Housework is never completed, the chaos always lurks ready to encroach on any area left unweeded, a jungle filled with dirty pans and the roaring giant stuffed toy animals suddenly turned savage. Terrible glass eyes.

O desfecho não é inesperado. Exausta, Sarah Boyle renuncia, por fim:

(54) She goes to the refrigerator, takes out a carton of eggs (...) She throws them one by one onto the kitchen floor (...) They break beautifully. (...) She begins to cry.

Neste último parágrafo, contamos 7 vezes as expressões “She begins to cry” ou “She is crying”. A ilusão de equilíbrio ou homeostasia (mencionada no parágrafo 16), dá lugar à Segunda Lei da Termodinâmica (parágrafo 19, com o mesmo título do conto). Esta entropia desconhece a intervenção de qualquer entidade divina: a conclusão que pretendemos alcançar é a de que o "fim" não pressupõe a acção de um deus! É um término interior pacificamente assumido, uma ataraxia (serenidade profunda). Um colapso psicológico a fazer lembrar o da heroína de *The Bell Jar*, o romance aclamado de Sylvia Plath! “The Heat Death” é um memorando sobre a Inquietação e as trivialidades do quotidiano; um pensamento sobre a Ansiedade e a Instabilidade Emocional; uma reflexão sobre a Infelicidade e o Pessimismo; um estudo sobre o Desespero e a Loucura; em conclusão, um tratado sobre uma Psicose Existencial.

4.4.5. *SHALL THE DUST PRAISE THEE?, de Damon Knight (1967)*

De entre aqueles que rejeitam conceber a imagem tradicional de Deus como um ser protector, existe uma facção que, talvez inspirada pelos pensamentos de Epicuro, acredita que nenhuma divindade digna desse nome poderia permitir que o Mal e as injustiças assolassem a espécie humana da forma como o observamos diariamente.

Damon Knight (1922-2002), escritor de SF e crítico literário assaz controverso, inclui-se nestas hostes para nos apresentar um conto cujo título parece “beber” influências do Livro Sapiencial dos Salmos, no Antigo Testamento:

Clamo a ti, SENHOR,

e imploro a piedade do meu Deus.

Que vantagem tiras da minha morte, e da minha descida à sepultura?

Porventura, poderá o pó louvar-te ou anunciar a tua fidelidade?” [30:9-10]

Em “Shall The Dust Praise Thee?”, Knight descreve-nos um deus que, atento apenas à sua agenda e profecias outrora anunciadas, desce à Terra para o Juízo Final:

Under the wide dome of heaven, no bird flew. (...) The voice said, ‘This is the day appointed. Let us go down’.

Then God walked on earth, as in the old time. (...) And after Him trooped the seven white angels with their vials, murmuring. They were alone under the yellow-gray sky. [Pág. 257]

Com pompa e circunstância, “The Day of Wrath arrived” (Pág. 256), com os sete arcanjos despejando a sua cólera pelo mundo. Mas, a cada nova investida de cada um deles, o resultado parece ser invariavelmente o mesmo: “And again there was silence” (Pág. 257). Não há vida na Terra e o cenário é, simplesmente, devastador! As rochas e vales que antes se ocultavam debaixo de rios e lagos, exibiam agora toda a sua esterilidade:

For the dry, dusty rocks of the earth stretched away limitless under the sky; and where the oceans had been, there were only runneled caverns in the stone, as dry and empty as the rest. [pág. 257]

Neste breve conto, são nada menos que 8 as ocorrências da palavra “dry”, indício de que Knight pretende, pelo título, anunciar a catástrofe com que agora nos deparamos: “No creature crawled or crept on the face of the earth; there was no tree, and no blade of grass”. [Pág. 257]

Perante este desespero, Deus mostra-se ainda assim intransigente no seu juízo: “And God said in a great voice, ‘Let the book of life be opened: and let the dead rise up from their graves, and from the depths of the sea” [Pág. 258].

Todavia, o narrador invisível (que tudo sabe) prepara o leitor para o que se adivinha:

His voice echoed away under the sullen sky. And again the dry rocks heaved and fell back; but the dead did not appear. **Only the dust swirled, as if it alone remained of all earth’s billions, living and dead** [Pág. 258, nossa ênfase].

Por entre palavras sussurradas entre arcanjos, o quinto anjo ousa indagar o Senhor: “Lord, are You not God? Shall any secrets be hid from the Maker of all things?”, mas é confrontado com a intempestiva indignação do Todo-Poderoso:

‘Peace!’ said Jehovah, and thunders rumbled off toward the gloomy horizon. A shocked murmur went through the angels. ‘In good reason, I will cause these stones to bear witness. Come, let us walk further. [Págs. 258-259]

Por ordem do Senhor Jehovah, e por desconhecer os destinos da humanidade “in an aeon of heavenly inattention” [id.], o Arcanjo Miguel (o arcanjo da Fé e da libertação do Mal), é chamado a relatar os últimos dias dos humanos, enquanto “The other angels were murmuring and sighing together”.

Desses dias ficamos a saber da grande guerra que as nações de Inglaterra, Rússia, China e América travaram entre si e da descrição de um dos teatros de guerra mencionados, entretanto visitados:

Across the dry valley that had been the Channel, the island was a tableland of stone, crumbling and desolate. Everywhere the stones were brittle and without strength. And God grew wroth, and cried out, “Let the stones speak! [Pág. 259]

Em resposta e em silêncio, Deus e seus anjos contemplam “the gray rocks fountained up into dust” [id.]. Neil Gaiman, escritor inglês contemporâneo, afirma em certa altura, no seu romance fantástico *American Gods* (2001), que “Gods need belief to live and to thrive”. É por essa razão que a expectativa messiânica da divindade vai definhando neste expressivo conto de Damon Knight!

He commanded again, “Speak!” And the rocks rose up once more, to lay bare a chamber that was deeper still. And in silence, God and the angels stood in a circle around the pit, and leaned down to see what shapes glittered there.

Esta expectativa definhada encontra paralelo no derradeiro desamparo dos crentes que, ao invocarem o “seu” deus, acabam por não o conseguir materializar. Este retrato

de um deus ausente e arrogante, encontramos-lo apenas transfigurado numa outra obra genial: *Starmaker* (1937), de Olaf Stapledon. Nesta, a figura pretensamente divina deixa igualmente as suas criações entregues a si próprias, enquanto vagueia pelo espaço infinito e contempla as imperfeições criadas ao longo dos tempos. “Deus” “liberta” as criaturas criadas do seu jugo, assumindo a solidão da raça humana autênticos contornos de uma visão Dantesca... Tudo o que resta da Humanidade em “Shall The Dust Praise Thee” são as palavras deixadas pelos últimos seres humanos antes da sua extinção, como uma mensagem para Deus, esculpidas na parede de uma gruta e que se destacam, brilhando no escuro, devido ao seu relevo metalizado. Deus lê-as:

“WE WERE HERE. WHERE WERE YOU?” [Pág. 260-FIM]

4.4.6. THE ABDICATION OF POPE MARY III, de Robert J. Sawyer (2000)

Leslie Poles Hartley escrevia, na inesquecível abertura do seu romance *The Go-Between* (1953), “The past is a foreign country”. Concordarmos com esta frase lapidar, implica interiorizar o alcance de outra, também plena de sentido: “Tomorrow was a new age”. Ambas remetem para momentos diametralmente opostos, mas que têm em comum a peculiaridade de estarem fora do nosso alcance ou manipulação.

O conto do romancista canadiano Robert James Sawyer (1960-) abraça estas duas referências basilares para construir uma história que, embora assente na exagerada auto-importância dada pela Igreja Católica à crença de que “our vision is the only vision”, subverte o tradicional papel de chefe da instituição religiosa, ao colocar nele uma mulher. Sawyer afirmou uma vez, ao caracterizar o seu estilo de escrita:

I am a great believer in science, a champion of rationalism. In all my works, I try to look at the battle between science and superstition. I myself am not a scientist; (...) but I think that far too many people think of science as something so complex and arcane as to be incomprehensible.

Escrito num estilo muito simples e próximo de uma “Soft” SF, o conto é perpassado por uma pergunta pertinente, embora latente: conseguiríamos nós sobreviver sem

uma religião? Tendo o Vaticano como pano de fundo e o corpo eclesiástico como grupo-alvo, os elementos de ficção científica sucedem-se gradualmente. Assim, a situação-problema é exposta por um narrador logo no início do conto, em jeito de notícia de boletim informativo da cadeia de televisão CNN, “Our top story: Pope Mary III abdicated this morning” [Pág. 1], mas possuindo elementos que lentamente a afastam de uma realidade verosímil:

“The unprecedented has indeed happened: after 312 years of service, Pope Mary III stepped down today. Traditionally, the conclave of Roman Catholic cardinals waits 18 days after the death of a pope before beginning deliberations to choose a successor (...)” [id.].

Contudo, o grau de veracidade conferido aos eventos narrados é elevado, porquanto os elementos descritos para a eleição de um novo Papa correspondem aos que, actualmente, fazem parte do protocolo (nomeadamente, o facto de o conclave votar no Palácio Apostólico e de o sempre aguardado fumo branco saído da chaminé da Capela Sistina ser sinónimo de uma escolha quase unânime de um novo chefe da Igreja).

A descrição da conferência de imprensa dada por Mary ajuda à descrição física:

“Let’s take a look at Pope Mary’s press conference, given earlier today. Tight shot on Mary, looking only a tenth of her four hundred years (...)” [Pág. 1].

Ainda fiel ao estilo do noticiário televisivo, Sawyer fornece-nos mais alguns dados: contrariando o princípio da infalibilidade papal (instituída nos nossos tempos actuais, refira-se, desde finais do Séc. XIX)¹⁰⁷, a demissionária Sharon Cheung, de seu nome de baptismo, confessa:

‘(...) I now believe that I was indeed in error 216 years ago when I issued a bull instructing Catholics to reject the evidence of the two Benmergui experiments. I feel compelled to step down...’ [Pág. 2].

A bem da argumentação do conto e da nossa compreensão, Sawyer trata de nos revelar, com a ajuda de um Dr. Singh, professor de Física na Universidade de Toronto, que a primeira experiência realizada e a explicação dada por John Cramer (nome real) sobre Mecânica Quântica em finais do Séc. XX era correcta:

It means that the many-worlds interpretation is flat-wrong: new parallel universes are not spawned each time a quantum event could go multiple ways. This is the one and only extant iteration of reality. [Pág. 2]

¹⁰⁷ A Infalibilidade Papal é mais um dogma da Teologia Católica. Aqui, a Igreja sustém que quando o Papa fala *ex cathedra* (a todos os fiéis), ele define e delibera algo solenemente em matéria de fé, moral ou costumes. Apelando à plenitude dos seus poderes pastorais e manifestando a intenção de ensinar doutrina, ele está sempre correcto porque goza da assistência espiritual do Espírito Santo, que o preserva de todo o erro...

A segunda das experiências realizadas por uma Dra. Kathryn Benmergui, é-nos explicada e esclarecida logo de seguida:

[it] proved the current cycle of creation was only the *seventh* [o número simbólico da perfeição, como já referimos anteriormente] such ever; (...) the life-generating properties (...) that define reality (...) and the value of the strong nuclear force (...) seem finely tuned [and] are virtually impossible to explain except as the results of **deliberate design**. [Pág. 2, nossa ênfase]

Ao assumir, de forma tão categórica, que o seu sistema de pressupostos estava errado, a Ciência prova finalmente a existência de Deus; mas qual é o significado e a consequência deste facto para a Religião, ou para a Igreja enquanto instituição?

The combined effect of these two facts led directly to Pope Mary's crisis of faith, specifically because they proved the existence of – one might as well use the word – God. [Pág. 2]

Mas este deus não é claramente o deus da Bíblia ou da Toráh ou do Qur'an:

'But then why would Pope Mary resign? Surely if science has proven the existence of a creator...?'

'Rather, the creator is a physicist, and we are one of his or her experiments. Science hasn't reconciled itself with religion; it has *superseded* it...' [Pág. 3]

Steven H. Silver, estudioso americano da produção literária de ficção científica, afirmava ainda recentemente a propósito do prefácio de *Iterations*, uma antologia de contos de Robert J. Sawyer, que

Ideas and themes which pervade Sawyer's novels also find their way into his short fiction. Stories like "The Abdication of Pope Mary III" and "Fallen Angel" examine the role of God in the universe and science.

O desfecho do conto de Sawyer é, ainda assim, algo inesperado: os cardeais ordenados para procederem à eleição do novo Papa abandonam as instalações do Vaticano, mas já sem os seus hábitos:

'There's been no plume of white smoke, meaning they haven't elected a new leader of the church. But the cardinals *are* coming out. They are coming outside, heading into St. Peter's square. The crowd is stunned (...) – it can only mean one thing...' [FIM]

Este fim aberto permite, como também é habitual no escritor canadiano, uma total liberdade de interpretações, deixadas a cargo do leitor! Esta é a nossa: será este, porventura, o Fim Escatológico da Religião?

PARTE 5: EPÍLOGO

“Deus quer prevenir o Mal, mas não é capaz?

Então não é Onnipotente.

Ele é capaz, mas não quer?

Então é Malévolo.

Ele é capaz e quer?

Então de onde vem o Mal?

Ele não é capaz nem quer?

Então por que lhe chamam Deus?”

*EPICURO de SAMOS, filósofo grego
(341 - 270 a.C.)*

O sofisma ou Paradoxo de Epicuro sempre se constituiu como um desafio aos teístas, não porque indaga da origem do Mal – enquanto facto, acção ou circunstância - mas porque questiona a presunção das crenças humanas, ao conferirem a um ou mais deuses atributos como a Onnipotência, a Onnipresença e a Omnisciência. Este era o

cerne da questão quando Epicuro escreveu supostamente¹⁰⁸ os seus pensamentos, numa época em que o Politeísmo começava a transformar-se em Monoteísmo e em que se planeava instituir uma religião de Estado, uma religião nacional.

A conclusão lógica daquele sofisma pressupõe que ao se assumir que Deus não existe, as pessoas crentes foram iludidas, levadas a acreditar em algo ou alguém que não é verdadeiro. Pretende, ainda, afirmar que temos tendência a "seguir o rebanho", dando crédito a certas ideias, por vezes absurdas, apenas porque muitos (seitas, religiões) as proclamam. Como vimos, a contradição gira em torno do facto de que se Deus é onnipotente, onnisciente e benevolente, então o Mal não pode continuar a existir. Ao co-existirem os dois simultaneamente, Deus não terá um desses seus três atributos. Tal levar-nos-á a concluir que Deus não é deus... Logo, Deus não existiria.

Convirá salientar que a Escola Epicurista não se identificava com o ateísmo; apenas rejeitava a ideia de um deus preocupado com os assuntos terrenos. Enquanto que as religiões concebiam o deus supremo como uma entidade divina que alimentava uma afeição especial pelos seres humanos, os Epicuristas rejeitavam tal possibilidade por considerarem a supervisão dos seres humanos e do mundo uma tarefa inexequível:

Por isto, os deuses (...) [nem] sequer saberiam da sua existência, servindo apenas como ideais morais dos quais a humanidade poderia tentar aproximar-se. Era justamente através da observação do problema do mal, ou seja, da presença do sofrimento na terra que Epicuro chegava à conclusão de que os deuses não poderiam estar preocupados com o bem estar da humanidade.¹⁰⁹

Embora a Infinita Benevolência tolere o Mal, o mesmo é injustificável como obra de Deus. Os mitos criados para o atribuir a outras entidades, como Satanás, comprovam-no. Umberto Eco¹¹⁰ defendia: “Se houver extraterrestres e Cristo não tiver morrido por eles, então eles serão excomungados, o que dará de Deus uma imagem inaceitavelmente cruel” (pág. 116). Mas pela mesma Teologia, Deus permite a existência do Mal e, assim, não poderá escapar à contradição entre tal fenómeno e os atributos descritos como sendo parte da sua natureza divina.

¹⁰⁸ Alguns estudiosos, entre os quais o filólogo alemão Reinhold F. Glei, têm afirmado não ser Epicuro, mas Carnéades (o fundador do Cepticismo) o autor destas linhas plenas de controvérsia.

¹⁰⁹ Citação de Tim O’Keefe (com última actualização recebida a 11 de Julho de 2005). Enciclopédia de Filosofia da Internet (IEP). Vide Bibliografia, Secção 6.2.2.

¹¹⁰ Em *L’Isola del Giorno Prima* (1994), vide Bibliografia, Secção 6.2.1.

5.1 “IF COWS HAD GODS...”

Será tácito concordar com a afirmação de que, na Religião, sempre existiu o hábito de criar narrativas elaboradas com laivos de fantástico, a partir dos dados observados do mundo material. Contudo, para que fizessem sentido, elas deveriam ser o mais credíveis (e consistentes) possível, não perdendo o cunho de simbologia, de apelo e de moralidade consoladora que se esperaria delas.

Ora a fortíssima tradição literária deixada pelos poetas gregos indicava que a sua fonte de inspiração primordial era, precisamente, a religião politeísta. Na concepção dos povos antigos, conservada, por exemplo, nos mitos de Homero, os Deuses demonstravam ter um comportamento assombrosamente humano. Mesmo eles seguiam determinados padrões de ética e moral.

Além disso, era um lugar-comum considerar que o contacto com os deuses inspirava autores como Hesíodo e Homero a retratar de forma antropomórfica os seus deuses; mais remota seria a ideia de que essas histórias poderiam ser “fabricadas” sem que existisse um fundo de verdade, pois para os Gregos tal era simplesmente inconcebível. Nada mais ridículo, afirmou Xenófanes, enquanto contra-corrente de tal doutrina. Para este autor grego (570 – 478 AEC), era óbvio que as descrições dos deuses feitas por Homero nunca poderiam corresponder à verdade. Porquê? Muito simplesmente porque ao ser humano era vedada a noção de Absoluto, característica exclusiva da condição divina!

Por outras palavras, não poderia ser mais clara a sua base de argumentação: Homero e outros compatriotas seus haviam meramente modelado os “seus” deuses à imagem do comportamento, hábitos e concepções de vida humanos. Tudo isso dentro de um corpo e forma... humanos, pois claro. A argumentação - nas próprias palavras de Xenófanes que se transcrevem a seguir - é, devemos reconhecê-lo, bastante convincente:

If cows and horses or lions had hands
And made works of art like men,
The horses' gods would look like horses,
The cows' like cows; and they would model

The bodies of the gods upon their own.¹¹¹

Toda a tradição mitológica divina ditaria a norma a seguir na representação vindoura dos deuses das várias culturas. O sagrado e o profano entrecruzaram, desta forma, influências dando origem a simbologias cada vez mais elaboradas que seriam, na perspectiva das culturas e povos que as tomavam como suas, a “única” forma de perceber o mundo! A título de exemplo, refira-se que As Moiras, pertencentes à 1ª geração divina de Deuses Primordiais, foram “food for thought” para escritores como John Wyndham, no seu romance pós-apocalíptico *The Day of the Triffids* (1951): os invasores do planeta Terra, que aproveitam a praga de cegueira que assola os seus habitantes, eram plantas carnívoras com 3 cabeças. Muito a fazer lembrar as deusas Cloto, Láquesis e Átropos que metaforicamente fiavam, sorteavam e cortavam o fio da vida aos seres humanos. De facto, a representação gráfica ou visual da divindade¹¹² dirá sempre muito acerca da cultura ou povo que a criou!

5.2 “TO BOLDLY GO”

Para alguns investigadores¹¹³, a obrigatoriedade da Ficção Científica é que esteja – seguindo a tradição da ‘Hard SF’ - sempre ancorada ao conhecimento existente, à lógica e às leis da Física. Tem de haver uma continuidade epistemológica (Teoria do Conhecimento) no universo imaginado, senão entrar-se-á no domínio da fantasia. A partir do tempo e do espaço de hoje, podem imaginar-se outros tempos e outros espaços. Tal implica a colocação de hipóteses sobre o impacto do pensamento, da ciência e da tecnologia, do encontro com o outro e constitui-se ainda como campo de testes para o que vai acontecer.

Muitas definições de Ficção Científica têm sido sugeridas: a SF como literatura de MUDANÇA RADICAL na realidade (como a assume Robert Scholes), de ruptura e

¹¹¹ Tradução de um excerto de Xenófanos pertencente a David Mulroy, em *Early Greek Lyric Poetry*, Página 123, vide Bibliografia, Secção 6.2.1.

¹¹² Pergunta: “How many gods does it take to change a light bulb?”; Resposta: “It depends on how many arms they have got – and the Hindu gods have more than anyone!”. Em God Chequer, vide Bibliografia, Secção 6.2.2.

¹¹³ Elsa Rodrigues defende esta abordagem na sua Tese de Doutoramento alusiva à tetralogia cinematográfica “Aliens” (vide Bibliografia, Secção 6.2.3).

quase inconcebível; enquanto ESTRANHAMENTO COGNITIVO (como o concebeu Darko Suvin¹¹⁴) ou INOVAÇÃO CONCEPTUAL (segundo Patrick Parrinder); enquanto diferença drástica do mundo seguro e quotidiano que nós conhecemos; enquanto DESCRENÇA SUSPensa (expressão original de Samuel Coleridge, de 1817) ou espectáculo estonteante.

Para alguns, a SF é aquilo que vemos na televisão ou no cinema, em filmes de orçamentos monstruosos e altamente lucrativos, em termos de receitas: naves espaciais que guerreiam no vazio do espaço, lutadores e exploradores mergulhando em buracos negros até estrelas longínquas, 'robots' voluntariosos ou malignos, mundos paralelos, clones psíquicos, máquinas do tempo transportando exploradores imprudentes até aos abismos do futuro ou aos perigos do passado, ou a uma miríade de outros locais para além das realidades conhecidas das nossas vidas, por vezes, monótonas. Tudo isto é válido, mas não é toda a verdade, especialmente na literatura de SF. É que a Ficção Científica, como muito bem colocou Ursula K. Le Guin¹¹⁵, não trata do futuro ou de viagens espaciais. Apesar de todas as maquinetas pretensamente reais de ciência ou tecnologia utilizadas nestes contos, a temática primordial não é a ciência; esta será apenas um pretexto para que, como defende Le Guin, a SF seja uma "forma metafórica de lidar com a nossa realidade diária".

O apetite literário por diferentes formas de ficção estilizada também levou editores a considerarem certos escritos como exemplos dúbios de SF, durante a década de 1960. As persistentes fábulas fantasmagóricas de Franz Kafka são disso um bom exemplo. Desde o seu renascimento na era moderna em 1926 com *Amazing Stories* até meados do Século XX com *A SPACE ODYSSEY* de Kubrick e Clarke em 1968, a Ficção Científica evidenciou um avanço cognitivo. A Ficção Científica continua a experimentar convulsões a uma larga escala desde o seu aparecimento há mais de um século, (e, sobretudo, desde o advento da era "pulp" na década de 1920). Ao analisarmos trabalhos anteriores de autores como Mary Shelley, Júlio Verne, H. G. Wells e muitos outros é visível esse processo. Tal culminaria na edição da primeira

¹¹⁴ "[Cognitive] Estrangement (...) would be the process of separating or distancing ourselves from the real world and allowing our minds to imagine or create something that doesn't exist or might exist in the future", in *Metamorphoses of Science Fiction* (vide Bibliografia, Secção 6.2.1). Este conceito bebe inspiração de B. Brecht.

¹¹⁵ Prefácio ao romance *The Left Hand of Darkness*, da sua autoria (vide Bibliografia, Secção 6.2.1).

revista *Astounding* em 1939 com John W. Campbell e faria despontar a Golden Age com autores como Isaac Asimov, Leigh Brackett, Robert Heinlein e A. E. Van Vogt (vide Quadro Conceptual, Parte 7, Apêndice A). Todas as ondas que desaguaram nessa década ('New Wave') veriam surgir autores de primeira linha como Philip K. Dick, Roger Zelazny, Robert Silverberg e Ursula K. Le Guin.

Os devotos religiosos asseveram que a Religião não foi "fabricada" com base no mundo real, mas antes que é o produto ou criação de um princípio divino que lhe subjaz. Da mesma forma, há quem se refira à Ficção Científica como uma "religião", ainda que inocentemente se alegue que esse termo é usado para significar um instrumento de evolução histórica (que o é, admitamo-lo). Barrington J. Bailey desafia essa posição no seu artigo "Science, Religion and the Science Fiction Idea, Or, Where Would We Be Without Hitler?"¹¹⁶:

The notion that religion somehow emanates from or deals with God is a peculiarly Western misconception; in the East it is recognised as dealing with man, and one major religion, that of the Jains (which started out at the same time as Buddhism), is officially atheist.

Em conclusão: F. Kreuziger postula em *Religion of Science Fiction*¹¹⁷ que o facto é que somos todos recordados em fábulas e sermões e testemunhos que o acto humano mais nobre e moralmente elevado é manter viva a esperança num mundo futuro livre de guerras e pobreza e doença e ódio e preconceito - embora não saibamos como concretizá-lo por nunca termos tido experiência directa com tal mundo! Uma história que exiba uma transição opaca de um mundo a outro não será, certamente, verosímil. Sem uma explicação fundamentada de como uma sociedade do Presente se transforma numa sociedade utópica no Futuro, uma boa narrativa de SF perderá credibilidade! Mesmo que ela não seja já colocada no nosso velhinho planeta Terra, mas no Espaço,

"to boldly go where no man has gone before"¹¹⁸.

¹¹⁶ O artigo, publicado originalmente no número 17 da revista *Foundation* (Setembro de 1979) está disponível na íntegra em <http://www.oivas.com/bib/bib-es1.html>, por cortesia do seu autor. Numa outra passagem brilhante do mesmo artigo, Bailey afirma: "The world we live in is already a science fiction world in comparison with society as it was when the genre began early in the century. There's nobody now who doesn't know what the moon is. Catholic friends no longer sententiously tell us that being interested in space travel is sin and the Pope has forbidden it".

¹¹⁷ Capítulo 4. Obra já referenciada anteriormente (vide Bibliografia, Parte 6.2.1).

¹¹⁸ A série televisiva original de Ficção Científica "Star Trek ("O Caminho das Estrelas"), transmitida no final da década de 1970, transformou-se numa série de culto e de referência. A sequência inicial era lacónica: "Space: the final frontier. These are the voyages of the starship Enterprise. Its five-year mission: to explore strange new worlds, to seek out new life and new civilizations, to boldly go where no man has gone before".

5.3 “THOU SHALL KEEP THY RELIGION TO THYSELF!”¹¹⁹

Aqueles que olham o mundo imbuídos de uma Religião reduzem frequentemente as complexidades do cosmos a dicotomias básicas e simplistas, como Deus/Diabo ou Criação/Destruição, concebendo a partir daí o universo através de imagens grandiosas ou vis, consoante a sua inclinação moralista¹²⁰. Ted Peters, no seu artigo “Exo-Theology: Speculations on Extraterrestrial Life”¹²¹, reflecte sobre a possibilidade de Deus ter criado muitos mundos. Os atomistas, filósofos gregos que remontam a 400 a.C. como Demócrito e Epicuro, defenderam igualmente que as coisas que conhecemos são um produto do acaso. Como o número de átomos era infinito, assim seriam os mundos criados. Lucrécio (98-54 a.C.) assumiria, mais tardiamente, exactamente a mesma perspectiva. E vida nesses planetas? “Não”, respondia Aristóteles, o gigante da Filosofia Antiga. As coisas tenderiam a assumir o seu lugar natural, sendo a Terra o centro do universo, e os elementos da Natureza – terra, ar, fogo, e água – governados por aquele princípio. Nesta visão cosmológica do universo, só poderia existir um centro, só poderia existir um mundo... Afirmava Ted Peters:

By presuming validity to the theory of evolution, earthling imagination has projected evolutionary advance to the point of developmental salvation onto imaginary civilizations in outer space. What we find here, complain the fundamentalists, is a subversive plot to convince our people to believe in evolution and, of course, then to deny the authority of the biblical account of Creation in the book of Genesis.

Este autor termina o referido artigo procurando assegurar, todavia, que dos 2000 anos de vida do Cristianismo, o fundamentalismo ocuparia apenas uma minúscula parcela da sua existência. Seria um erro, segundo ele, considerá-lo como representativo da Religião Cristã como um todo. Permitimo-nos divergir desta afirmação, com toda a humildade, ao contrapormos a sua alegação final com as palavras esclarecidas de

¹¹⁹ Expressão da autoria do comediante George Carlin, proferida no seu espectáculo de ‘stand-up comedy’ intitulado “Complaints and Grievances”, na peça “Believing in God”(gravado ao vivo no Beacon Theater em Nova Iorque, a 17 de Novembro de 2001).

¹²⁰ Adam J. Frisch e Joseph Martos explanam em detalhe esta postura face à religião no seu artigo “Religious Imagination and Imagined Religion”, in *The Transcendent Adventure: Studies of Religion in Science Fiction/Fantasy*, (Part I. Significances : contexts for critical consideration), 1985 (Vide Bibliografia, Secção 6.2.1).

¹²¹ Em James R. Lewis, *The Gods Have Landed: New Religions from Other Worlds*, 1995 (Vide Bibliografia, Secção 6.2.1).

Christopher Hitchens, que nos “acompanhou” no presente estudo académico:

Religion comes from the period of human prehistory where nobody had the smallest idea what was going on. It (...) is a babyish attempt to meet our inescapable demand for knowledge, as well as for comfort, reassurance, and other infantile needs. (...) There would be no churches in the first place if humanity had not been afraid of the weather, the dark, the plague, the eclipse, and all manner of other things now easily explicable.¹²²

Um período da História humana em que o Misticismo e as Mandalas¹²³ se constituíam como um conhecimento coloquial (pouco científico) para a explicação do Cosmos. O próprio Heliocentrismo havia sido condenado em 1616, mas a ideia de múltiplos mundos não violava quiasquer decretos da Igreja nem era (supostamente) contrário às Escrituras: apenas era contrário à opinião de Aristóteles. Já no Século XVI, a teoria de Copérnico sobre o Sistema Solar e os planetas habitados era comumentemente aceite, mesmo pelas facções mais ortodoxas da Igreja Católica. LAPLACE, cientista francês brilhante (1749-1827) que continuou o trabalho de Newton, provou por cálculo matemático como os corpos celestes efectuavam órbitas em pleno vácuo: "Je n'ai pas besoin de cette hypothèse", afirmava, referindo-se a Deus como uma variável a descartar nessa fórmula!

Contudo, vários teólogos progressistas¹²⁴ admitem hoje que se fosse descoberta vida noutros mundos, os princípios da Fé dos Católicos seriam inteiramente compatíveis com essas descobertas. Algo idêntico especulou Karl Rahner, sacerdote jesuíta e um dos teólogos mais influentes do século passado, ao afirmar:

[The possibility of extraterrestrial intelligent life] can today no longer be excluded. (...) In view of the immutability of God in Himself (...) It cannot be proved that a multiple incarnation in different histories of salvation is absolutely unthinkable¹²⁵.

Ora, este “salto de fé”, não já em direcção à Religião, como o concebera Soren Kierkegaard (poeta, filósofo e teólogo dinamarquês e crítico da religião organizada), mas em direcção ao Conhecimento, confronta-nos com uma galáxia imensa de possibilidades. Quais? Aquelas que nos são dadas a conhecer pelas mentes criativas dos autores de

¹²² Christopher Hitchens, *god Is Not Great: How Religion Poisons Everything*, Páginas 64-65.

¹²³ MANDALA, termo da língua sânscrita (uma das 23 línguas oficiais da Índia), que significa CÍRCULO. Consistia num mapa cartográfico de padrões geométricos e que representava o cosmos, de forma metafísica ou simbólica. Este espaço sagrado permitiria o acesso a níveis mais profundos de consciência, chegando ao ponto de se alcançar a unidade com Deus.

¹²⁴ Entre eles, Francis J. Connell, da “School of Sacred Theology”, na “Catholic University of America”.

¹²⁵ in “Natural Science and Reasonable Faith”, *Theological Investigations* vol. 12, trad. Hugh M. Riley (New York: Crossroad, 1988) e referido em Ted Peters, “8. Exo-Theology: Speculations on Extraterrestrial Life”, (obra já citada na nota 100).

Ficção Científica. Quer sejamos transportados geográfica e temporalmente para a Rodínia (um super-continente anterior à Pangeia que teria existido há 1100 milhões de anos e separado há 750 milhões), quer avancemos no Tempo até ao ano de 802 701 (para nos re-visitarmos sociologicamente enquanto Morlocks ou Elois), a religião obsoleta e o seu pilar de sustentação não levarão a um dos 7 pecados mortais em SF¹²⁶:

The Dumb Space Gods – Whenever we actually meet a god or gods in science fiction, it's almost always a let-down (there are exceptions, of course: “Star Trek – Deep Space Nine” - The timeless prophets don't lose their mystique). Usually, though, gods or god-like aliens are cheesy old guys with funny beards.

Ao longo deste estudo, que agora finda, mostrámos uma visão ateísta sobre vários títulos de Ficção Científica; como deixámos claro em vários momentos, estes 18 contos, novelas e romances não esgotam todas as possibilidades de representação da entidade divina – da sua mera presença, do seu papel na criação do mundo ou no momento do Juízo Final – mas, estamos convictos, contribuem para mostrar o quão pouco credível essa representação pode ser, por estar tão fragilmente espelhada no mundo real. Ao ignorarmos Deus neste estudo, aproximamo-nos da nossa verdadeira existência, aproximamo-nos, enfim, da nossa verdadeira essência!

Isaac Asimov, um dos mais prolíficos autores da literatura de SF (cf. Parte 3.4.2), conhecido por ser um professo e orgulhoso ateu, deu em certa altura a conhecer as suas visões sobre a Ficção Científica e a Religião, ao escrever:

I tend to ignore religion in my own stories altogether, [but] whenever I bring in a religious motif, that religion is bound to seem vaguely Christian because that is the only religion I know anything about, even though it is not mine. [And yet], **it is impossible to write science fiction and *really* ignore religion**¹²⁷.

¹²⁶ “7 Deadly Sins of Religion in SF” é o nome de um site da autoria de Charlie Jane Anders, onde se relatam as incongruências e aspectos menos bem conseguidos em filmes ou romances de Ficção Científica, sempre que se pretende dar um ar credível à representação da divindade, a bem do argumento (vide Parte 6.6.2.).

¹²⁷ Na citação apresentada, a ênfase é nossa, o itálico pertence ao texto original.

PARTE 6:

BIBLIOGRAFIA

6.1 'CORPUS' LITERÁRIO ESTUDADO

Asimov, Isaac. "Reason" in *The Complete Robot* (Robot Series). (1941, 1st ed.). London: Voyager, 1983, pp. 34-47.

Bradbury, Ray. "Man" in *The Illustrated Man* (Flamingo Modern Classics). New York: Harper Voyager, 1951.

Brown, Fredric. "Answer" e "Solipsist", in *Angels and Spaceships*. New York: New English Library, 1954, pp. 23-24 e 185-186.

Clarke, Arthur Charles, "The Nine Billion Names of God", in Silverberg, Robert, *The Science Fiction Hall of Fame: Volume One, 1929-1964*. New York: Tor, 2003, pp. 426-432.

Del Rey, Lester, "For I Am A Jealous People!", in *STAR Short Novels – Brilliant and challenging fiction*. Edited by Frederik Pohl. New York: Ballantine Books, 1954, pp. 65-109.

Dick, Philip Kindred, *Valis* (S.F. Masterworks). London: Gollancz, Orion Publishing Group, 2001.

Flammarion, Camille, *Lumen*. Paris: C. Marpon & E. Flammarion, Éditeurs, 3ème édition, 1887: Hachette Bibliothèque Nationale de France, 2012.

Forster, Edward Morgan, *The Machine Stops*. (1928) London: Penguin Classics, 2011.

Huxley, Aldous. *Brave New World*. 1st Perennial Classics ed. New York: HarperPerennial, HarperCollins Publishers, 1998.

Knight, Damon, "Shall The Dust Praise Thee?", in *Other Worlds, Other Gods – Adventures in Religious Science Fiction*. Edited by Mayo Mohs. London: New English Library, 1971, pp. 256-260.

Leal, João. "Acordar o Profeta", in *Antologia de Ficção Científica Fantasporto*, Ed. Rogério Ribeiro. Alfragide, Edições ASA II, 1001 Mundos, 2012, pp. 199-217.

Moorcock, Michael. *Behold the Man* (S.F. Masterworks). London: 2nd impression: Gollancz, Orion Publishing Group, 1999.

Sawyer, Robert J., "The Abdication of Pope Mary III" in *Distant Early Warnings: Canada's Best Science Fiction*. Calgary: Red Deer Press, 2009, pp. 285-288.

Shelley, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein*, Amersham, Bucks, UK: Bucks: Transatlantic Press, 2012.

Van Vogt, Alfred Elton. *The Players of Null-A*, New York: Berkley Pub Group (Mm) 1956; Reissue edition 1982.

Warzel, Desmond, "Assumption", in *OG's Speculative Fiction #25*. Edited by Seth Crossman. Franklin, Pennsylvania: Golden Acorn Press, July 2010, pp. 23-39.

Zoline, Pamela, "The Heat Death of the Universe", in *The Heat Death of the Universe and Other Stories*. Kingston, New York: McPherson, 1988, pp. 15-28.

6.2 BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

6.2.1. Edições em Carbono

Aldiss, Brian W., and Wingrove, David. *Trillion Year Spree: The History of Science Fiction*. Looe, Cornwall: House of Stratus, 2001.

Alves, Artur M. "FACES da Tirania na Era Pós-Humana" in *Cibercultura e Ficção*. Ed. Jorge Martins Rosa. Odivelas: Documenta, 2012. Páginas 59-75.

Anderson, James Arthur. *The Illustrated Ray Bradbury: A Structuralist Reading of Bradbury's 'The Illustrated Man'*. 2nd edition, Maryland: Wildside Press LLC, 2013.

Ballard, J. *The Voices of Time* (1st edition, 1963). London: Phoenix, Orion Books Ltd, 1992.

Bates, Harry. *Farewell to the Master: The Day the Earth Stood Still*. (1st edition 1940), Rio Rancho: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012.

Borges, Anselmo. "Nem Eva, Nem Adão, Nem Pecado Original." *Diário de Notícias*. 3 de Dezembro de 2011.

Bormann, F. H., and Lovelock, J. E. "The Gaia Hypothesis." *Ecology* 62.2 (1981): 15.

Brooke, Dr Keith. *Strange Divisions and Alien Territories: The Sub-Genres of Science Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

Brooks, Max. *World War Z: An Oral History of the Zombie War*. Surrey:

Gerald Duckworth & Co Ltd., 2006.

Bulwer-Lytton, Edward. *The Coming Race*. Aziloth Books (1st edition, 1871), 2010.

Butler, Samuel. *Erewhon*. New York: Dover Publications Inc. (1st edition, 1872) 2003.

Caporaletti, Silvana. "Science as Nightmare: 'The Machine Stops' by E. M. Forster" in *Utopian Studies*, Vol. 8, Pennsylvania: Penn State University Press. 1997. pp. 32-47.

Caudwell, Christopher. *Studies in a Dying Culture*. London: Kessinger Publishing, 1938. páginas 73-95.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, *Dicionário de Símbolos* (Tradução Portuguesa), Circulo de Leitores, 1997.

Christopher, John. *The Death of Grass*. London: Penguin Classics, Penguin Books, 1956.

Clute, John. *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*. London: Dorling Kindersley Pub (T), 1995.

Dawkins, Richard. *The God Delusion*. New York: Black Swan, 2007.

Dekiss, Jean-Paul, and De La Cotardière, Philippe. *Jules Verne : De La Science à L'imaginaire*. Ed. Versão Portuguesa. Mem Martins, Rio de Mouro: Larousse, 2004.

Dufour, Éric. *O Cinema de Ficção Científica*. Tradução Portuguesa Marcelo Felix. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2012.

Eco, Umberto. *L'Isola del Giorno Prima*. Milano: Tascabili Bompiani, 1994.

Freedman, Carl. "Towards a Theory of Paranoia: The Science Fiction of Philip K. Dick", in *Science Fiction Studies* #32, March 1984.

Gaiman, Neil. *American Gods*. Kent: Headline Book Publishing, 2001.

Gerber, Richard, "The English Island Myth – Remarks on the Englishness of Utopian Fiction", *Critical Quarterly*, March 1959: Páginas. 36-43.

Goldman, Emma. "The Philosophy of Atheism" in *Mother Earth journal*, February 1916.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, 1981.

Haldane, J.B.S. and Price, Carl A., *Possible Worlds and Other Essays*. London: Chatto & Windus, 1927.

Haleem, M. A. S. Abdel. *The Qur'An* (Oxford World's Classics). Oxford: Oxford University Press, 2008.

Hänke, David. "Teleology: The explanation that bedevils biology". In John Cornwell. *Explanations: Styles of explanation in science*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2004. Págs. 143–155.

Hartley, Leslie Pole. *The Go-Between*. (1st edition, 1953), London: Penguin Books, 2004.

Herbert, Frank. *Dune*. (1st edition, 1965). London: Hodder Paperbacks, 1982.

Hillegas, Mark R. *The Future as Nightmare: H. G. Wells and the Anti-Utopians* (Arcturus Books, 123). Carbondale: Southern Illinois University Press, 1974.

Hitchens, Christopher. *god Is Not Great: How Religion Poisons Everything*. New York: Ed. Twelve Books, Hachette Book Group (2009). 2007.

Hughes, Robert. "The Phantom of Utopia." TIME, (November 6th, 2000): Páginas 34-40.

Interessante, Super. "50 Ideias de Genética." Revista Super Interessante (2011): Páginas 23-26.

Kreuziger, Frederick A. *The Religion of Science Fiction*, Bowling Green: Popular Press, 1986.

Lefebvre, Henri. *The Production of Space*. Tradução Inglesa. Ed. Donald Nicholson-Smith. Vol. 9. Padstow/Oxford: Blackwell, 1991: Páginas 229-292.

Le Guin, Ursula K. *The Left Hand of Darkness*. (1st edition, 1969). London: Gollancz, 2001.

Lewis, James R. *The Gods Have Landed: New Religions from Other Worlds*. Albany, New York: State University of New York Press, 1995.

Lovegrove, James. "The world of the end of the world", in *Strange Divisions & Alien Territories: The Sub-Genres of Science Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2012. (Páginas 108-111).

Mann, George. *The Mammoth Encyclopedia of Science Fiction*. London: Constable and Robinson, 2001.

McGrath, James F. *Religion and Science Fiction*, Eugene, Oregon: Wipf & Stock Pub, 2011.

McKee, Gabriel. *The Gospel According to Science Fiction: From the Twilight Zone to the Final Frontier*. Westminster: John Knox Press, U.S., 2007.

Merriam-Webster, *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, Springfield, MA, Merriam-Webster, Inc.: 11th edition (July 30, 2003).

Milton, John. *Paradise Lost*. (1st edition, 1667) Suffolk: Oxford University Press, 2008.

Morrow, James. *This is the Way the World Ends*. London: Gollancz (1st edition, 1986), 2013.

Mulroy, David. *Early Greek Lyric Poetry*, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992, (Pág. 123).

Nicholls, Peter, and Clute, John. *The Encyclopedia of Science Fiction*. (1st edition, 1995). New York: Orbit, 1999.

Perez, L. "The messianic idea and messianic delusion". Ment Health Soc. PMID: 95508 [PubMed - indexed for MEDLINE] 1978;5 (5-6): Páginas 266-74.

Peters, Ted. "8. Exo-Theology: Speculations on Extraterrestrial Life." in *The Gods Have Landed - New Religions from Other Worlds*. Lewis, James R. New York: State University of New York Press 1995. (Páginas 188-206).

Philmus, Robert M. *Into the Unknown: The Evolution of Science Fiction from Francis Godwin to H. G. Wells*. (1st edition, 1970). Berkeley: University of California Press, 1983.

Plath, Sylvia. *The Bell Jar*. (1st edition, 1963) London: Faber & Faber Limited, Bloomsbury House, 2005.

Pohl, Frederik, *Man Plus*. (1st edition, 1976) London: Gollancz, 2000.

Popkin, R. and Stroll, A. *Philosophy Made Simple*. Bodmin, Cornwall: Butterworth-Heinemann 1993.

Pringle, David. *Science Fiction: The 100 Best Novels, An English-Language Selection, 1949-1984*. New York: Carroll and Graf Pub 1986.

Reilly, Robert. Ed. *The Transcendent Adventure: Studies of Religion in Science Fiction/Fantasy* (Part I. Significances : contexts for critical consideration), Westport: Greenwood Press, 1985.

Ruether, Rosemary. *Gaia and God: An Ecofeminist Theology of Earth Healing*. New York: HarperCollins, 1994.

Scholes, Robert. *Structural Fabulation: Essay on Fiction of the Future*. Paris: University of Notre Dame Press, 1975.

Seabrook, Jack. *Martians and Misplaced Clues: The Life and Work of Fredric Brown*. Bowling Green, Ohio: Bowling Green University Popular Press, 2001.

Shakespeare, William. *The Tempest*. (1st edition, 1623) Suffolk: Routledge,

Chapman and Hall, 1989.

Shelley, Percy Bysshe. *The Necessity of Atheism*. Olympia: CreateSpace: Self Publishing and Free Distribution, 1880.

Silverberg, Robert. *The Son of Man*. London: Gollancz, 2003.

Smith, George H. *Atheism: The Case Against God* (Skeptic's Bookshelf). (1st edition, 1979). New York: Prometheus Books, 1989.

Spielberg, Steven e Schickel, Richard, *Spielberg – A Retrospective*, ed. London: Thames & Hudson, Ltd., 2012.

Stapledon, Olaf. *Starmaker*. (1st edition, 1937), London: Gollancz, 1999.

Suvin, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre*. Massachusetts: Yale University Press, 1979: (Páginas 3-16).

Verbo, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Edição Século XXI, Lisboa: Editorial Verbo, 1999.

Wells, H. G. *Men Like Gods*. (1st edition, 1922), Maryland: Wildside Press, 2009.

Wells, H. G. "The Star" in *The Complete Short Stories of H. G. Wells*. Ed. John Hammond. London: Phoenix Press, The Orion Publishing Group Ltd, 1992 (pp. 281-289).

Wells. H. G. *The Time Machine*. (1st edition, 1895), Suffolk: Penguin Classics, 2005.

Wyndham, John. *The Day of the Triffids*. (1st edition, 1951). London: Penguin Books/ Penguin Classics, 2001.

6.2.2. Páginas Web

Anders, Charlie Jane. "The 7 Deadly Sins Of Religion In Science Fiction" (Agosto de 2011). <http://io9.com/5185748/the-7-deadly-sins-of-religion-in-science-fiction>

Pio XII, Constituição Apostólica, Tratado Apostólico. "Munificentissimus Deus - Assunção de Nossa Senhora." (Abril de 2013). http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html

Barnaby Ffrench. "Theological Science Fiction." (Agosto de 2011). <http://www.advertiser.ie/galway/article/36587>

Bates, Gary. "Did God Create Life on Other Planets?" (Dezembro de 2012). <http://creation.com/did-god-create-life-on-other-planets>

Benjamin A. Plotinsky. "How Science Fiction Found Religion, City Journal." (Fevereiro de 2012). http://www.city-journal.org/2009/19_1_urb-science-fiction.html

Bollen, Christopher. "CHRISTOPHER BOLLEN Portfolio Interviews." (Setembro 2013) <http://www.christopherbollen.com/interviews.html>

Brilliant Disguises, a christian look at contemporary and classic literary fiction and culture (Março de 2012) <http://brilliantdisguises.blogspot.pt/2011/02/man-by-ray->

[bradbury.html](#)

Brummond, Michael. "Religion in Asimov's Writings." (Outubro de 2013)

<http://www.angelfire.com/wi/mikebru/Alps.html>

Burke, Tony. "The Childhood of the Saviour (Infancy Gospel of Thomas): A New Translation." (Dezembro de 2011).

<http://www.tonyburke.ca/infancy-gospel-of-thomas/the-childhood-of-the-saviour-infancy-gospel-of-thomas-a-new-translation/>

Chase, Robert. Article | First Things - Science Friction." (Maio de 2012).

<http://www.firstthings.com/article/2010/03/science-friction>

David Cloud. "Beware of Science Fiction." Way of Life Literature's Fundamental Baptist Information Service. (Janeiro de 2012).

<http://wayoflife.org/files/2fd19aa02a25c87c4946a653a20f1344-486.html>

Desconhecido. "Messianic Archetype." (18 Fevereiro 2013).

<http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MessianicArchetype>

DeYoung, Ursula. "The Homeric Gods and Xenophanes' Opposing Theory of the Divine." (Abril de 2012).

<http://ablemedia.com/ctcweb/showcase/deyoung1.html>

Enciclopédia de Filosofia da Internet. University of Tennessee, Martin.

(04 de Setembro de 2013), <http://www.iep.utm.edu/>

God Chequer, Your Guide to the Gods, (Outubro de 2011),

<http://www.godchequer.com>

Grigg, Russell. "Did Life Come to Earth from Outer Space?" (Novembro de

2011). <http://creation.com/did-life-come-from-outer-space>

Gwyneth Jones. "The God of Science Fiction Is Big, but Not Serious."
(Setembro De 2011)
<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/belief/2011/jul/22/science-fiction-human-nature>

Hamilton, Edith. "Encyclopedia Mythica: Principal Gods of Greek Mythology" (Fevereiro de 2012)
http://www.pantheon.org/areas/genealogy/principal_greek.html

Ian Sample. "Aliens Visiting Earth Will Be Just Like Humans, Scientist Claims | Science | The Guardian." (Março de 2013).
<http://www.guardian.co.uk/science/2010/jan/25/aliens-space-earth-humans>

Jr., W. A. Ribeiro. "Os Apócrifos Do Novo Testamento [Portal Graecia Antiqua]." (Fevereiro.2012) <http://greclantiga.org/arquivo.asp?num=0728>

Ken MacLeod. "Science Fiction Opens up the Universe." (Outubro de 2011) <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/belief/2011/jul/14/science-fiction-universe-god>

Leadbetter, Ron. "Encyclopedia Mythica: Gaia." (Março de 2012).
<http://www.pantheon.org/articles/g/gaia.html>

Mary Fairchild. "Biblical Names of God - Scriptural Names for God and Jesus" (Dezembro.2012) <http://christianity.about.com/od/biblestudy/resources/qt/namesofgodjesus.htm>

Mayr, Ernst. "Ernst Mayr." Human Evolution 20.1 (2005): 9. (Julho 2012).

<http://www.springerlink.com/index/10.1007/BF02438899>

Medicine, U. S. National Library of. "Frankenstein: Penetrating the Secrets of Nature - Home." (Agosto de 2012).

<http://www.nlm.nih.gov/frankenstein/>

NASA. "Dawn at a Glance." (7 Junho 2013).

http://www.nasa.gov/mission_pages/dawn/mission/

National Geographic. "Smaller Noah Flood. (Fevereiro de 2012).

<http://news.nationalgeographic.com/news/2009/02/090206-smaller-noah-flood.html>

Ray Bradbury. "Take Me Home." The New Yorker. (Janeiro de 2012).

http://www.newyorker.com/reporting/2012/06/04/120604fa_fact_bradbury

Roz Kaveney. "Science Fiction Probes at Religion". (Maio de 2013).

<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/belief/2011/jul/11/science-fiction-religion>

Sarfati, Jonathan. "Alien Visitors to Earth?" Creation Ministries International. (Janeiro de 2012).

<http://creation.com/did-life-come-from-outer-space>

Scooper. "God in Science Fiction." (Novembro de 2011).

<http://www.dogchurch.org/scriptorium/scifi.html>

Tertulian, "De Carne Christi". Versão original em Latim e tradução inglesa (Agosto de 2013).

http://www.tertullian.org/articles/evans_carn/evans_carn_00index.htm

Walton, Jo. "Aliens and Jesuits: James Blish's A Case of Conscience | Tor.com." (Setembro de 2013).
<http://www.tor.com/blogs/2010/11/aliens-and-jesuits-james-blishs-a-case-of-conscience>

Wikipedia. "List of Messiah Claimants." (7 de Julho 2012).
http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_messiah_claimants; "List of Religious Ideas in Science Fiction." (Agosto de 2011)
http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_religious_ideas_in_science_fiction

6.2.3. Ensaios, Palestras, Teses, Dissertações

Margulis, Lynn. "On Lynn Margulis." (2011): 1–7 (Biografia resumida, PDF).

Mota, José Manuel C. A. "O Efeito de Irreal: A Fantasia Científica de Philip K. Dick (Coimbra, 1996). Tese de Doutoramento.

Ponniah, R. Joseph, "Machine-Made Loneliness and Mechanization of Human Life in Player Piano" (2008).

Ramalho, Maria Irene, "Blake e a Religião", Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Coimbra, 1964). Tese de Doutoramento.

Rodrigues, Elsa Margarida da Silva. "Alteridade, Tecnologia e Utopia no Cinema de Ficção Científica Norte Americano: A Tetralogia Aliens" (Coimbra, 2010). Tese de Doutoramento.

Russell, Bertrand. "Why I Am Not A Christian." (Lecture delivered on March 6th, 1927 to the National Secular Society, South London

Branch, at Battersea Town Hall).

Wymer, Rowland. "Science Fiction and Religion" (Inaugural Lecture at Cambridge), 9 de Setembro de 2011.

PARTE 7: APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A

O documento que a seguir se apresenta resultou de pesquisas e leituras várias. A sua finalidade foi a de detectar eventuais alterações no rumo das temáticas/temas da Ficção Científica e fazer coincidir essas alterações com uma década e contexto histórico específicos. O esforço de sistematização permitiu, deste modo, pôr em evidência grandes contrastes e preocupações nas realidades apreendidas e que seriam projectadas, mais tarde, em forma de narrativa ficcionada nas obras em análise. É de notar que a variação nos temas abordados nas várias fases são um reflexo óbvio das ansiedades sociais, filosóficas e existenciais vivenciadas pelos autores e sociedade da época. Enquanto instrumento de trabalho, este quadro conceptual viria a permitir posteriormente delinear, com mais facilidade, um campo de acção no âmbito das temáticas abordadas neste estudo e a (di)visão tripartida, tal como surge nas Partes 2, 3 e 4.

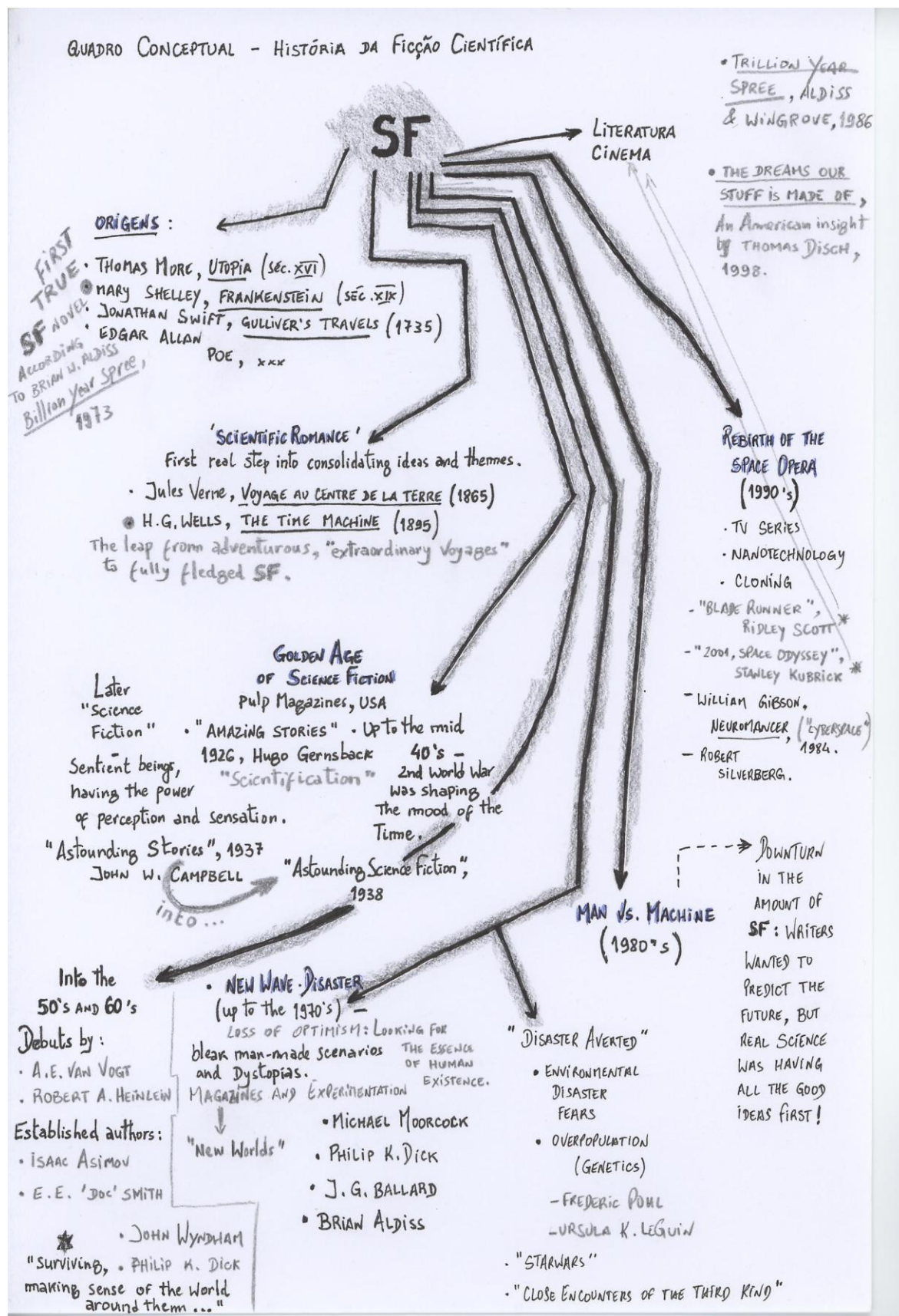


Ilustração 8 - Retrospectiva histórica da Ficção Científica - Quadro Conceptual manuscrito (2ª Versão).

APÊNDICE B

O artigo que se transcreve a seguir nunca chegou a ser publicado. Foi, a seu tempo, por nós redigido como resposta directa ao texto “Religious Science Fiction? Since when do Atheism and Science Fiction go hand in hand?” escrito por Hal G. P. Colebatch e publicado no site “The American Spectator”. Todavia, dado o considerável hiato de tempo entre a altura da publicação (algures em 2010) e o momento em que tomámos conhecimento dele e o refutámos, não houve possibilidade de obtermos o tão desejado direito de resposta e publicação. Não obstante, o labor não viria a provar-se inglório, pois acabaria por se tornar mais uma ferramenta de trabalho e mais um esforço de síntese de ideias, sempre bem-vindo para delinear abordagens ao estudo em questão.

"Religious Science Fiction, indeed!"

Jorge Jesus

(Mestrando, Departamento de Línguas e Culturas,
Universidade de Aveiro)

Agosto 2012

(1^a revisão, Setembro 2012)

(2^a revisão, Novembro 2012)

"Religious Science Fiction, indeed!"

This article was devised as a direct reply to "Religious Science Fiction? - Since when do atheism and science fiction go hand in hand?", an article written and published on The American Spectator website, by Hal G. P. Colebatch.

The rather paternalist approach used by Mr. Colebatch to address himself to reviewers of atheist books of essays and science fiction writers (a group from which he makes a point of not being included in, even though he has published 'a great deal of science fiction myself' and "read quite a lot of it", too) changes overnight to boastful assertiveness, concluding he would rather take the word from former astronaut lay preachers more respectfully than he would of "the best-published science fiction writer"...

Regardless of Mr. Colebatch's religious beliefs, or Catholic or Atheist feelings he might (not) sympathize with, the undeniable truth is that for almost two centuries, atheism and science fiction seem to have been travel companions (the hand-in-hand imagery is quite candid, but let's leave Mr. Colebatch's memories of childhood aside...). As a matter of fact, if for the sake of argument we agree to consider the year of 1818 a landmark in science fiction writing, we would be reaching that bicentennial period in no more than half a dozen years. Whenever we think of Mary Shelley's masterpiece - Frankenstein - we are immediately led

to conclude that the reflection on a presence/absence of a God is mandatory; moreover, one should ponder about the philosophical and social consequences of a fictional future society/civilization with(out) a divine presence in it. Be it as it may, we are inclined to believe Science fiction utopias or dystopias would surely survive without some sort of god figure, alien or otherwise.

Curiously enough, neither the former nor the latter embrace what we consider to be plausible or likely deities in either of those "TOPOS", even if one is to find a good deal of religious fictional utopias portrayed since Augustine of Hippo, in 5 AD (let's also remember the suppression of all religions advocated by H. G. Wells's *The Shape of Things to Come*, 1933). Perhaps science fiction writers or scientists have given it a lot more thought and substance than cynical or ignorant creationists assert⁽¹⁾.

Astronomer and exobiologist Carl Sagan once wrote: "Space exploration leads directly to religious and philosophical questions"⁽²⁾; now, what if science fiction weren't "by definition, fiction" as Mr. Colebatch erroneously inferred - he ought to know better than that, by the way - but, as in the spirit of the first scientific romances, it was synonymous with 'science'? Later it would (and always does) evolve into something else, to be foretold by the human imagination and intellect. As a matter of fact, the term 'scientific romance' is an ancient expression for the genre of fiction now commonly known as Science Fiction.

In his *God and the New Physics*, physicist and popular science author Paul Davies lays the following interesting premise:

The existence of extra-terrestrial intelligences would have a profound impact on religion, shattering completely the traditional perspective on God's relationship with man. The difficulties are particularly acute for Christianity, which postulates that Jesus Christ was God incarnate whose mission was to provide salvation for man on Earth.⁽³⁾

"Science Fiction, that one-time realm of voluptuous maidens and bug-eyed monsters"⁽⁴⁾ has long given place to epistemological themes and restlessness. Religious science fiction short-stories and novels do ask such embarrassing questions as "Can robots have feelings?" and "Is the Christian god an alien?". The worlds depicted are far from likely, simply because our view of creation no longer copes with one of the dogma-imposed divinities, either Judea-Christian, Hindu, from Ancient Greece, or from Denmark at the time of the Vikings.

Thus, we thank Mr. Colebatch for a brief History lesson about why supposedly the Catholic Church financed (where did that money come from? Really... the building of cathedrals - used as solar observatories - throughout Europe, during the 17th and 18th centuries⁽⁵⁾). Actually, it was not for the purpose 'per se' of studying astronomy, but rather to solve a more solemn, pressing dilemma of finding out when might Christians celebrate Easter...

Thank God - allow us the pun - he has not mentioned why cathedrals were also built during the Middle Ages. Then he would have to explain cathedral building was driven by religious figures or institutions, but it was generally a community effort which managed - for decades or even centuries - to erect those very temples of the Lord.

As we rest our case, let us be absolutely clear about what is at stake here: the totality of serious, mind-bending religious science fiction produced since at least the 1970's, is enough to mute Mr. Colebatch's claims that "C. S. Lewis would be the best known of the small *band* of writers" (his words and my stress). Science Fiction IS one of the best suitable vehicles - to say the least - to envisage ideas and beliefs anew and annihilate worn-out dogmas. Understandably, Mr. Colebatch's feeble effort reminds us of the poor creationist arguments that many science fiction writers - or scientists, for that matter - are deep religious believers (whatever the creed, we might add). More and more, we are inclined to confirm that Atheism and Science Fiction tend to tread the same path, simply because we, mortal human beings, grow more and more aware that the answer to our quests is not in the writings about an "invisible man, all-powerful, all-perfect, all-annoying and all-wise, living in the sky"...!⁽⁶⁾ Late and greatly missed comedian George Carlin once referred brilliantly to a certain holy book, when he uttered the unforgettable "Let's leave the Bible aside. We'll get back to the science fiction reading later"...!⁽⁷⁾

Notes

1. <http://creation.com/did-life-come-from-outer-space>, <http://creation.com/did-god-create-life-on-other-planets>, (last accessed on December 26th, 2012).
2. Sagan, Carl, *Carl Sagan's Cosmic Connection: An Extraterrestrial Perspective*, Cambridge University Press, 2000.
3. Davies, Paul, *God and the New Physics*, Penguin, 1990.
4. Mohs, Mayo, *Other Worlds, Other Gods*, Introduction, New English Library, 1971.
5. Heilbron, John L., *The Sun in Church: Cathedrals as Observatories*, Harvard University Press, 1999.
6. George Carlin, You Are All Diseased, live broadcast HBO stand-up comedy special, February 6th, 1999.
7. George Carlin, It's Bad for Ya, HBO stand-up comedy special, March 1st, 2008.

ANEXO A

O documento que a seguir se transcreve constitui um excerto de "You Are All Diseased", um espectáculo especial de George Carlin de “stand-up comedy”, gravado e transmitido ao vivo pela HBO a 6 de Fevereiro de 1999, no Beacon Theater em Nova Iorque, nos E.U.A..

"...But in the bullshit department, in the bullshit department, a businessman can't hold a candle to a clergyman... cause I gotta tell you the truth folks, I gotta tell you the truth. When it comes to bullshit, big time, major league bullshit, you have to stand in awe, in awe, of the all-time champion of false promises and exaggerated claims... religion.

No contest! No contest! Religion easily has the greatest bullshit story ever told. Think about it... religion has actually convinced people that there's an invisible man living in the sky who watches everything you do, every minute of every day, and the invisible man has a special list of 10 things he does not want you to do! And if you do any of these 10 things, he has a special place full of fire and smoke and burning and torture and anguish where he will send you to live and suffer and burn and choke and scream and cry forever and ever till the end of time... but he loves you.

He loves you and he NEEDS MONEY! He always needs money! He's all-powerful, all-perfect, all-knowing, and all-wise, somehow, <snap> just can't handle money! Religion takes in billions of dollars, they pay no taxes, and they always need a little more.

Now, you talk about a good bullshit story... Holy shit!"